

# MESTRES DO TERROR EDGAR ALLAN POE e Outros Escritores

## ÍNDICE

[A Missa das Sombras](#)

Anatole France

[Avatar](#)

Théophile Gautier

[Um Louco?](#)

Guy de Maupassant

[Metempsicose](#)

Walter Polisenno

[Camarote 105, Beliche Superior](#)

Marion Crawford

[Ratos do Cemitério](#)

Henry Kuttner

[A Mão do Hindu](#)

Arthur Conan Doyle

[William Wilson](#)

Edgar Allan Poe

[O Fantasma Inexperiente](#)

H. G. Wells

[A Mão do Macaco](#)

W. W. Jacobs

---

# A MISSA DAS SOMBRAS

## Anatole France

Eis o que o sacristão da igreja de Santa Eulália, em Neuville-d'Aumont, me contou debaixo da latada do Cavalo-Branco, numa bela noite de verão, bebendo uma garrafa de velho vinho, à saúde de um morto muito abastado, que ele havia enterrado honrosamente naquela manhã mesma, sob um tecido cheio de belas lágrimas de prata.

Meu finado e pobre pai (quem fala é o sacristão) foi, em vida, coveiro. Era de humor agradável, e isso sem dúvida decorria de sua profissão, porque se tem reparado que as pessoas que trabalham nos cemitérios possuem espírito jovial. A morte não os atemoriza absolutamente; jamais se preocupam com ela. Eu, que lhe estou falando, senhor, penetro num cemitério, à noite, tão serenamente quanto no caramanchão do Cavalo-Branco. E se, por acaso, encontro um espectro, não me inquieto absolutamente com isso, porque reflito que ele pode perfeitamente ir cuidar de seus negócios, da mesma forma que eu dos meus. Conheço os hábitos dos mortos e seu caráter. Sei a tal respeito coisas que os próprios sacerdotes ignoram. E o senhor ficaria surpreso se lhe contasse tudo que tenho visto. Mas, nem todas as verdades são próprias para serem contadas, e meu pai, que, todavia, gostava de narrar histórias, não revelou a vigésima parte do que sabia. Em compensação, repetia muitas vezes as mesmas narrativas e, ao que eu saiba, relatou bem umas cem vezes a aventura de Catarina Fontaine.

Catarina Fontaine era uma velha solteirona, que ele se lembrava de ter visto em criança. Não me surpreenderia se ainda houvesse na região, até, uns três velhos que ainda se recordem de ter ouvido falar a seu respeito, porque ela era muito conhecida e considerada, embora pobre. Morava numa esquina da Rua das Freiras, na torrezinha que o senhor ainda pode ver e que depende de um velho palacete arruinado, que dá para o jardim das Ursulinas. Há, nessa torrezinha, figuras e inscrições meio apagadas. O falecido pároco de Santa Eulália, Levasseur, dizia aí estar escrito, em latim, que "o amor é mais forte que a morte". O que se refere, acrescentava, ao amor divino.

Catarina Fontaine vivia sozinha nessa pequena habitação. Fazia rendas. O senhor sabe que as rendas de nossa região eram, antigamente, muito afamadas. Não se conheciam parentes ou amigos seus. Dizia-se que amara, aos dezoito. anos, o jovem cavaleiro d'Aumont", com quem noivara secretamente. Mas as pessoas de bem não queriam acreditar absolutamente nisso e diziam tratar-se de uma história que fora imaginada, porque Catarina Fontaine lembrava mais - uma dama, que uma operária, conservava sob seus cabelos brancos os vestígios de uma grande beleza, possuía um ar triste e se lhe podia ver, na mão, um desses anéis em que o ourives colocara duas mãozinhas unidas e que era costume outrora os noivos trocarem. O senhor saberá, daqui a pouco, o que isso significa.

Catarina Fontaine vivia santamente. Frequentava as igrejas e, todas as manhãs, qualquer que fosse o tempo, ia ouvir a missa de seis horas, em Santa Eulália.

Ora, uma noite de dezembro, quando ela estava deitada em seu pequeno quarto, foi despertada pelo toque dos sinos; certa de estarem eles anunciando a primeira missa, a piedosa senhora vestiu-se e desceu à rua, onde a noite era tão fechada que se não viam absolutamente as casas; claridade alguma era perceptível, no céu negro. E reinava tamanho silêncio nessas trevas - que nem penso um cão ladrava ao longe - que a pessoa se

sentia completamente separada do mundo dos vivos. Mas Catarina Fontaine, que conhecia cada uma das pedras onde pisava e que podia ir à igreja de olhos fechados, alcançou, sem dificuldade, a esquina da Rua das Freiras com a Rua da Paróquia, no ponto onde se ergue a casa de madeira que exhibe uma árvore de Jessé, esculpida numa volumosa trave. Tendo alcançado esse local, ela viu que as portas da igreja estavam abertas e que deixavam sair uma grande claridade de círios. Continuou a caminhar e, tendo entrado, encontrou-se numa reunião, que enchia a igreja. Ela, porém, não reconhecia nenhum dos presentes, e estava surpresa ao ver - aquelas pessoas trajadas de veludo e de brocado, - plumas no chapéu e trazendo espada, à maneira dos tempos de antanho. Havia senhoras que seguravam longas bolsas de castão de ouro e damas com toucados de nadas, presos com um pente em diadema. Cavaleiros de e Luís davam a mão a essas senhoras, que escondiam atrás do leque um rosto pintado, do qual só era visível um sinal no canto dos olhos! E todos iam colocar-se em seu lugar, sem o menor ruído, e não se ouvia, enquanto andavam, nem o som dos passos no lajedo, nem o roçar dos tecidos.

As naves laterais enchiam-se de multidão de jovens artesãos, de casaco pardo. calções de fustão e meias azuis, que seguravam pela cintura raparigas lindíssimas, rosadas, que conservavam os olhos baixos. E, junto às pias de água benta, camponesas de saia vermelha e corpinho de atar, sentavam-se no chão com a tranqüilidade dos animais domésticos . enquanto uns mocetões, de pé atrás delas, - alavam os olhos, rodando o chapéu nos dedos. E todas aquelas fisionomias silenciosas pareciam imobilizadas para sempre, no mesmo pensamento, suave e triste. Ajoelhada em seu lugar costumeiro, Catarina Fontaine viu o sacerdote caminhar para o altar, precedido por dois acólitos. Não reconheceu nem o sacerdote, nem os ajudantes. Começou a missa. Era uma silenciosa missa, na qual não se ouvia absolutamente o som dos lábios que se agitavam, nem o rumor da sinéta agitada inutilmente. Catarina Fontaine sentia-se sob o olhar e sob a influência de seu misterioso vizinho e, tendo olhado, sem quase volver a cabeça reconheceu o jovem cavaleiro d'Aumont-Cléry, que a havia amado e que morrera fazia quarenta e cinco anos. Reconheceu-o por um sinalzinho que ele possuía sob a Orelha esquerda e, principalmente, pelo sombreado dos longos cílios negros em seu rosto. Vestia o traje de caça, com botões dourados, que ele usara no dia em que tendo-a encontrado no bosque de São Bernardo, roubara-lhe um beijo. Conservava a Sua Mocidade e seu bom aspecto. Seu sorriso ainda mostrava uma dentadura de jovem lobo. Catarina disse-lhe, baixinho:

Senhor, vós que fostes meu amigo e a quem dei outrora o que uma jovem possui de mais precioso, Deus vos tenha em sua graça! Possa ele me inspirar, finalmente, o pesar pelo pecado que cometi convosco: porque é verdade que, de cabelos brancos e próxima da morte, ainda não me arrependo de vos ter amado. Mas, finado amigo, meu belo senhor, dizei-me, quem são essas pessoas trajadas à maneira antiga, que estão assistindo aqui a esta silenciosa missa.

O cavaleiro d'Aumont-Cléry respondeu com uma voz mais débil que um sopro e, não obstante, mais clara que o cristal:

— Catarina, esses homens e essas mulheres são almas do purgatório, que ofenderam a Deus, pecando, a nosso exemplo, pelo amor das criaturas, mas que nem por isso estão desligadas de Deus, porque seu pecado foi, a exemplo do nosso, sem maldade. Enquanto

separadas daqueles que amavam sobre a terra, elas se purificam no fogo do purgatório, padecem as dores da ausência, e para elas esse sofrimento é o mais cruel. São tão infelizes que um anjo do céu se apiedou de seu martírio de amor. Com o consentimento de Deus, reúne, todos os anos, durante uma hora da noite, o amigo à amiga em sua igreja paroquial, onde lhes é permitido assistir à missa das sombras, segurando-se pela mão. Esta é a verdade. Se me foi permitido ver-te aqui antes de tua morte, Catarina, tal coisa não se realizou sem a permissão de Deus.

E Catarina Fontaine lhe respondeu:

— Bem desejaria morrer para voltar a ser formosa como nos dias, meu finado senhor, em que te dava de beber na floresta.

Enquanto falavam assim, baixinho, um cônego muito idoso recolhia as esmolas e apresentava uma grande salva de cobre aos presentes, que ali deixavam cair sucessivamente moedas antigas, desde muito tempo fora de circulação: escudos de seis libras, florins, ducados, nobres com a rosa, e as moedas caíam em silêncio.

Quando a salva de cobre lhe foi apresentada, o cavaleiro depositou um luís, que não fez mais ruído que as outras moedas de ouro ou de prata.

Depois, o velho cônego parou em frente de Catarina Fontaine, que procurou em seu bolso, sem nele encontrar, um real. Então, não desejando recusar sua dádiva, tirou do dedo o anel que o cavaleiro lhe dera na véspera de sua morte, e atirou-o na concha de cobre. O anel de ouro, ao cair, ressoou como um pesado badalo de sino e, ao ruído atroador que ele fez, o cavaleiro, o cônego, o oficiante, os agitaram, as damas, os cavaleiros, toda a assistência desapareceu; os círios se apagaram e Catarina Fontaine ficou sozinha nas Trevas".

Tendo concluído assim sua narrativa, o sacristão bebeu um grande copo de vinho, ficou um instante a meditar e depois prosseguiu, nestes termos:

Contei-lhe esta história exatamente como a ouvi muitas vezes de meu pai e creio que é verdadeira, porque corresponde a tudo o que tenho observado das maneiras e dos costumes peculiares dos defuntos.

Convivi com os mortos, desde minha infância, e sei que eles costumam voltar a seus amores.

— É por isso que os mortos avarentos vagam, à noite, nas proximidades dos tesouros que eles esconderam durante a vida. Montam boa guarda à volta de seu ouro; mas os cuidados que eles tomam, longe de lhes servirem, prejudicam-nos, e não é raro descobrir-se dinheiro enterrado na terra, pesquisando-se o sítio freqüentado por um fantasma. Da mesma forma, os finados maridos vêm atormentar, à noite, suas mulheres, casadas em segundas núpcias, e eu poderia indicar muitos que vigiaram melhor suas esposas depois de mortos do que o haviam feito em vida...

Esses são dignos de censura, porque, em boa justiça, os defuntos não deveriam ser ciumentos. Mas lhe estou contando o que tenho observado. Por isso é que se deve ter cuidado quando se desposa uma viuva. Aliás, a história que lhe relatei tem sua comprovação no seguinte fato:

Na manhã seguinte a essa noite extraordinária, Catarina Fontaine foi encontrada morta em seu quarto. E o padre de Santa Eulália encontrou, na salva de cobre que servia para o

peditório, um anel de ouro, com duas mãos entrelaçadas. Aliás, não sou homem que conte histórias para fazer rir. E se pedíssemos outra garrafa de vinho?..."

---

# AVATAR

## Théophile Gautier

Ninguém podia compreender qual a doença que ia consumindo lentamente Otávio de Saville. Não se encontrava acamado, conduzia vida regular, nunca um lamento lhe saiu dos lábios; entretanto, definhava a olhos vistos. Examinado pelos médicos, que a solicitude dos parentes o obrigavam a consultar, não acusava nenhum sofrimento determinado, e a ciência não descobria sintoma algum grave. Mas a vida afastava-se dele, fugindo por umas dessas frestas invisíveis, de que, segundo Terêncio, o homem está repleto.

Às vezes, uma singular síncope o tornava branco e frio qual mármore. Durante um minuto ou dois, passava por morto, mas logo se reanimava, e Otávio parecia estar despertando de um pesadelo. Fizera uma estação de águas, viajara, mas nem mesmo sob o belo sol de Nápoles obtivera melhores resultados, pois, onde os "lazzaroni" seminus se bronzeavam, Otávio sentira-se gelar.

Voltara, portanto, ao seu apartamento da Rua São Lázaro, e retomara, aparentemente, seus velhos hábitos. Aquele apartamento de solteiro, mobiliado com elegância, com todo conforto, parecia sofrer a influência e o pensamento de quem ali habitava, pois também era triste, apesar do luxo que nele reinava. João, o velho servo de Otávio, qual uma sombra, na ponta dos pés, porque, impressionado pela melancolia do patrão, perdera sua habitual loquacidade. Estatuetas, troféus de caça, máscaras artísticas. armas, pendiam das paredes. Uma carta mal começada. livros abertos, permaneciam pelas mesas. Embora habitado. o apartamento parecia deserto. A vida estava ausente dali e os raros visitantes tinham a impressão de receber no rosto um sopro de ar gélido, do que sai das sepulturas quando se abrem.

Nessa lúgubre morada, onde jamais uma mulher jovem pusera pé, Otávio se encontrava mais à vontade do que em qualquer outra parte: o silêncio, o abandono, a tristeza, convinham-lhe. Fugia ao tumultuar das festas, cessara de lutar contra aquela misteriosa dor e deixara o tempo correr, entregando a Deus a solução do seu caso.

Todavia, antes de assim enlanguescer, Otávio tinha sido o que se chama um belo rapaz: espessos cabelos negros, crespos e brilhantes nas têmporas, olhos longos e aveludados, de azul profundo, encimados por sobranceiras recurvas, davam a impressão de pertencerem a algum oriental; tez olivastrea, mãos finas e delicadas, pés pequenos e arqueados. Trajava-se bem, sabia explorar seus dotes naturais, e recepções.

E por que esse moço, belo e rico, tendo tudo para ser feliz, ia definhando lentamente? Porque os médicos não atinavam a causa de sua moléstia, porque a alma não fora ainda

seccionada. nos laboratórios anatómicos de Paris.

Estava nesse ponto, quando resolveu procurar um médico famoso, recém-chegado das índias, gozando da fama de operar curas. miraculosas. Otávio, porém, parecia temer esse encontro com o doutor Baltasar Cherbonneau, que sua mãe, tão aflita, lhe recomendara.

Quando o médico chegou, o jovem estava estendido no divã, debaixo de um cobertor, tendo ao lado a mesinha repleta de vidros de remédios. Não fora pela sua palidez e a atonia profunda do olhar, seu aspecto seria de uma pessoa sadia.

Embora já indiferente a tudo, a presença do médico o chocou. Baltasar Cherbonneau dava a impressão de uma figura fugida de um conto fantástico de Hoffmann. Rosto bastante escuro, que terminava, ao alto, num crânio enorme, cuja calvície tornava ainda mais vasto, liso e brilhante como marfim. Os raros cabelos, grisalhos, estavam ajeitados em mechas, junto às orelhas e na nuca. Porém o que mais atraía a atenção eram seus olhos. Naquele rosto magro e ossudo, pele de pergaminho, onde a ciência havia impresso sua marca, eles resplandiam. como duas estrelas azuis, límpidos, frescos, cheios de mocidade. Seu traje era o mais clássico dos médicos: casaco comprido, calças negras, camisa branca, ande, no peitilho, reluzia um enorme diamante. Sua magreza era impressionante, dando-lhe um aspecto de um faquir, ossudo, comprido. Passava por dandy ou gentleman rider.

— Então, meu senhor? - disse o médico, após um silêncio, que lhe serviu para uma rápida inspeção - já vi que o senhor não é um caso de patologia vulgar, não tem nenhuma dessas moléstias que os médicos curam ou pioram e, depois de examiná-lo, fique certo de que não lhe darei nenhum papel rabiscado, desses que os farmacêuticos tanto gostam de aviar.

Otávio sorriu debilmente, mas o médico prosseguiu:

— Dê-me a mão.

Quando Cherbonneau tomou nas suas mãos ossudas, que pareciam garras, a mão delicada e úmida do moço, este sentiu uma ansiosa emoção, pois lhe parecia que o outro lhe arrancasse a alma, com aquela pressão.

— Meu caro senhor, - sentenciou o médico, abando, dando a mão do jovem - suas condições são muito mais graves do que está pensando, e a ciência, ao menos a européia, nada pode fazer. O senhor não possui mais vontade de viver, sua alma se destaca lentamente do corpo. Caso raro e curioso: se eu não me opuser, o senhor acabará morrendo, sem qualquer lesão interna ou externa. Fez bem em chamar-me, porque o espírito está preso à matéria por um fio. Mas, saberemos dar-lhe um belo nó.

E o médico esfregou alegremente as mãos, com um grotesco sorriso.

— Senhor Cherbonneau, não sei se irá curar-me, nem tenho desejo que assim o faça, mas devo confessar que de relance a causa do misterioso estado em que me encontro. A vida para mim não passa de uma pantomima, que eu represento ainda para não afligir mais minha Pobre mãe, pois já me sinto fora da esfera humana.

— O senhor está com uma impossibilidade de viver. Que dor lhe dilacera o fígado? De que alta ambição tombou? É muito moço para essas coisas... Alguma mulher o enganou? Love's labours lost, que quer dizer, se me não engano, penas de amor perdidas...

Precisamente... - e Otávio empalideceu. ao ralar. - Mas. não espere nada de romanesco,

doutor, é uma aventura comum, tão vulgar, que até sinto acanhamento em confessar a um homem tão viajado e vivido... Pois bem, doutor, eu estou morrendo de amor...

Encontrava-me em Florença, em 184... em fins do verão, a melhor estação para se ver Florença. Eu possuía tempo, dinheiro, boas cartas de recomendação, e era um rapaz bem humorado, que desejava divertir-se. Visitei todos os museus e pontos pitorescos da cidade, diverti-me a valer, passei um mês dos mais felizes de minha vida, mas minha ventura não podia durar. Um dia, uma rica e nobre carruagem passou por mim. Era uma caleça aberta, com criados de libré e brasão impresso aos lados. Nela estava uma dama trajada de verde, mas de um verde prateado, uma loura esplendorosa, dessas cuja beleza é até um insulto, tanto estava segura de si. Seu rosto tinha, como auréola, um chapeuzinho da mais fina palha florentina e a sua única jóia era um bracelete de ouro, marchetado de turquesas. Testa cândida e pura, cílios que lembravam miniaturas medievais, boca divinal, e seus olhos azuis tinham estranhas mutações. Tudo nela me encantou, fazendo-me esquecer os amores passados. Uma nova vida começou para mim, depois daquele fatal encontro.

Soube, mais tarde, que era a condessa Prascóvia Labinski, lituana de ilustre linhagem, riquíssima, cujo marido fazia dois anos que combatia no Cáucaso. Graças a minhas influências, consegui ser recebido por ela, e, se sua maravilhosa beleza me encantara, mais ainda me seduziu seu espírito. Não lhe confessei meu amor, pois em sua presença eu ficava inibido até de pensar. Vinte vezes tomei essa resolução, porém, uma incrível timidez me impedia as palavras. Saía de sua casa, murmurando-lhe o nome, baixinho, e experimentava um singular prazer em pronunciar-lhe as sílabas repetidamente. E traçava aquele nome adorado em tudo quanto era papel que me surgisse à frente. Deixei de ler, de escrever, de ir a festas, não mais me importavam as cartas que recebia de França. Contentava-me em amar, sem nada pedir, sem a menor sombra de esperança, pois a virtude da condessa era inatacável.

Um dia, porém, não mais podendo conter o desejo de rever a minha visita habitual. Encontrei-a a sós, reclinada no canapé. Nunca me pareceu tão linda como naquele langoroso abandono.

Acenou-me uma poltrona a seu lado. Sentei-me, e reinou entre nós, por alguns momentos, um desses silêncios que se tornam tão penosos em certas circunstâncias. Meu cérebro estava em chamas, ondas de fogo me subiam do coração à boca e meu amor me gritava: "Não perca esta suprema ocasião!" Não sei que teria dito, quando a condessa, talvez adivinhando a causa de minha perturbação, estendeu para mim sua linda mão, como para fechar-me a boca, e disse:

— Não diga uma palavra, Otávio. O senhor me ama, sinto-o, mas não o culpo, porque o amor é involuntário. Outras mulheres, mais severas, poderiam ofender-se, mas eu o lamento, porque não posso corresponder-lhe, e dói-me vê-lo sofrer. Amaldição o capricho que me fez vir para cá. Pensei, a princípio, que minha indiferença poderia fazê-lo desistir, mas o verdadeiro amor não recua nunca. Eu devo, porém, proteger meu nome e do meu marido, o conde Labinski, a quem adoro, e que é louco por mim.

Uma torrente de lágrimas brotou-me dos olhos, ante essa declaração, tão franca, nobre e leal. Prascóvia, como-vida, passou o lenço pelos meus olhos.

— Não chore, está proibido de chorar. Faça de conta que morri, viaje, pratique o bem,

viva, console-se na arte, em outro amor... Pode continuar a visitar-me, que será sempre bem recebido, mas creio que será melhor afastar-se de mim, a distância deve ser o remédio mais adequado. Penso que, daqui a dois anos... poderemos encontrar-nos sem perigo.

No dia seguinte, deixei Florença, mas nem as viagens nem o estudo e tampouco o tempo tiveram a força de diminuir-me os sofrimentos, e sinto-me morrer. Não mo impeça, doutor!

— Nunca mais viu a condessa? - perguntou o médico, cujos olhos brilhavam singularmente.

— Não, mas ela se encontra aqui, em Paris...

E, ao responder, apresentou um cartão de visita, onde se lia: "A condessa Prascóvia Labinski recebe às quintas-feiras".

Dois anos haviam transcorrido desde que a condessa Labinski sustara nos lábios de Otávio a declaração de amor que ela não devia ouvir. O rapaz, caído do alto de seu sonho de amor, afastara-se, levando consigo a devoradora mágoa, e nunca mais dera notícias de si a Prascóvia. Mais de uma vez, porém, a condessa pensara, com tristeza, em seu pobre admirador. Tê-la-ia esquecido? Sua alma bem formada sofria em pensar que alguém era infeliz por sua causa.

Prascóvia e Olaf amavam-se desde a infância e, ao voltar ele da guerra, o amor entre ambos aumentara. Nada poderia perturbar sua felicidade. O conde era esbelto, elegante, e, sob uma aparência delicada, ocultava músculos de aço. Sua presença, em grande uniforme, nas festas, provocava a inveja dos homens e a admiração das mulheres. Era realmente um rival contra quem nada poderia fazer Otávio de Saville. Desde sua chegada a Paris, a condessa enviara aquele cartão e, ao ver que ele não aparecia, dizia entre si, com mal contido prazer: "Ele ainda me ama!" Apesar disso, era uma mulher angelicamente pura e casta como a neve dos mais excelsos cumes do Himalaia.

— Sua história prova-me que qualquer esperança de sua parte seria quimérica, pois a condessa jamais correspondera ao seu amor, - sentenciou o médico. - Mas existem poderes ocultos que a ciência moderna desconhece, e dos quais se conserva a tradição nesses estranhos países chamados bárbaros por uma ignorante civilização. Aqueles sábios, que possuem visões estranhas e que seguem de êxtase em êxtase as ondulações que deixam as eras desaparecidas sobre o oceano da eternidade, percorrem o infinito em todas as direções, assistem à criação dos universos, à gênese dos deuses e às suas metamorfoses. São tidos por loucos, mas são quase deuses!

Otávio ouvia, perplexo. Que conexão poderia haver entre os sábios hindus e sua paixão pela condessa? O doutor lia-lhe o pensamento, e prosseguiu: Paciência, meu caro senhor. Vai ver que não me entrego a digressões inúteis. Farto de interrogar cadáveres, que não me respondiam, nas frias pedras do necrotério, concebi um projeto, tão ousado quanto o de Prometeu, que escalou o céu para roubar o fogo: o pensamento de chegar até à alma, surpreendê-la, analisa-la e seccioná-la. Abandonei a ciência materialista, cuja vacuidade eu sentira. Tentei o hipnotismo, catalepsia, sonambulismo, tudo foi por mim observado. Estudei os arcanos gregos, hebraicos, egípcios, mas meu sonho científico não estava concretizado. A alma me fugia sempre: entre mim e ela, permanecia um véu tênue de

carne, que eu era incapaz de remover. parti para a Índia, buscando encontrar a chave do enigma. Aprendi o sânscrito, conversei com os brâmanes, decifrei as esculturas simbólicas e os emblemas dos deuses híbridos e exuberantes como a própria natureza da Índia. Meditei sobre o círculo de Brama, de Visnu, a cobra de Siva, e todas essas figuras monstruosas me diziam, em sua linguagem de pedra: "Não somos mais que formas, o espírito agita a matéria".

E, após tantos anos de pesquisas, encontrei, junto a um velho e santo sacerdote, Bramalogum, o que eu tanto procurava: conseguir destacar a alma do corpo! Visnu, o deus das dez encarnações, revelara-me a palavra misteriosa, que lhe guiara as várias formas, em seus, Avatares.

E agora, meu caro senhor, se assim me aprouvesse, após fazer os gestos rituais, eu pronunciasse aquela palavra, a alma iria habitar o corpo do homem ou do animal que eu lhe designasse. Só eu possuo, no mundo, este segredo!

— Que está dizendo, doutor? - exclamou Otávio, assustado.

— Quero dizer que a condessa Prascóvia seria demasiado sábia se conseguisse reconhecer a alma de Otávio de Savifie rio corpo de Olaf Labinski...

O doutor Baltasar Cherbonneau estava em seu misterioso e exótico consultório, sempre imerso em suas lucubrações - Nos cantos, viam-se os mais fantásticos ídolos de todas as religiões, e obras de pintores famosos, representando os nove Avatares cumpridos por Visnu, em peixe, tartaruga, porco, leão de cabeça humana, anão brâmane, rã, herói combatendo gigantes, menino prodígio, em que certos sonhadores vêem um Cristo hindu, e, no meio da via-láctea, esperando sua última encarnação em cavalo branco alado, cujos coices irão provocar o fim do universo.

O conde Olaf Labinski ouvira falar nos milagres operados pelo médico, e sua curiosidade semi incrédula despertara. As raças eslavas possuem uma tendência inata para lo sobrenatural. Quando ele penetrou no gabinete, sentiu sufocar-se de calor, todo o sangue lhe afluiu às têmporas, os ouvidos zumbiram, mas bastou o médico traçar umas fórmulas mágicas no espaço e a temperatura se tornou agradável.

— Está melhor, agora, senhor conde? Seus pulmões, habituados às brisas do Báltico, devem sofrer, neste ambiente calidíssimo, mas no qual eu tremo de frio. Certamente, o senhor já ouviu falar em meus jogos de prestidigitação e deseja pôr à prova minha habilidade...

— Não, senhor, minha curiosidade não é assim tão frívola; respeito a ciência.

— Não sou um cientista, no sentido que aqui dão a essa palavra. Apenas, estudei as potências ocultas, espireito a alma. O espírito é tudo, a matéria não existe, o universo talvez não passe de um sonho de Deus. O senhor já deve ter ouvido falar no espelho mágico, onde Mefistófeles fez o doutor Fausto ver a imagem de Helena. Queira curvar-se sobre essa inocente taça de água, e pense intensamente na pessoa que deseja ver. Viva ou morta, próxima ou distante, ela atenderá ao seu apelo, do outro lado do mundo ou da profundidade da História!

O conde inclinou-se sobre a taça, e logo viu a água turvar-se e um círculo, irisado por todas as cores do prisma, se espalhou pelas orlas do vaso, emoldurando o quadro que se esboçava sob a nuvem alvacentas. Logo a névoa se dissipou. Uma jovem senhora, de olhos

verde-mar e cabelos de ouro, sentada ao piano, que, em trajes de casa, passava suas mãos distraídas por sobre o teclado, desenha-se na água, que se tornara transparente; era Prascóvia Labinski, que, ignara de tudo, atendia à apaixonada invocação do marido.

— E, agora, passemos para algo mais curioso - disse o médico, apanhando a mão do conde e pousando-a numa das varetas de aço que estavam sobre a mesa.

Mal tocou o metal carregado de fulgurante magnetismo, caiu como se fora atingido por um raio. Baltasar Cherbonneau recebeu-o nos braços, levantou-o qual uma pluma e colocou-o num divã. Em seguida, chamou o criado e disse:

— Mande entrar o Senhor Otávio de Saville.

Quando Otávio - viu o conde Olaf Labinski estendido, imóvel, pensou logo num assassínio, e emudeceu de horror, mas, após um exame mais atento, percebeu que o homem apenas estava adormecido.

Otávio, perturbado pela estranheza das coisas, nada respondia; continuava a fitar Olaf, que jazia com sua nobre figura, qual uma efígie desses cavaleiros que se vêem nas sepulturas góticas. Sentia um vago remorso só em pensar que em breve iria furtar-lhe o corpo. O médico, ao vê-lo assim pensativo, sorriu com desdém, e preveniu-o:

— Se não estiver firme em sua convicção, posso reanimar o conde, mas, pense bem, ocasião como esta talvez nunca mais se apresente. Todavia, por muito que seu amor me comova e por mais vivo que seja meu desejo de realizar uma experiência nunca tentada na Europa, não devo ocultar-lhe que essa permuta de almas tem seus perigos. Interrogue bem seu coração. Está disposto a arriscar francamente sua vida nesta suprema cartada?

— Estou pronto - foi a simples resposta.

— Está bem, rapaz - exclamou o médico, esfregando as mãos mornas e secas, com grande rapidez, à maneira dos selvagens quando acendem o fogo. - Essa paixão, que nada faz recuar, agrada-me. Ali, meu velho Brama-Logum. você vai ver, do fundo dos céus da Índia, que não me ensinou em vão a palavra mágica!

Sente-se nessa poltrona, à minha frente, e confie em mim. Olhos nos olhos, mãos nas mãos... O encantamento já está agindo... as noções do tempo e do espaço desaparecem, a consciência do eu se evola, as pálpebras se fecham, os músculos não recebem mais ordens do cérebro, relaxam-se; o pensamento se embota, todos os delicados fios que prendem a alma se soltam. Brama, em seu ovo de ouro, onde sonhou durante dez mil anos, não estava mais separado das coisas exteriores. Saturemo-lo de eflúvios, inundemo-lo de raios... - e o médico, ao murmurar essas frases, não parava de traçar círculos mágicos, de seus dedos brotavam faíscas luminosas, que iam atingir - testa e o coração do paciente, em redor do qual se formava, aos poucos, uma áurea visível e fosforescente.

Isto feito, envergou com solenidade um roupão de linho, lavou as mãos em água perfumada, apanhou de diferentes caixas certos pós, com que traço, nas faces e na testa do moço, sinais hieráticos, cingiu nos braços o cordão brâmane, leu alguns poemas sagrados, abriu totalmente as bocas dos aquecedores e logo a atmosfera se tornou tórrida, insuportável.

— É necessário que estas duas centelhas de fogo divino, que agora irão encontrar-se nuas e despojadas de seu invólucro mortal por alguns segundos, não venham a empalidecer-se e apagar-se em nossa atmosfera glacial - murmurou o médico, olhando

para o termômetro, que marcava 1209 Fahrenheit.

Entre aqueles dois corpos mortos, Cherbonneau, em suas brancas vestes, parecia o sacerdote daquelas religiões sanguinárias, que atiravam corpos humanos nas fogueiras de seus deuses. Aproximou-se do conde Olaf, que jazia imóvel, e pronunciou a inefável sílaba, que depois repetiu sobre Otávio, imerso em sono profundo. Ninguém reconheceria naquela figura hoffiniana, que exercitava aquele sinistro ritual, o médico de pouco antes.

Aconteceram, então, coisas estranhas. Otávio de Saville e Olaf Labinski foram tomados, simultaneamente, uma convulsão quase agônica: seus rostos se decomuseram, leve espuma subiu-lhes aos lábios, a tez se lhes cobriu de mortal palidez, ao passo que duas chamazinlias azuis e tênues cintilavam, trêmulas, sobre suas cabeças. A um gesto fulmíneo do médico, que traçava o caminho que elas deviam seguir, no ar, as duas faúlhas fosforescentes moveram-se, deixando atrás de si um sulco luminoso, indo para suas novas moradas; a alma de Otávio ocupou o corpo do conde e, a deste, o corpo de Olaf. O avatar fora cumprido!

Um leve rubor indicava que a vida já reentrara naquelas figuras de argila, tornadas exanimas por alguns segundos e das quais o Anjo Negro não tardaria a apossar-se, sem o poder do médico, cujas pupilas flamejavam de triunfo.

— Médicos e cientistas de todas as eras, um humilde faquir sabe mil vezes mais que vocês! Que importa o ,`cadáver, quando se governa o espírito? Agora, despertemo-los.

E, após um singular bailado, sacudindo os dedos a todo instante, o estranho personagem fez Otávio Labinski (assim chamaremos, doravante, o jovem francês) despertar e sentar-se. Otávio passou as mãos pelos olhos e olhou em redor de si, atônitamente, pois sua consciência ainda estava adormecida. Quando recobrou a lucidez, a primeira coisa que viu foi seu próprio corpo sobre um divã. Lançou um grito, e aquela voz, que não era mais a sua, aterrorizou-o.

— Então, que lhe parece sua nova residência? - interrogou Cherbonneau, depois de gozar bastante com o espanto do moço. - Não deseja mais morrer? Agora, as portas do palácio Labinski estão abertas para o senhor.

— Doutor... o senhor possui o poder de um Deus. . ou de um demônio...

— Oh, não tenha medo, não lhe farei assinar nenhum pacto infernal! Nada mais simples, o que aqui ocorreu. O Verbo, que criou a luz, pode mudar uma alma de lugar.

— Como pagar este inestimável serviço, doutor?

— Nada me deve. Seu caso me interessava. Revelou-me o verdadeiro amor. Ande, levante-se, caminhe, veja SC seu invólucro não o embaraça!

Otávio Labinski obedeceu, deu alguns passos. Embora a alma fosse outra, o corpo do conde conservava o impulso de seus hábitos antigos e o hóspede recente entregou-se àquelas recordações físicas, gostando de tomar o porte, o andar, os gestos do proprietário expulso.

— Se não tivesse eu mesmo efetuado essa troca de almas, não acreditaria - comentou o médico, cheio de orgulho. - Mas, é quase meia-noite, vá para junto de Prascóvia Labinski, antes que ela o censure pela demora. Não comece sua vida conjugal com discussões, seria de mau augúrio.

Otávio Labinski reconheceu a justeza das ponderações e retirou-se logo. Aos pés da escadaria de entrada, estava uma riquíssima carruagem. Otávio entrou e deu ordem ao cocheiro para seguir rumo ao palácio.

Aquela imponente mansão impressionou-o, a princípio, pois mil pensamentos lhe turbilhonavam na mente. E não era para menos, pois ignorava os labirintos internos e os hábitos do conde. Ao chegar ao salão, puxou o cordão de uma campainha; surgiu uma camareira, que lhe disse:

— A Senhora. está à sua espera.

Olaf de Saville (assim ficará sendo chamado, agora) saiu qual um fantasma dos limbos do profundo sono, tendo a impressão de haver sofrido um doloroso pesadelo. Os espetáculos estranhos a que assistira, antes de adormecer, aquele recinto abafado, repleto de figuras estranhas e tétricas, tudo o assustava. A sua frente, porém, se encontrava Baltasar Cherbonneau, sorrindo, bonachão.

— Está satisfeito, o senhor conde, com minhas experiências? Agora, acreditará que o magnetismo não é um jogo de prestidigitação, como dizem os cientistas!

Olaf de Saville acenou afirmativamente e apressou-se em sair. Estranhou, na verdade, a voz do cocheiro, que não tinha sotaque húngaro. Seu espírito ainda se debatia nas estranhas cenas a que presenciara e caiu numa espécie de modorra, despertando somente quando o carro parou. Isso o trouxe novamente a si. Baixou o vidro, olhou para fora e viu uma rua desconhecida, uma casa que não era a sua.

Onde me trouxe ? Este não é o palácio Labinski!

Perdão, senhor, - murmurou o cocheiro - não entendi bem.

— Imbecil, você deve estar bêbado ou louco! - berrou .Olaf de Saville, empurrando o homem.

— Bêbado ou louco deve estar o senhor - retrucou o cocheiro.

— Cale-se, animal, bandido! Saia daqui, antes que suje minhas mãos no sangue ignóbil de um lacaio! É trata seu amo, o Senhor de Labinski?

Aos primeiros gritos, acorrera a criadagem, e um dos fâmulos adiantou-se e disse:

— Já que o senhor pretende ser o Conde Labinski, olhe para cima e veja-o descer as escadas.

Um suor frio banhou as têmporas de Olaf de Saville. jovem elegante, de rosto oval, olhos negros, nariz a os bigodes louros, o qual não era outro senão um espectro modelado pelo diabo, dirigiu-se a ele numa atitude fria e altiva.

— Senhor, pare de insultar os criados. Se deseja falar o conde Labinski ele o receberá do meio-dia às duas. A condessa recebe, às quintas-feiras, as pessoas que tiveram a honra de ser-lhe apresentadas.

Dito isto. o falso conde retirou-se tranqüilamente, ao - que Olaf de Saville era levado para dentro da casa, desmaiado.

Quando recuperou os sentidos, jazia numa cama que não era a dele, num quarto desconhecido, e junto a si estava Um criado estranho, que lhe segurava a cabeça e dava-lhe - Para cheirar.

— O senhor está melhor? - perguntou julgando estar falando com Otávio.

— Sim, mas deixe-me só.

O criado acendeu a luz dos candelabros e saiu. Olaf de Saville foi até o espelho, onde viu a imagem de alguém de cabelos negros e bastos, olhos de um azul escuro, suave. Pálido, melancólico, ornado por uma barbicha, que olhava para ele com ar espantado. A princípio, pensou que fosse brincadeira de algum amigo. Passou a mão por trás de si mas nada encontrou. Notou que suas mãos eram mais compridas e que, no anular direito, havia um anel com um brasão baronal. Nunca tinha visto aquela jóia. Pôs a mão no bolso e encontrou alguns cartões de visita, com este nome: Otávio de Saville. Uma completa transformação se operara nele, sem que o soubesse. Algum mago, ou demônio, roubara-lhe a personalidade, deixando-lhe somente a alma. E o pior é que não poderia fazer valer seus direitos de conde Labinski, pois passaria por louco ou impostor, sua própria esposa o repeliria. Uma idéia atroz picou-lhe o coração!

— Mas esse conde fictício, a estas horas, em forma de vampiro, habita meu palácio, está pondo seu pé de cabra no recinto sagrado de Prascóvia, e esta lhe sorri e se entrega a ele.

O sangue subia-lhe à cabeça, qual fogo ardente; gritava, mordida os punhos, vagava pelo quarto como fera enjaulada. Estava prestes a enlouquecer. Afinal, readquiriu a calma e mergulhou a cabeça n'água, dizendo a si mesmo que aquilo talvez não passasse de uma brincadeira de mau gosto daquele feiticeiro negro. Atirou-se à cama e mergulhou num sono pesado, opaco, semelhante à morte.

O conde abriu os olhos e lançou em torno de si um olhar indagador. Viu um quarto bem mobiliado, onde abundavam cortinas e bibelôs, mas que em nada se parecia com o do palácio em que vivera até então. João aproximou-se.

— O senhor vai levantar-se? - perguntou o servo, apresentando ao amo o traje que Otávio costumava usar pela manhã.

Embora lhe repugnasse vestir a roupa de um estranho, o conde vestiu-a e, a outra pergunta de João, respondeu que desejava o almoço à hora de sempre. Depois, abriu a correspondência, revistou as gavetas, e convenceu-se de que Otávio de Saville existia mesmo, que não era nenhum fantasma. Recebeu a visita do Senhor. Alfredo Humbert, que, após achá-lo algo abatido, convidou-o para uma ceia, à noite. A tristeza do conde ia aumentando gradativamente. João, o criado, tomara-o pelo patrão, os amigos de Otávio também, mas faltava a derradeira prova. A porta abriu-se, e entrou uma senhora de cabelos grisalhos, muito da com o retrato que se via numa das paredes da sala de estar.

— Como vai o meu querido filho? - perguntou ela, sentando-se no divã. - João disse-me que você ontem chegou muito tarde, num estado de debilidade que até assustava. Cuidado, meu filho, sabe quanto o amo, apesar do desgosto que me dá em não querer confiar-me suas penas.

— Não se impressione, mamãe, estou bem melhor, hoje.

A boa senhora, tranqüilizada, levantou-se e saiu, pois sabia quanto seu filho amava ficar só.

— Eis-me, então definitivamente, Otávio de Saville! desabafou o conde, quando a Senhora de Saville se retirou. - Ninguém reconheceu minha alma neste invólucro. Mas saberei fugir desta túnica de Nesso! E porque não posso voltar ao meu palácio. Vamos ver o que há nesta carteira...

Ao abrir a carteira, encontrada no bolso, seu espanto argumentou. Como se encontrava ali o retrato de sua esposa? Aquela Prascóvia, tão religiosamente amada, teria descido de seu pedestal para entregar-se a outro? Sentia que a luz da - estava prestes a deixá-lo-ei, louco de dor e desespero. foi lendo algumas frases que constavam de várias M" que acompanhavam o retrato, de traços incertos, talvez desenhado de memória.

Jamais ela me amará... li a sentença de morte em meigo olhar... Que infeliz sou eu... Não posso dormir só em pensar em Prascóvia... Se adormeço, ela me surge, em sonhos, mais bela que nunca... Ouço espectro invisíveis oficiando a missa fúnebre de meu coração morto. Ela no paraíso e eu no inferno... Oh, como é aquele estrangeiro. Que sublime vida anterior houve nele para Deus recompensá-lo desta forma?

Inútil seria ler mais. Estava claro que Prascóvia se conservara fiel. Otávio de Saville devia ter feito algum pacto com o demônio, para roubar-lhe o amor de Prascóvia o maneira. A lembrança do demo sugeriu-lhe uma visita ao doutor Baltasar Cherboneau.

O estranho médico estava, como sempre, sentado, de pernas cruzadas, sobre o tapete, segurando um pé, embebido em suas meditações, alheio às coisas deste mundo. Ao ouvir passos, levantou a cabeça.

— Oh, é o senhor, meu caro Otávio? Bom sinal quando o doente vem visitar o médico.

— Sabe muito bem que não sou Otávio, mas sim o conde Olaf Labinski, porque ontem, nesta mesma sala, o senhor roubou-me o corpo, mediante suas exóticas bruxarias! - retrucou o conde, cego de raiva.

O médico prorrompeu numa gargalhada convulsa, depois disse, secamente:

— Estou vendo que preciso mudar de tratamento, pois a sua melancolia está-se transformando em loucura.

— Não sei o que me contém que o não estrangule, médico do inferno!

Cherboneau, sorrindo, tocou-lhe o braço com uma varinha. Olaf de Saville recebeu tamanho choque que lhe pareceu ter partido o braço.

— Oh, nós temos meios de reduzir à impotência os doentes recalcitrantes - disse o médico, lançando no moço um olhar gelado como as duchas que domam os loucos. - Vá para casa e tome um banho para acalmar sua super-excitação.

O conde, atordoado pelo choque elétrico, foi procurar o doutor B., em Passy.

— Encontro-me presa de forte alucinação - disse-lhe.

Quando olho para o espelho, meu rosto me parece com traços diferentes... tenho a impressão de não ser mais eu Mesmo.

— Em que aspecto se vê? O engano pode ser dos olhos ou do cérebro.

— Vejo-me com cabelos negros, olhos azuis, rosto pálido e barba negra.

— É o que o senhor é na realidade.

— Então, que devo fazer? Não estou louco, tenho certeza. Sou o conde Olaf Labinski. mas, desde ontem, me chamam Otávio de Savilie.

— È exatamente o que penso. Q senhor é Saville e julga-se Labinski. Venha passar quinze dias em minha clínica. Os banhos, o repouso, o convívio com a natureza, dissiparão esses fluidos. .

O conde agradeceu e prometeu voltar. Não sabia mais que pensar de seu caso. Ao reentrar em seu quarto, viu casualmente o convite da condessa Labinski.

— Com este talismã, - murmurou - poderei vê-la amanhã.

Enquanto o conde vivia as torturas do inferno, Otávio de Labinski se encontrava no paraíso terrestre. Seguiu-se e penetrou no recesso de sua deusa. junto à janela, num delicioso abandono, cabelos soltos pelos ombros, radiante de viço e beleza, esperava-o Prascóvia Labinski, numa visão de sonho! Naquela displicência, era ainda mais bela do que em Florença. Se Otávio não estivesse já louco de amor, teria ensandecido ali. A angústia saía-lhe à garganta, emudecendo-o. Mas reagiu e adiantavam-se, a passos resolutos.

— Ah, é você, Olaf? Veio muito tarde, esta noite!

exclamou ela, sem voltar-se, pois a camareira estava ajeitando-lhe as tranças.

— Otávio Labinski apanhou a mão suave como uma flor, que ela lhe estendia, e imprimiu-lhe um beijo ardente, onde todo o fevor de sua alma.

Não sabemos que instinto de divino pudor, que irracional intuição lhe brotou do coração, mas a mulher retirou logo a mão, entre pejada e indignada. Os lábios de Otávio haviam produzido a sensação de ferro em brasa. Entretanto, logo reagiu e sorriu de sua própria puerilidade. - Você não me responde, caro Olaf. Sabe que já faz mais de seis horas que o não vejo? - disse,- Nunca me abandonou tanto assim. Pensou em mim, ao menos?

— Sempre - respondeu o moço (e era verdade). Oh, não! Eu sei quando você pensa de veras em mim. Esta noite, por exemplo, quando eu estava ao piano, percebi sua alma voejar perto de mim. Por isso, não minta, pois eu adivinho seus pensamentos.

Prascóvia, com certeza, referia-se ao instante em que Olaf lhe evocara a imagem, no laboratório do médico. Após a saída da camareira, Otávio Labinski ali permaneceu, seguindo os movimentos de Prascóvia, com olhos acesos. Perturbada, abrasada por aquele olhar, ela envolveu-se em um peignoir, de onde se via somente sua encantadora cabeça, ainda desnorteada pela expressão que lia nos olhos do marido, que, ela lembrava, sempre tinham sido calmos, suaves, inocentes como os dos anjos. Agora, uma paixão terrestre incendiava aquelas pupilas. E mil hipóteses lhe atravessaram o pensamento. Seria ela, agora, para Olaf, nada mais que uma mulher vulgar, uma cortesã, desejada apenas pela sua beleza? A sublime harmonia de suas almas ter-se-ia rompido? A corrupção de Paris teria afetado aquele coração, que fora sempre tão casto? Um misterioso pavor a possuía, como se estivesse ante um perigoso desconhecido. Levantou-se, agitada, nervosa, e correu para seu quarto. Otávio Labinski seguiu-a e cingiu-lhe a cintura, tal como vira Otelo fazer com Desdêmona. Mas, quando chegaram à porta, Prascóvia virou-se, parou um instante, lançou no moço um olhar de terror, depois entrou e fechou violentamente, a chave.

— O olhar de Otávio! - murmurou, caindo, semi desfalecida, numa poltrona.

Quando se reanimou, disse entre si: "Como pude ver aquele olhar nos olhos de meu marido? No entanto, eu o vi, havia neles aquela chama sombria e desesperada... Teria Otávio morrido? Seria um último adeus de sua alma, antes de deixar este mundo? Olaf, Olaf, perdoe-me se cedi loucamente a vãos temores! Mas, se o recebesse esta noite, estaria certa de entregar-me a outro. "

Deitou-se, mas a noite toda foi presa de pesadelos, de sentimentos de angústia, e somente ao amanhecer conseguiu adormecer. Sempre aqueles olhos ardentes a lançar-lhe jactos de fogo. O conde Olaf também lhe apareceu, mas era um sonho absurdo, o marido

estava revestido de uma forma estranha.

Não tentaremos descrever a desilusão de Otávio ao dar com a cara na porta. Sua suprema esperança desmoronava-se! Recorrera às potências infernais, arriscando sua vida neste mundo e a própria salvação eterna no outro, para conquistar uma mulher, que, afinal, lhe fugia das mãos. Fora repellido como amante e agora o era, também, como marido. A soleira do quarto nupcial, ela lhe aparecera qual um anjo fulminando o espírito do mal. Todavia, não podia permanecer a noite inteira ali, naquela ridícula condição. Procurou o quarto do conde e caiu no leito, esgotado de tantas emoções que sofrera durante o dia, amaldiçoando o doutor Baltasar Cherbonneau.

Acordou bem disposto. O criado ajudou-o a vestir-se. E foi a passos tranquilos que Otávio Labinski seguiu o camareiro, pois não sabia onde ficava a sala de refeições. Admirou, de passagem, as armas e os quadros, as várias manifestações de luxo e esplendor que reinavam no suntuoso palácio. A mesa estava posta à moda russa. Flores, riquíssima baixela, e dois criados de libré, aos lados, imóveis quais estátuas.

Mal sentara, quando ouviu um passo leve deslizar pelo tapete. Um breve roçar de sedas fê-lo voltar a cabeça para trás. Era a condessa Labinski, que entrava. Após um sinal amistoso, ela sentou-se também. Vestia um penteador de tafetá quadriculado, em verde e branco, mas seus cabelos de ouro, enrolados em vistosas tranças, davam-lhe o aspecto nobre de uma escultura grega. Parecia um pouco pálida e uma auréola mal perceptível lhe circundava os lindos olhos, incutindo-lhe um ar lânguido e cansado. Sua beleza, porém, assim, era mais penetrante, tinha algo de humano, a deusa se tornava mulher. Otávio moderou o ardor de suas pupilas, disfarçou seu mudo êxtase com a máscara da indiferença.

A condessa, sacudindo levemente os ombros, como que desejando repelir um último calafrio de febre, fixou os belos olhos naquele homem que julgava seu marido, e, com voz harmoniosa e meiga, plena de carícias, disse-lhe uma frase em polonês. Em Florença, ela lhe falara sempre CM francês ou italiano. A idéia de aprender o idioma de Mckiewicz nunca lhe ocorrera. O pobre enamorado ficou

— Sim, - respondeu o verdadeiro Saville - está louco de amor! Positivamente, condessa Prascóvia, você é demasiado bela!

Duas horas depois dessa cena, o falso conde recebeu uma carta, com o sinete de Otávio de Saville. Continha poucas linhas, que denotavam grande nervosismo de parte de quem as escrevera:

— Lida por qualquer outra pessoa, esta carta poderia parecer vinda do manicômio, mas o senhor me compreende. Circunstâncias jamais vistas no mundo obrigam-me a escrever a mim mesmo. De que tenebrosas maquinações eu tenha sido vítima, ignoro-o, mas o senhor deve saber. E este segredo, se o senhor não for um covarde, vai perguntar-lhe na ponta do cano de minha pistola. Um de nós dois deve morrer, amanhã. Este vasto mundo é pequeno para conter-nos a ambos. Eu matarei meu corpo, habitado pelo seu espírito impostor, ou o senhor matará o seu, onde minha alma se revolta por estar ali presa. Não tente fazer-me passar por louco, pois, onde eu o encontrar, o insultarei. As minhas testemunhas irão entender-se consigo, quanto à hora, o local e as condições".

Tal desafio deixou Olaf de Saville perplexo. Repugnava-lhe bater-se contra si mesmo;

ante ser insultado publicamente, resolveu aceitar o duelo. Mas, onde ir buscar suas testemunhas? Apanhou dois cartões de visita, ao acaso. Eram todos de nobres estrangeiros, o que atestava a vida nômade de Olaf, que tinha amigos em todos os países. Apanhou dois, sem escolher. Eram do Marquês de Sepúlveda e do conde Zamoiecki. Ambos aceitaram a missão.

De sua parte, o falso Otávio também esbarrava com dificuldades, mas, usando a mesma tática do rival, escolheu Alfredo Humbert e Gustavo Raimbaud, embora estes estranhassem tal atitude num homem que fazia um ano que vivia recluso.

Quando tudo ficou estabelecido, era quase meia-noite. Otávio bateu de leve à porta do quarto da esposa, que recusou recebê-lo, aconselhando-o a voltar depois de reaprender a língua - polonesa.

Na manhã seguinte, o doutor Cherbonneau - veio buscá-lo, em companhia das testemunhas. Subiram ambos num carro, enquanto o conde e o marques seguiam num cupê.

— Então, meu caro Otávio, a aventura virou tragédia? - disse o médico - Eu devia ter deixado o conde dormir uma semana, em meu divã. Mas, sempre nos esquecemos de algo... E agora, conte-me como a condessa Prascóvia recebeu seu apaixonado de Florença, em sua transfiguração.

— Creio que me reconheceu, apesar da metamorfose, ou seu anjo da guarda lhe murmurou algo ao ouvido. Encontrei-a casta e pura como a neve polar. Sinto-me ainda mais infeliz de quando a visitei pela primeira vez.

— Quem poderá assinalar os limites da alma? - murmurou o médico, pensativo - Ainda mais quando ela se conserva incontaminada pelo barro humano, tal qual saiu das mãos de Deus, na luz, na contemplação do amor. Sim, ela o reconheceu, seu instinto a protege. Tenho pena de si, pobre Otávio, pois seu mal é realmente sem cura. Se estivéssemos na Idade Média, eu lhe aconselharia o claustro.

— Já pensei nisso.

Tinham chegado. Aquela hora matutina, o bosque apresentava um aspecto pitoresco, mas a poesia da natureza, em toda a beleza do seu despertar, pouco impressionou os dois adversários e suas testemunhas. A vista do doutor Cherbonneau causou desagradável impressão no conde Labinski, que soube, porém, dominar-se.

Mediram as espadas e designaram os lugares dos combatentes, que, em mangas de camisa, puseram-se em posição de guarda, ponta contra ponta.

— Vamos, senhores! - gritaram as testemunhas.

O duelo começou, mas suas condições eram sobremaneira estranhas para os adversários, que tinham à sua frente, cada qual, o próprio corpo. Surgiram vários ataques de parte a parte, bem contidos. O conde, graças à sua educação, era ótimo esgrimista, mas não contava com um braço firme para obedecer-lhe. Otávio, ao contrário, no corpo, do conde, sentia um vigor que jamais possuía.

Olaf lançava golpes ousados, porém Otávio, mais frio e mais calmo, inutilizava-lhe os esforços. A cólera começava a apoderar-se do conde, que desejava, a todo custo, matar aquele corpo impostor, mesmo ao preço de permanecer para sempre Otávio de Saville. Sem meditar no perigo, tentou, num só golpe, atravessar o corpo e a alma do rival, mas

este conseguiu desarmá-lo, atirando-lhe a espada distante.

A vida do marido de Prascávia ficou à mercê de Otávio, que, longe de aproveitar-se dá oportunidade, também lançou fora sua espada, e, fazendo um sinal às testemunhas, foi até o conde, que ficara atônito, e levou-o para dentro da mata.

— Por que não me matou? - indagou o conde lá sabe muito bem que o sol não deve projetar nossas duas sombras na arena e que a terra deverá tragar um de nós.

— Ouça-me com paciência - retrucou Otávio - Sua felicidade está em minhas mãos. Eu posso guardar para sempre este corpo, que lhe pertence. Se recommencarmos a luta, eu o matarei. O conde Olaf Labínski é mais forte do que Otávio de Saville, que o senhor encarna. Sentirei muito em matá-lo, só em pensar a dor que causaria a minha mãe. Além disso, já deve saber que, durante três anos, morri de amores pela condessa Labinski, sem esperança alguma.

— Sim, eu sei... - respondeu Olaf, mordendo os lábios de ódio.

— Pois bem, para chegar até ela, recorri ao doutor Cherbonneau, que realizou, por mim, uma obra prodigiosa, um milagre de estarrecer todos os taumaturgos do mundo. Após adormecer a ambos, trocou-nos as almas. Milagre inútil! Prascóvia não me ama. No corpo do esposo, reconheceu a alma do amante.

Otávio falava com tamanho poder de convicção, e de suas palavras transparecia tanta mágoa, que o conde ficou comovido e acreditou no que dizia.

— Sou um homem enamorado, mas nunca um ladrão - acrescentou o moço - já que aquilo que mais desejo na terra não pode pertencer-me, não sei por que continuar de posse do que é seu. Vamos, dê-me o braço, mostremo-nos reconciliados, agradeçamos às testemunhas, levemos conosco o medico e retornemos ao laboratório mágico de onde saímos transfigurados. O velho brâmane saberá bem desmanchar o que fez.

Sustentando ainda seu papel de conde Labinski, Otávio disse às testemunhas:

— Senhores, meu adversário e eu nos reconciliamos. Nada para esclarecer bem as idéias como cruzar espadas.

Durante o percurso do Boís de Boulogne para a casa do médico, Otávio perguntou a este:

— Caro doutor, vou pôr à prova mais uma vez sua ciência. Precisa reintegrar nossas almas em seus respectivos domicílios naturais. Não lhe será difícil, dado seu poder sobrenatural.

— A operação, desta vez, será mais fácil - concordou Cherbonneau. - Os imperceptíveis filamentos que ligam a alma ao corpo ainda não tiveram tempo de se reajustarem. O senhor conde saberá perdoar a um pobre cientista, que não resistiu ao desejo de realizar uma difícil experiência. Considerem esta metamorfose apenas como um sonho e talvez, mais tarde, vocês me agradecerão por haverem sentido a estranha sensação de terem sido alma de dois corpos. A metamorfose é uma ciência antiga, mas, antes de praticá-la, as almas devem beber da taça do esquecimento, pois nem todos podem, como Pitágoras, se recordarem de haver assistido à guerra de Tróia.

— O benefício de restituir-me a individualidade equivale ao dano de haver-me expropriado dela - respondeu gentilmente o conde - Não quero que o Senhor de Saville leve a mal estas palavras, porém.

Otávio sorriu, mas pensava em suas esperanças frustradas, na sua derrota, e sentia que os liames da vida se lhe haviam novamente partido. Não desejava infligir a sua boa mãe a desolação de seu suicídio e procurava um meio de morrer tacitamente. Alma obscuramente sublime, sabia somente amar ou morrer.

Ao chegarem, o médico conduziu ambos para o recinto Olide fora efetuada a primeira transformação. Girou o disco da máquina elétrica, agitou as varetas, abriu as bocas do aquecedor, para aumentar a temperatura, leu algumas linhas dos exóticos papiros e, dali a minutos, disse aos dois jovens:

— Senhores, estou pronto! Podemos começar?

Enquanto procedia aos preparativos, perturbadoras reflexões assaltavam o cérebro do conde.

— Quando eu adormecer, que fará de minha alma, esse velho macaco? Não será um novo arдил? Contudo, a situação não pudera ser pior do que esta. Otávio podia ter-me morto, e ninguém o acusaria. Pensemos em Prascóvia, e nada de falsos temores. Tentemos a única solução para reconquistar minha esposa.

E tal como já havia feito Otávio, Olaf também segurou a vareta que Cherbonneau lhe apresentava. Fulminados pelos condutores metálicos repletos de fluidos magnéticos, os dois caíram num torpor tão profundo que qualquer um os tomaria por mortos. O médico cumpriu o ritual, pronunciou as poderosas sílabas e, logo, duas pequenas centelhas surgiram sobre os dois corpos imóveis, numa luz tremeluzente.

Ele reconduziu à sua primitiva morada a alma de Olaf Labinski, a qual obedeceu, com um rápido vôo, ao sinal do magnetizador. Mas, a alma de Otávio de Saville ia-se afastando lentamente do corpo do conde e, ao invés de retornar ao seu próprio, subia, subia, jubilosa de sentir-se livre, relutando em volver à sua prisão. Baltasar Cher, bonneau ficou tomado de infinita piedade por aquela Psique, que se debatia, palpitava hesitante, e perguntou a si mesmo se seria mesmo um benefício deixá-la neste vale de lágrimas. Durante aquele minuto, a alma subia sempre e quando o médico, recordando-se de seu dever, repetiu, com acento misterioso, a palavra mágica e projetou um gesto de comando, a débil luz trêmula já estava fora de sua esfera de ação. Transpôs o vidro superior da janela e desapareceu.

Charbonneau cessou os esforços agora já inúteis e acordou Olaf. Este, ao ver-se num espelho, em seu verdadeiro invólucro, lançou um grito de alegria. Mal olhou para os despojos de Otávio e saiu correndo, após apertar a mão do médico.

O velho encontrou-se a sós com o cadáver de Otávio.

— Diabos, abri a gaiola e o pássaro fugiu! Deve estar, agora, tão distante deste mundo que nem o próprio Brama Loguni o apanharia. E aqui estou eu, com um cadáver nas mãos ... Poderia dissolvê-lo num banho corrosivo, mas, depois ...

E, aqui, uma idéia luminosa brilhou no espírito do médico. Apanhou uma pena e escreveu, velozmente, algumas linhas numa folha de papel, que guardou na gaveta da mesa. Eis o que escrevera:

— Não tendo parentes, nem colaterais, lego todos meus haveres ao Senhor Otávio de Saville, a quem me liga particular afeição, deixando-lhe apenas a obrigação de pagar a quantia de cem mil francos ao hospital brâmane de Ceilão, para animais velhos, cansados

ou enfermos, de passar rima renda vitalícia de mil e duzentos francos ao meu servo hindu e ao meu camareiro inglês e de remeter à Biblioteca Mazarina meu manuscrito das leis de Manu.

Este testamento, feito por um vivo a favor de um morto, parece uma das mais bizarras coisas de nossa história, mas logo ela se tornará clara.

O médico tocou o corpo de Otávio de Saville, que o calor da vida ainda não abandonara. Viu, no espelho, seu rosto velho e rugoso, com ar de supremo desdém, e, fazendo em si mesmo o gesto de quem atira fora uma roupa velha, murmurou a fórmula de Brama Logun. Incontinenti, o corpo do doutor Baltasar caiu fulminado no tapete e o de Otávio se levantou, forte, ágil, vivaz.

Otávio Cherbonneau permaneceu algum tempo contemplando seus magros restos mortais, ressequidos, ossudos, lívidos, que, não mais escorados pela alma poderosa onde estiveram até então, exibiam os sinais de uma extrema senilidade e tomaram logo o aspecto cadavérico.

— Adeus, pobre farrapo humano, mísero invólucro que arrastei, durante setenta anos, por todas as partes do mundo. Você prestou-me bons serviços e deixo-o com alguma tristeza. Mas, neste jovem envoltório, que minha ciência saberá tornar robusto, ainda poderei trabalhar, estudar, ler mais palavras do grande livro, sem que a morte o feche à página mais atraente, dizendo: Basta!

Depois desta oração fúnebre, dirigida a si próprio, Otávio Cherbonneau saiu tranqüilamente, para ir tomar posse de sua nova residência.

No dia seguinte, revestido de sua nova -aparência, acompanhou seu antigo corpo ao cemitério, viu-se enterrar, ouviu, com ar compungido, muito bem simulado, os discursos que foram pronunciados à beira de sua cova, e nos quais se deplorava a irreparável perda que sofrera a ciência. Depois, voltou para a Rua São Lázaro, e esperou a abertura do testamento escrito a seu próprio favor.

Nos vespertinos, entre os faits divers, lia-se:

— O doutor Baltasar Cherbonneau, bastante conhecido pela sua longa permanência na Índia, seus conhecimentos filológicos, suas curas maravilhosas, foi encontrado morto, ontem, em seu gabinete. O exame minucioso do cadáver eliminou inteiramente qualquer suspeita de crime. O Senhor Cherbonneau sucumbiu, sem dúvida, devido a excessivos trabalhos intelectuais, ou, talvez, por causa de alguma audaz experiência.

Dizem que um testamento ológrafo, descoberto na escrivania do médico, deixou à Biblioteca Mazarina preciosos manuscritos e constitui seu herdeiro universal um jovem pertencente a respeitável família: O Senhor O. de S."

---

## UM LOUCO?

Guy de Maupassant

Quando me contaram: "Sabe que Jacques Parent morreu numa casa de saúde?", um doloroso calafrio, um calafrio de medo e angústia me percorreu pelos ossos; e revii bruscamente, depois de tanto tempo, aquele corpulento e estranho louco, talvez, maníaco inquietador, medonho mesmo.

Era um homem de quarenta anos, alto, magro, meio curvo, com olhos de alucinado, olhos negros, tão negros que não se lhe distinguiam as pupilas, móveis, inquietas, enfermas, angustiantes. Aquele ser singular, perturbador, que emanava, que lançava em redor de si um vago mal-estar, da alma, do corpo, uma dessas incompreensíveis reações nervosas que fazem crer em influências sobrenaturais.

Ele possuía um sestro aborrecido: a mania de esconder as mãos. Porque jamais ele as deixava errar como nós fazemos sobre todos os objetos, em cima das mesas. jamais ele agarrava as coisas com aquele gesto familiar que todos temos. jamais ele as conservava nuas, aquelas mãos ossudas, magras, algo febricitantes.

Ele as afundava nos bolsos, sob as axilas, ao cruzar os braços. Diziam que receava que elas praticassem, à sua revelia, algum gesto proibido, que cometessem alguma ação vergonhosa ou ridícula, caso as deixasse livres em seus movimentos.

Quando era obrigado a servir-se delas, para os usos comuns da vida, fazia-o por movimentos bruscos, rápidos impulsos dos braços, como se não lhes quisesse dar tempo de agir por si próprias, de fugirem à sua vontade, de executarem outros movimentos. À mesa, servia-se do copo, do garfo ou da faca tão rapidamente que nunca se tinha tempo de prever o que iria fazer antes que ele completasse o gesto.

Então, certa noite, tive a explicação da surpreendente doença de sua alma.

Ele vinha passar, de tempos em tempos, algum dia comigo no campo, e, naquela noite, apareceu-me particularmente agitado.

Uma tempestade desenhava-se no céu, abafado e negro, depois de um dia de calor atroz. Nenhum sopro de ar movia as folhas. Um calor de forno oprimia os rostos, fazendo os peitos ofegarem. Eu me sentia mal, agitado, e desejava ir para a cama.

Quando percebeu que me levantava para sair, Jacques Parent segurou, me pelos braços, num gesto sobressaltado.

— Oh, não, fique mais um pouco! - exclamou.

Fitei-o com surpresa, e murmurei:

— Essa tempestade próxima abala-me os nervos.

Ele gemeu, ou melhor, berrou:

— E a mim, então? Oh, fique, rogo-lhe, pois não posso estar sozinho!

Pareceu-me desvairado.

Perguntei-lhe:

— Que tem você? Perdeu a cabeça?

— Sim, em alguns momentos, como em noites assim, noites plenas de eletricidade. . . eu tenho... eu tenho... tenho medo... tenho medo de mim mesmo ... Não me compreende? É que sou dotado de um poder ... não, de uma potência... de uma força... Enfim, não sei explicar o que seja, mas existe em mim uma ação magnética tão extraordinária que me apavora, que me faz temer a mim mesmo, como lhe disse há pouco.

E, ao falar, sentia estranhos arrepios, suas mãos vibravam, ocultas, por baixo do paletó.

E eu mesmo me senti logo invadido de um temor confuso, poderoso, horrível. Tive vontade de partir, salvar-me, de nunca mais vê-lo, de jamais tornar a ver aqueles olhos errantes pousarem em mim, e depois se afastarem, fixarem-se no teto, à procura de algo, de algum canto sombrio onde se firmarem, como se ele quisesse ocultar, também, seu temível olhar.

Baluciei a custo:

— Você nunca me disse isso.

E ele retrucou:

— E quer que conte isso a qualquer um? Vamos, ouça, esta noite não mais me posso calar. E apraz-me, realmente, que você fique sabendo de tudo. Sim,- até poderá socorrer-me, se for preciso.

— O magnetismo! Sabem lá o que é? Não. Ninguém o sabe. Todavia, o constatam. Reconhecem-no os próprios médicos, que o praticam. Um dos mais ilustres, Charcot, professa-o; então, sem dúvida, existe.

Um homem, um ser, possui o poder terrível e incompreensível de adormecer, com a força de sua vontade, outro ser, e, durante o sono deste, rouba-lhe o pensamento, ou melhor, sua alma; a alma, esse santuário, esse recesso do Eu, a alma, esse segredo que o homem julga impenetrável, a alma, esse refúgio dos indecifráveis pensamentos, de tudo que ocultamos, de tudo quanto amamos, de tudo que desejamos furtar aos olhos humanos. E ele a abre, viola-a, escancara-a, mostra-a em público! Não é isso atroz, .criminoso, infame?

— Porque, como se pode fazer tal coisa? Quem poderá sabê-lo?

Tudo é mistério. Nós não nos comunicamos com as coisas senão por meio de nossos miseráveis sentidos, incompletos, frágeis, tão débeis que mal têm o poder de verificar o que nos rodeia. Tudo é mistério. Pense na música, essa arte divina, essa arte que nos arrebatava a alma, que a transporta, que a embriaga, que a enlouquece; e que e ela, então? Nada!

Você não me compreende? Ouça. Dois corpos se chocam. O ar vibra. Essas vibrações são, mais ou menos, numerosas, mais ou menos rápidas, mais ou menos fortes, segundo a natureza do choque. Agora, nós temos no ouvido uma pequena membrana, que recebe essas vibrações do ar e as transmite ao cérebro, em forma de som. Imagine que um copo de água se transforme em vinho em sua boca. O tímpano realiza essa incrível metamorfose, esse surpreendente milagre de transformar o movimento em som. E isso é tudo.

A música, essa arte complexa e misteriosa, exata como a álgebra e vaga como um sonho, essa arte feita de matemáticas vibrações, resulta, portanto, da estranha propriedade de uma membrana. Se não existisse essa membrana, o som também não existiria. porque ele, em si, não passa de uma vibração. Sem o ouvido, se tornaria ele em música? Não! Pois bem, nós somos rodeados de coisas que Jamais perceberemos, porque nos faltam os órgãos necessários que no-las revelem.

O magnetismo pode ser uma dessas coisas, talvez. Nós não podemos senão pressentir-lhe o poder, mal tentamos timidamente sentir a proximidade dos espíritos, sem poder explicar esse novo segredo da natureza, porque não possuímos o instrumento revelador.

Quanto a mim - Quanto a mim, sou dotado de um poder espantoso. Dir-se-ia haver outro ser encerrado em mim, que deseja, sem cessar, evadir-se, agir à minha revelia, um ser que se move, que me rói, que me possui. Quem é ele? Nada sei, mas somos dois em meu pobre corpo, e é ele, o outro, que freqüentemente é o mais forte, como acontece esta noite.

Basta-me apenas olhar para as pessoas para adomecê-las. como se lhes houvesse ministrado ópio. Basta-me estender as mãos para produzir coisas... coisas horríveis. Você quer saber? Sim, você quer saber! Meu poder estende-se não só sobre os homens mas também sobre os animais e, mesmo... sobre os objetos.

E isso me atormenta e me apavora. Quantas vezes me assaltou o desejo de vazar os olhos e decepar as mãos!

Mas eu quero... quero que você saiba de tudo! Venha! Vou mostrar-lhe aquilo... não sobre criaturas humanas, que isso todos sabem fazer, vê-se: em toda parte, mas sobre... sobre... um animal.

Chame Mirca!

Ele caminhava a passos largos, feito um alucinado, e suas mãos saíram dos bolsos. Elas surgiram assustadoras, como se ele houvesse desnudado duas espadas.

Eu lhe obedecia maquinalmente, subjugado, vibrando de terror, mas devorado por uma espécie de desejo impetuoso de ver, de saber. Abri a porta e assobiei para minha cadela, que dormia no vestíbulo. Ouvi-lhe logo o raspar das unhas junto às escadas e ela surgiu alegre, balançando o rabo.

Em seguida, fiz-lhe sinal para deitar-se numa poltrona; ela obedeceu e Jacques começou a olhar para ela, afagando-a.

A princípio, a cadela parecia inquieta: estremecia, virava a cabeça. a fim de evitar o olhar fixo do homem, tomada de um medo sempre crescente. De repente, principiou a tremer, como tremem os cães. Todo seu corpo palpitava, sacudido de longos arrepios, e quis fugir dali. Mas Jacques pousou a mão sobre o crânio do animal, que emitiu, ao ser tocado, um desses longos uivos que se ouvem à noite pelos campos.

Sentei-me, também assustado, estarrecido, tanto, como se estivesse enjoando a bordo de um barco em mar agitado. Eu via os móveis caindo, moverem-se pelas paredes. E gaguejei:

— Chega, Jacques, chega!

Mas ele não mais me escutava, olhava para Mirza com um olhar fixo, contínuo, assustador. Ela cerrou os olhos enquanto deixava tombar a cabeça como se houvesse adormecido. Jacques olhou para mim.

— Está feito, agora você já viu.

E, atirando seu lenço para o outro lado do quarto, gritou:

— Traga-mo!

O animal então se levantou e, tropeçando, cambaleando, como se estivesse cego, mexendo suas patas a custo, como os paralíticos fazem com suas pernas, seguiu na direção do lenço, que parecia uma mancha branca no chão. Ela tentou várias vezes pegá-lo na boca, mas mordida aos lados, sem atingi-lo, como se não o visse. Afinal alcançou-o e voltou para nosso lado, sempre . parecendo um cão presa de sonambulismo.

Era um espetáculo horrível de ver. Jacques ordenou:

— Deite-se!

Ela deitou-se. Então, ele lhe tocou a testa e disse:

— Uma lebre! Pega, pega!

— E o animal, sempre de lado, tentou correr movendo-se como se estivesse dormindo, e emitiu, sem abrir muito a goela, pequenos latidos de ventríloquos.

Jacques parecia ter enlouquecido. O suor jorrava-lhe da testa. Gritou:

— Morda, morda seu patrão!

A cadela teve dois ou três terríveis sobressaltos. Eu teria jurado que ela estava resistindo à ordem, que relutava. Ele repetiu:

— Morda-o!

Então, levantando-se, a cadela veio para meu lado. e eu recuei para junto da parede, fremito de medo, o pé levantado para repeli-la.

Mas Jacques ordenou:

— Aqui, depressa!

Ela obedeceu-lhe. Então, com suas mãos enormes, ele pôs-se a esfregar a cabeça do animal, parecendo desembaraçá-lo de invisíveis liames.

Mirza reabriu os olhos:

— Pronto, está acabado, - disse Jacques.

Não ousei sequer tocá-la, e enxotei-a até à porta, por onde saiu. Caminhava lentamente, insegura, esgotada, e ouvi suas unhas novamente arranharem o chão.

Jacque; dirigiu-se a mim novamente:

— E isso não é tudo. O que mais me espanta, eis aqui, tome! Os objetos me obedecem também.

Ele tinha posto sobre a mesa uma espécie de corta, papel, de que me servia para cortar as páginas dos livros. Estendeu a mão para o objeto, que parecia rastejar, aproximando-se lentamente; e de súbito eu vi, sim, o corta- papel estremecer, depois agitar-se, deslizar suavemente, sozinho, sobre a madeira, rumo à mão que o aguardava, colocando-se-lhe entre os dedos.

Pus-me a gritar de terror. Também acreditei ter enlouquecido, mas o agudo de minha voz logo me acalmou.

Jacques recomeçou:

— Todos os objetos vêm, assim, à minha ordem. É por isso que oculto as mãos. Que será isso? Magnetismo, eletricidade, ímã? já não sei mais nada, porém, isso é horrível.

E compreende você, também, por que é horrível? Quando estou só, assim que me encontro só, não posso impedir-me de atrair tudo quanto me rodeia.

E passo dias inteiros mudando as coisas de lugar, não deixando nunca de experimentar esse abominável poder, como para verificar se ele não me deixou!

Ele havia metido de novo suas enormes mãos nos bolsos e olhava para as trevas, além da vidraça. Um pequeno ruído, um leve movimento pareceu sacudir a folhagem, por entre o arvoredo.

Era a chuva que começava a cair.

Murmurei:

— É espantoso!

Fie acrescentou:

— É horrível.

Um estrondo percorreu a folhagem, semelhante a uma rajada de vento. Era o aguaceiro, a pancada d'água, chovia torrencialmente.

Jacques começou a respirar a plenos pulmões, soerguendo o tórax.

— Deixe-me, - disse - a chuva vai acalmar-me. Neste momento, desejo ficar só.

## METEMPSICOSE

Walter Polisenó

Os últimos golpes de picareta ressoaram no silêncio do vale. Havia, em todos nós, uma estranha trepidação, porque chegara, finalmente, o momento esperado, havia meses: a porta de mármore do túmulo do Faraó estava aberta.

Voltei-me, durante um momento, a contemplar o vale dourado pelo sol que descia para o ocaso. Ao longe, divisava-se o magnífico templo branco de Der-Al-Barhi, com suas colunatas, que pareciam imitar o estilo dórico. O templo, cortado na rocha calcária do vale de Tebas; e, coroado por uma gigantesca cadeia de rochedos, assemelhava-se a um anfiteatro, aberto sobre o deserto. O vento soprava através do desfiladeiro do vale, num murmúrio misterioso. O deserto imenso, de um lado, e a maciça barreira de rochedos, do outro, faziam com que nos sentíssemos mesquinhos e perdidos, intimidados pela sua grandeza. Não passávamos de minúsculos pontos no deserto e o próprio templo milenar, visto a distância e no conjunto do quadro, parecia pequeníssimo.

O baque de uma pedra, que se despenhou, acordo num devaneio. A vista e o pensamento voltaram-se para o túmulo de Néfer, cuja abertura negra, na areia dourada, parecia prestes a engolir-nos.

Quer entrar primeiro? - perguntou-me o professor

— Não seria melhor deixar tudo para amanhã? Agora já é tarde.

Clarence mordeu os lábios, com um estranho sorriso.

— Se assim quer, assim seja. Mas, tenho pressa de regressar ao Cairo. Há um mês que estamos neste vale sombrio e silencioso... Podíamos dar-lhe, ao menos, uma olhada.

— Como queira - disse eu, precedendo-o, aborrecido, por ter lido uma nota de ironia no seu olhar. Clarence pensava, provavelmente, que eu tivesse medo e que, como já acontecera a tantos outros, as superstições e as velhas histórias que circundam, com um ar de mistério e terror, as pesquisas arqueológicas no vale do Nilo, me houvessem impressionado também. Descemos por uma estreita passagem, até uma câmara de paredes inclinadas, que se encontravam no alto, para formar o teto. Daí, abriam-se dois corredores, que conduziam, evidentemente, a duas salas, em que estavam dois sarcófagos.

— Vou explorar esta passagem - disse Clarence, enveredando por aquela que ficava à

nossa direita, fazendo sinais aos outros que o seguissem.

— Seria incomodo para o Senhor, explorar esse outro corredor? - perguntou-me, a seguir.

Não lhe dei resposta, e entrei pelo corredor à esquerda, com paredes de pedra coberta de hieróglifos. Cheguei a uma saleta, e a luz da minha lâmpada destacou um baixo relevo de pedra calcária, que continha algumas passagens do Livro dos Mortos. Ao longo das paredes, havia místicas e sobre elas estavam dispostos os objetos mais variados: figurinhas de madeira esculpidas, pintadas com cores vivas, porta-perfumes de alabastro, jarras azuis, em forma de flores de lótus, vasos de Cánapo, recipientes de alabastro para cosméticos. Num ângulo, havia um cofre baixo, com entalhes de majólica azul, marfim e ébano. Nele estavam gargantilhas, amuletos, braceletes e anéis, leques de ouro e ébano, espelhos, mancais de bronze e cobre.

Compreendi que havia penetrado no túmulo de uma jovem egípcia, talvez filha de Néfer. Aproximei-me do sarcófago coroado por Bah, a ave-alma, em forma de falcão, com semblante humano, e por uma estátua, de pedra preta, de Anúbis, o deus do mundo subterrâneo. Sobre a tampa, estava esculpido e pintado em cores muito vivas, com raro poder de expressão, o retrato de uma moça. Na imobilidade misteriosa da pedra, ela parecia fitar-me, de modo estranho. Seus olhos, negros e profundos, e os lábios, numa atitude de impenetrável sorriso, davam-lhe uma aparência de vitalidade que me impressionou

Amun-Eti, filha de Néfer II... contemplei o seu simulacro, absorto, como se ela estivesse viva. Era maravilhosamente bela... mas isso não bastava para explicar aquilo que eu sentia. Havia, nos seus olhos, no seu rosto, na sua expressão, qualquer coisa que suscitava misteriosas harmonias na minha alma, e senti como se aquela criatura, que vivera milhares de anos antes de mim, estivesse junto do meu espírito, fosse parte de mim mesmo, mais do que qualquer outra pessoa viva...

Seguiram-se para mim dias de estranha perturbação e abatimento moral. O pequeno rosto, encantador e misterioso, do sarcófago, atormentava-me, perseguia-me. Via aqueles olhos em todos os cantos; onde quer que pousasse a vista, descobria aquele sorriso doce e impenetrável.

Estávamos catalogando as peças descobertas no túmulo: trabalho de semanas. Mas aquele trabalho, que sempre me havia apaixonado, até então, encontrava-me, agora, ausente, cansado, abúlico. Tinha guardado para mim, antes que outros entrassem na sala de Amun-Eti, um belíssimo colar de lápis-lazúli, que fazia parte de seu enxoval funerário. Queria àquele objeto como a um penhor de amor. Todas as vezes que podia, sem dar nas vistas, quase escondido de mim mesmo, corria a contemplar a figura do sarcófago, viva na imperecível vivacidade das côres egípcias.

Que é que me acontecia? Estaria para cair doente? Iria ficar louco? Às vezes, pensava naqueles que admiram a Gioconda de Leonardo, em Paris, e dela se enamoram, exaltados. Mas, eu, sempre fora homem prático e atido à realidade, espírito científico, antípoda de semelhantes exaltações românticas.

E então?... Amun-Eti!

Contemplando aquele vulto, procurando penetrar o mistério daquele olhar, o segredo

daquela vida, sentia subir em mim uma incomparável paz espiritual. Mas, tinha que lutar, subtrair-me àquela fascinação secreta, antes que meus nervos, por demais tensos, me pregassem qualquer partida perigosa.

Certamente, tudo isso era efeito da solidão e da estranha atmosfera, encantada e quase mórbida, do Vale dos Túmulos dos Reis.

Dei-me pressa em fazer embalar o sarcófago de Amun-Eti, prometendo a mim mesmo não mais pôr-lhe a vista em cima. Mas, estava inquieto, nervoso... E, quando partimos para o Cairo, eu já sabia que não me esqueceria de Amun-Eti, não seria capaz de subtrair-me ao desejo de tornar a vê-la, nem jamais me separaria do colar de lápis-lazúli, símbolo daquela estranha aventura.

O sarcófago, com seu enxoval funerário, ocupou uma pequena sala do Museu do Cairo. O diretor insistiu para que eu dirigisse o arrolamento da sala, mas recusei, alegando um pretexto. Queria evitar tomar a vê-la, lutar contra aquele sentimento impossível, a que não sabia que nome dar, mas que me dominava inteiramente o espírito.

A sala foi aberta ao público e uma semana mais tarde fui lá.

— O louco vai ter medo das sombras - dizia eu para mim mesmo. Aqui, numa grande cidade como o Cairo, e coisa ficaria reduzida a suas justas proporções; verificaria que tudo quanto se passara fora efeito dos nervos e da atmosfera do deserto. Riria de mim mesmo.

O sarcófago estava exposto dentro de um armário de cristal. Alguns visitantes contemplavam a beleza das figuras esculpidas e das cores resplandecentes. A presença deles, sem motivo algum, irritava-me como se fossem intrusos. Esperei ficar, para aproximar-me. Sentia o coração bater apressado, por mais que dissesse a mim mesmo que era um idiota e um sonhador. Fiquei longo tempo a contemplar Amun-Eti. E, de repente, estremeci. Colheu-me uma sensação de vertigem. Fechei os olhos. Agora, sim, devia ter enlouquecido. Porque, refletido no cristal do armário, tinha visto o rosto de Amun-Et! animar-se e sorrir. Voltei-me, instintivamente, e mal pude reter um grito de pasmo. Perto de mim, estava a encarnação viva de Amun-Eti, não um fantasma, mas a cópia viva e palpitante da figura do sarcófago.

A moça olhou para mim e sorriu-me. Era muito jovem. Tinha olhos pretos, com longos cílios. A sua pele era vagamente de uma cor azeitonada. O sangue egípcio revelava-se-lhe nos lábios carnudos e nos zigomas, ligeiramente proeminentes, que davam a seu rosto um acentuado caráter oriental. Trazia um pequeno turbante, de um azul pálido, não diferente do penteado da mesma Amun-Eti. O seu vestido de crepe, cor de canela, desenhava-lhe as formas esbeltas, bem torneadas, revelando as curvas sensuais do corpo moço, que encarnava as linhas ideais do velho Oriente. Afastei-me, embaraçado.

— Desculpe-me - disse. - Fiquei a contemplá-la como um louco. Sinto-me verdadeiramente mortificado.

— Compreendo o seu espanto. Pareço-me tanto assim?... Ou melhor: pareço-me realmente com ela?

Concordei, e ela continuou:

— Vim, picada pela curiosidade, pois me disseram justamente... - deteve-se, incerta. Pareceu-me que compreendeu, então, que estava falando a um desconhecido.

— Sou o professor Dyman... Henrique Dyman - disse eu, apresentando-me. - O acaso

quis que fosse eu o primeiro a penetrar no sepulcro de Amun-Eti.

Ela estendeu-me a mão.

— Chamo-me Henet Scott... Então o senhor fazia parte da missão arqueológica de Tebas?

Começamos a conversar, mas eu não conseguira tirar os olhos do seu rosto. Amun-Eti tinha-se reencarnado. O milagre de Pigmalião repetira-se. Parecia-me que aquela mulher houvesse sido criada, naquele momento, pelo meu íntimo desejo, que vivesse somente para mim, emanção e animação dos meus sentimentos. Soube que seu pai era inglês, falecido havia muitos anos, mas sua mãe era egípcia: uma senhora copta, de nobre ascendência, cuja família se gabava de pertencer aos últimos faraões Saites e que, embora cristã, havia conservado o culto tradicional das antigas divindades locais.

— Amun-Eti seria, em definitivo, uma de suas ante- passadas, não é verdade?

— Se a genealogia, a que minha mãe liga tanta importância, for exata...

Olhou para o sarcófago, enquanto lhe aflorava aos lábios um leve sorriso. Eu vacilei, dominado por um súbito frémito de terror surpersticioso, pois, naquele momento, ela possuía a idêntica complicada expressão do retrato de Amun-Eti...

— Amun-Eti deixa-me curiosa - disse ela, depois.

Foi um acaso realmente feliz que eu tenha encontrado justamente o senhor, Professor Dyman. Desejava saber algo mais a seu respeito... tudo quanto possa dizer-me.

— Ficarei muito contente em aceder a seu desejo.

— Quer vir tomar chá conosco? Minha mãe ficará muito contente em conhecê-lo. Tudo quanto diga respeito ao antigo Egito provoca o seu mais apaixonado interesse.

Foi assim que comecei a freqüentar a casa dos Scotts. Desde aquela manhã, sabia o que em mim sucedera, mas não me entristecia por isso. . . O meu sentimento transpusera-se da fantástica Amun-Eti para Henet. Agora, porém, não havia inquietação, incerteza ou aborrecimento, no meu coração. Eu amava uma mulher muito bela, inteligente, culta, refinada: gozava do seu sorriso, da sua companhia, do seu pensamento. E fugira àquele incubo estranho, àquela obsessão que talvez se viesse a converter em loucura.

Entretanto, o British Museum estava organizando outra missão, ao Vale dos Túmulos dos Reis, e fui convidado a dirigi-la. Era uma proposta tentadora. Mas, teria que renunciar a ver Henet, durante vários meses. . .

Naquela noite, fui convidado a jantar em casa dos Scotts. Henet notou imediatamente que alguma coisa me preocupava. Depois do jantar, saímos juntos para o jardim, onde havia uma fonte de mármore verde, semi-oculta entre os canteiros de plantas tropicais.

Há alguma coisa que o perturba, professor Dyman. Que é? - perguntou, com sua voz quente.

— Fui convidado pelo British Museum para dirigir as escavações no Vale de Tebas - respondi.

Henet hesitou um instante.

É uma grande oportunidade que se lhe oferece disse, destacando as palavras. - Está contente?

Peguei-lhe na mão.

— Teria ficado contente há um mês, antes de conhecê-la. . . mas, como poderei aceitar ir

remexer a poeira do passado e as sombras da morte, quando, aqui, junto de si, encontrei a vida?

Ela voltou para mim, interrogativamente, aqueles seus grandes olhos, semelhantes a gemas luminosas, na alvura de seu rosto que, repentinamente, se tornara pálido. Alguns dias antes, fizera-lhe eu presente do colar de lápis-lazúli de Amun-Eti. E, naquela noite, ela trazia-o. As pedras azuis, betadas de ouro, brilhavam como se fossem mágicos fogos aprisionados.

— Se o senhor se explicasse melhor... eu... murmurou.

— Amo você. já a amava, antes de encontrá-la! Antes de conhecê-la, já estava loucamente apaixonado. Agora, sonho apenas em viver a seu lado, amá-la, torná-la feliz...

Ela continuou a fitar-me e, durante um momento, calou-se. O cicio da água da fonte causou-me uma estranha impressão. Os lábios da moça tremiam ligeiramente.

Estreitei-a nos meus braços e beijei-a.

— Henet, Henet! Você é o amor da minha vida. Eu ficaria louco, se pensasse que você não existisse e eu tivesse nascido, tarde demais, para conhecê-la! Quer casar comigo, Henet?

Um mês depois, parti para o Vale dos Reis, como chefe da Missão Arqueológica. Henet tomara-se minha mulher, e acompanhava-me.

Aquele período permanecerá na minha memória como o tempo mais feliz da minha vida, de uma felicidade estática, sem limites. Além de seu apaixonado amor, Henet oferecia-me a sua preciosa colaboração e revelou-se uma companheira utilíssima, no delicado trabalho da Missão, sobretudo pelo conhecimento da língua egípcia e dos caracteres hieroglíficos das diversas dinastias. Eu amava-a com um amor que, por vezes, me espantava por sua violência, como se pudesse amar uma criatura perdida nos séculos, na noite dos tempos, que, finalmente, se encontrou e se receia perder.

A não ser os componentes da Missão, estávamos sós no Vale dos Reis, sós no deserto imenso, entre os restos de uma civilização milenária, que nós próprios estávamos trazendo a lume. Às vezes, parecia-me viver num estranho encantamento, sair da realidade do tempo e estar junto de Amun-Efi, preso a ela por um amor que houvesse desafiado os séculos.

Cada dia se me relevava um aspecto novo da complexa personalidade de Henet; a sua cultura, a sua força de caráter, e sobretudo, a sua ardente e apaixonada vitalidade. A sua ânsia de viver era febril e revelava-se em todo o seu comportamento e quase em cada uma de suas palavras. Às vezes, desconcertava-me não descobrir os seus pensamentos e os segredos da sua alma. Uma vez, ouvi-a, num momento de intimidade e euforia, à vista da gigantesca estátua de Ammon-Ra, entre as ruínas do templo de Der-Al-Bahri, desafiar a morte para atingi-la. Não era uma brincadeira, mas sim uma desconcertante manifestação de quanto de oriental havia no seu espírito.

— Ficarei sempre consigo... estarei sempre a seu lado, enquanto você tiver vida - disse-me, depois. - A morte não terá poder sobre mim, porque o amo demais.

— Não fale dessas coisas absurdas, querida.

— Mas eu penso assim... E penso que não poderei morrer, enquanto nos amarmos assim. Sabe o que é a morte? É a fraqueza de vontade de quem não tem força de viver. O

homem cede inteiramente à morte, unicamente pela fraqueza da sua vontade.

Eu sorri:

— Teoria tipicamente faraônica.

— Não. Foi um escritor seu patricio quem o disse: Glanvill.

Uma vez, quando regressava das escavações, encontrei Henet que brincava com o seu colar de lápis-lazúli.

Estava estendida numa cadeira, com fundo de tela. A expressão abstrata, ausente, do seu rosto, impressionou-me. Assim como me impressionara sempre a predileção que manifestava por aquele colar, se bem que possuísse outros mais belos e mais preciosos. Sentei-me, em silencio, a seu lado.

— Quero dizer-lhe uma coisa curiosa, Meryt... disse ela, em certo momento, chamando-me Meryt, que, em egípcio, quer dizer amado, dileto, - quando você me deu este colar, tive a impressão de havê-lo já possuído, de conhecê-lo em cada veio das suas pedras. É uma impressão bizarra, hipnótica, que se agita no meu espírito e faz surgir imagens que não me atrevo a definir, como fragmentos de um sonho sobre o qual a gente tenta fixar a atenção, mas que se esvai.

Apertei os lábios com ceticismo, e ela continuou:

— Lá lhe sucedeu andar por um lugar onde nunca e achá-lo estranhamente familiar, como se a ele esteve estivesse ligado uma parte desconhecida da sua vida?

— Uma vez ou duas... mas, deixei de acreditar em certas histórias, quando completei sete anos...

Fingi rir à sua custa, mas fitava-a preocupado, pois me parecia realmente conturbada. Não devia esquecer que ela era metade egípcia, tinha sempre vivido no Egito e não podia subtrair-se inteiramente ao peso de crenças e superstições milenares.

— A atmosfera deste lugar começa a fazer-lhe mal observei. - Ficaria muito mais sossegado se você voltasse ao Cairo, Henet.

— Não. nunca mais o deixarei. Nunca mais.

Mas, ao contrário, deixou-me...

A Missão devia ultimar os seus trabalhos durante o mês de julho, pois, naquela época, começa a inundação do Nilo. As chuvas, porém, começaram a cair, antes do tempo previsto, com inaudita violência. Devíamos notificar dali e dirigir-nos imediatamente para Keneh, o centro mais próximo, onde passa a grande estrada de ferro que, costeanck)o Nilo, atravessa o deserto arábico, até ao Cairo e Alexandria.

Todos os homens da Missão trabalhavam febrilmente, na preparação do comboio. Sabíamos que um grave perigo nos ameaçava, pois Keneh estava sobre a outra margem do Nilo e não poderíamos chegar até lá, se as águas houvessem ultrapassado as esclusas de Del-AI-Bahri.

Quando os quatro jeeps se puseram em movimento, todo o Vale dos Reis estava convertido num lago cinzento, sobre o qual se acumulavam nuvens muito baixas, entre as quais os relâmpagos ziguezagueavam, de improviso. A água escorria dos bancos dos jeeps, dos vidros, dos cofres. As rodas giravam em falso, enterrando-se na lama. Foi preciso que todos os homens os empurrassem, durante muito tempo, a muito custo.

Henet estava no carro da frente do comboio. Com dificuldade, consegui colocar-me a

seu lado. O vento soprava violento, cortando a respiração, e a água tolhia a vista, invadindo tudo. Em certo momento, tive a impressão de encontrar-me no meio de uma paisagem irreal, apocalíptica, debaixo d'água. Do maciço montanhoso, precipitavam-se torrentes, formando cascatas, arrastando pedras, cascalhos, detritos de toda a espécie. O céu tornava-se cada vez mais escuro, embora fosse ainda pleno dia. Cada vez mais freqüentes, os relâmpagos lívidos fuzilavam, por entre as nuvens, iluminando o deserto revolto e os rochedos, dom uma luz sinistra. Eu olhava, com apreensão, para a água que escorria, em catadupas, da montanha para - o Vale. Tínhamos que andar depressa, depressa...

Atingimos a grande ponte de Lameth, lançada sobre o Vale do Der-Ai-Bahri. Por baixo de nós, abria-se um abismo que, em certos pontos, ultrapassava mais de cem metros. Agora, a água corria impetuosa, investindo contra os pilares e fazendo tremer toda a ossatura da ponte. Os carros caminhavam com cautela, enfrentando um vento de: violência extrema. . . Estávamos quase chegando à saída da ponte, quando ouvi um fragor sinistro, e me pareceu que toda a montanha se precipitava em cima de nós. Das alturas, massa enorme de água, de pedras, de troncos de árvores, descia sobre a ponte, com um ruído estranho, ensurdecedor. Um dos lados do carro foi atirado violentamente de encontro ao parapeito, com um fragor de ferragens e vidros quebrados. Por um instante, pareceu que o automóvel fosse alçar vôo: ficou suspenso, com as rodas anteriores no vácuo, capotou e rolou pela escarpa. Eu havia sido atirado fora. A chuva não deixava ver nada, o vento uivava a meus ouvidos. Nas mãos, eu segurava qualquer coisa, que contemplava, atônito: era o colar de Henet que, instintivamente, tinha agarrado, no instante da desgraça, e se havia despedaçado. Os outros carros haviam parado, Os homens da Missão gritavam, agitavam-se. Alguém começava a subir pela escarpa. "Henet!", gritei, com voz rouca. Aproximei-me dos destroços. Henet estava ali, imóvel, os olhos fechados, o rosto branco, sob um véu de lama. Apoderou-se de mim um terror desesperado, enquanto tentava levantá-la. "Heneti Heneti" - gritava eu.

O seu rosto contraiu-se num espasmo. Abriu os olhos, onde já pairavam as sombras... - Harry... Meryt. . . - murmurou - Não o deixarei, não posso deixá-lo, Meryt.

Tentou abraçar-me, e eu apertei-a desesperadamente.

— Henet, meu anjo!... minha pequenina...

— Eu voltarei... voltarei a você. Espete-me, Harry! Temos de encontrar-nos ainda.

O trágico fim de Henet deixou-me estupefato. Nos meses que se seguiram, invadiu-me uma espécie de torpor interno e foi como se me houvesse tornado incapaz de sofrer, fechado e indiferente a tudo que me rodeava. Depois, a pouco e pouco, voltei à realidade, ao encontrar-me num universo novo, esquálido, estranho. Decidi sair do Egito.

Não me era possível permanecer onde cada pedra me recordava Henet, o amor perdido. Por isso, voltei à Inglaterra, deixando ao tempo a missão de sanar-me as feridas do espírito... E assim aconteceu, de fato; de tal modo que, quatro anos depois da tragédia da ponte de Lameth, casei-me com uma senhorita da nobreza provinciana inglesa, Miss Laura Doyle, filha de um baronet, do condado de Sussex.

Não estava propriamente enamorado de Laura; não ais capaz de amar, naquele frio despertar, que se seguira ao sonho maravilhoso que tinha vivido. Mas sentira-me,

insensivelmente, atraído para ela, pela sua afetuosa simplicidade, pela sua doce personalidade, confortadora e repousante. Não podia compará-la a Henet. Agora, ao pensar nisso, posso dizer que uma e outra eram duas antípodas, física e espiritualmente. Henet era uma ardente beleza oriental; Laura, tipicamente anglo-saxônia, de olhos azuis luminosos, num rosto um pouco exangue às manifestações mais secretas do seu espírito.

A nossa vida transcorria tranqüila, sem ardor de paixão, fundada apenas na sólida base de uma recíproca estima, em nossa moradia de campo, entre os prados e as colinas do Sussex. Penso que Laura havia adivinhado que houvera um drama terrível em minha vida, embora eu jamais lhe houvesse falado, nem ela me tivesse feito qualquer pergunta a tal respeito. E, às vezes, seus olhos velavam-se de melancolia... Talvez fosse a intuição de não conseguir fazer-me esquecer e tornar-me feliz.

Mas, eu estava convicto de ter esquecido... Tanto era verdade que, mal me chegou às mãos uma carta do British Museum, com a proposta de voltar ao Vale dos Umulos dos Reis, falei nisso, ligeiramente, a Laura.

Seus olhos acenderam-se de entusiasmo.

— Vai ser maravilhoso!... Eu o acompanharei, naturalmente.

— Mas, eu não tenho intenção de voltar mais lá.

A desilusão estampou-se em seu rosto, e eu tornei, persuasivo:

— Veja, querida, a África e o deserto não são semelhantes às nossas campinas do Sussex.

— Seria tão romântico!

— O deserto é romântico somente no cinema e nos cartões postais ilustrados. Aqui, no Sussex, temos tudo quanto...

— Eu não quero ficar decrépita, entre as comodidades do Sussex.

— Mas, acredite no que lhe digo, Laura. É a sua moldura natural. Na África, você se sentiria como um peixe fora d'água.

Era isso. Eu exprimira a essência do meu modo de pensar, a respeito de Laura. Os tépidos prados de esmeralda, a caça à raposa, o campo de golfe - isso era o ambiente natural de Laura, assim como um deserto de fogo, as solidões misteriosas, as ruínas milenárias do antigo Egito eram a moldura de Henet. Eu não conseguia imaginar Laura montando um camelo, sob um sol a pino ou entre as ruínas das sepulturas. Ela, porém, tanto insistiu que acabei aceitando o encargo do British Museum.

Nesse ponto, não tive motivos para mudar de decisão. Enquanto fazíamos nossos preparativos, Laura apareceu-me sob uma nova luz, alegre como jamais fora, impaciente por conhecer aquele mundo longínquo, diferente, através do qual esperava talvez conhecer uma parte importante da minha existência, dos meus pensamentos, da minha vida espiritual.

Poucos dias antes da partida, ocorreu um incidente que me perturbou. Entrava eu em casa, e Laura veio ao meu encontro, alegre, sorridente. Trazia no pescoço c, colar de lápis-lazúli, que fora de Amun-Eti e, depois, de Henet. Experimentei um mal-estar indefinível, quase uma obscura sensação de terror. Laura riu-se da minha surpresa.

— Mau! Tinha escondido este belo colar; não quis fazer-me presente dele.

— Eu tinha a certeza de que não estava mais comigo... Onde o encontrou?

— Numa velha roupa colonial. Com o fecho quebrado.

A terrível cena da ponte de Lameth sulcou-me o espírito como o fulgor de um relâmpago. Uma sensação de vertigem apoderou-se de mim e fechei os olhos: pareceu-me afundar num abismo. ---Harry!... Merytl... Eu voltarei a você. Encontrar-nos-emos ainda!" Tomei a ouvir a trágica invocação, no fragor da tempestade.

— Que tem você? -. perguntou Laura, admirada. Desconfiou do colar. - Não quer que eu...

Fiz sinal que não.

— É um velho colar egípcio. Pertencia a uma... princesa, morta muito jovem. Não gosto de vê-la tocar esse colar, porque dizem que traz desgraça, como se possuísse um poder maléfico.

Laura olhou fixamente para mim, e depois riu.

— Se é só por isso, desafio todas as maldições.

Algumas semanas mais tarde, estávamos no Cairo. Mas, depois de haver encontrado novamente o colar, eu não me sentia muito seguro de ter feito bem em regressar ao Egito. O passado voltava ao assalto, como que em ondas constantes que ameaçassem tragar-me. Antes de partir do Cairo para o Vale de Tebas, Laura quis visitar o museu arqueológico. Assim, contra minha vontade, quase atraído por uma força misteriosa e fatal, encontrei-me em frente da arca de cristal de Amun-Eti. Aproximei-me, sem sentir, como num estado de hipnose e, em dado momento, experimentei uma sensação vertiginosa de extravio. Amun-Eti estava diante de mim, no esplendor policromo do sarcófago, remota, arcana, maravilhosamente bela. Henet fitava-me, através dos olhos de pedra da princesa. Senti-me envolto numa nuvem pesada, que me sufocava. Nela, somente os olhos eram vivos, aqueles olhos escuros e misteriosos, que eu tanto tinha amado.

— Harry... Meryt. . - Eu voltarei a você. Encontrar-nos-emos ainda! tinha dito Henet. - Agarrei-me à balastrada e senti um arranco dentro de mim. Henet, meu grande amor, não voltaria nunca mais. No passado, no presente, no futuro, em nenhum lugar do universo, jamais poderia encontrá-la novamente.

A voz de Laura chamou-me à realidade.

— É maravilhosamente belo! Tem qualquer coisa de moderno e fascinante... Mas, Harry! Sente-se mal! - exclamou logo, notando minha perturbação.

— Não é nada. Apenas um breve delíquio... Vamo-nos embora daqui.

Iniciamos imediatamente os trabalhos no Vale. Tornou-se evidente, desde logo, que a nossa Missão seria mais afortunada, com a descoberta de documentos de importância.

Fiquei assim absorvido pelas minhas pesquisas e tive pouco tempo para ocupar-me de Laura - Eu percebia que ela era estranha e longínqua àquele mundo, mas não se mostrava, embora fosse certo, menos entusiasta do que quando havíamos partido. Arrependi-me de deixá-la demasiado tempo sozinha e, um dia, quis levá-la a Keneh, o mais próximo centro habitado, na margem do Nilo. Atravessávamos a ponte de Lameth: era a primeira vez que por ali passava, após tantos anos. Ao centro da ponte, o carro parou, sem razão aparente, e eu descí, resmungando, para dar um golpe de vista ao motor. Estava inclinado sobre a caixa, quando ouvi um grito: "Harry". Era Laura. Desceu do automóvel e correu aos meus braços. Estava mortalmente pálida.

O corpo inteiro tremia-lhe, Procurei acalmá-los, sem ela recobrou-se, a pouco e pouco, mas não consegui compreender o que a tinha perturbado tão violentamente.

Experimentei de súbito uma sensação de angústia, o pressentimento ou a percepção de uma coisa atroz. Aflorou-me ao rosto qualquer coisa fria, como a asa da morte.

Escutei, inquieto, o que ela dizia; depois, pus o carro em movimento. Ela agarrou-se a meu braço, tremendo.

— Não! Pára!

Parei.

Então, que há?

Peço-lhe, voltemos para trás. Quero voltar para trás. Para trás!

Sua ansiedade era febril.

— Desculpe, querido! Não sei que tenho! Voltemos

Embora, no dia seguinte, Laura tivesse aparentemente quase esquecido aquele estranho episódio, cuja culpa atribuía aos seus nervos, não tornou a ser a mesma. Às vezes, parecia absorta, como que escutando alguma misteriosa mensagem a seu ouvido. Outras vezes, a sua linguagem tinha lapsos bizarros, que eu não sabia explicar: no meio de uma conversa, escapavam-lhe algumas palavras que Laura não podia ter pensado; como se, por um instante fugaz, houvesse deixado de ser a mesma. Assaltou-me uma sensação de pânico. Que é que acontecia? . Estava quase decidido a perder tudo e voltar para a Inglaterra. Mas, como justificar tal decisão a mim mesmo? Sentia-me inquieto, sem saber por quê. Uma noite, acordei tom a impressão de que Laura houvesse murmurado alguma coisa, no sono. Acendi o candeeiro de petróleo e inclinei-me sobre ela, tocando-lhe, quase, a boca com a minha. Percebi efetivamente um murmúrio indistinto, em que me pareceu perceber uma palavra. Uma sensação de gelo apoderou-se de mim e senti os cabelos eriçarem-se-me na cabeça. "Meryt... Meryt, murmurava Laura! Eu devia ter-me enganado. Não era uma alucinação, pois Laura, em estado de vigília, não conhecia uma única palavra de egípcio antigo ou moderno. Invadiu-me um terror obscuro e incoercível, que me regelou. Naquele momento, Laura acordou, em sobressalto. Olhou para mim, com um olhar espantado, e pareceu não me reconhecer. Depois, um relâmpago de compreensão acendeu-se nas suas pupilas, abandonou-se nos meus ombros e desatou a chorar, sacudida de soluços histéricos. Sonhara, mas não conseguia recordar-se de nada, a não ser da sensação de terror que a dominava.

No dia seguinte, Laura voltou, sozinha, à ponte de Lameth. Fui à sua procura, pois não a encontrara em nossa barraca. Levava-me uma vaga intuição.

Ela estava absorta na contemplação do abismo dos rochedos, as mãos contraídas no parapeito, arquejante. Tive que chamar por ela várias vezes, antes que desse assustado. Um pensamento horrível, uma daquelas idéias horripilantes, que não ousa confessar, com receio de passar por doido varrido, começava a aflorar-me no espírito.

— Por que é que veio aqui, Laura? - perguntei.

Hesitou um pouco, antes de responder, depois disse: Para verificar o que foi que me espantou, outro dia. Por mim... Eu começava a ficar

Que é que foi? - insisti, ansioso.

— Não sei. Há qualquer coisa, nesta ponte. . . qualquer coisa à espera... de mim.

— Não compreendo. Agora, voltemos. Quer?

Ela segurou-se a meu braço e olhou para mim, no fundo dos olhos.

— Harry. . . tenho medo de enlouquecer - disse, em voz baixa e incolor, que me fez estremecer. - Às vezes, penso que não sou eu, parece-me conhecer coisas que ignoro... Mas não sou capaz de analisar aquilo que sinto. É como se uma força estranha tentasse arrebatá-me a mim mesma... Olhe, jamais poderei explicar! ...

No dia seguinte, escrevi à diretoria do British Museum, pedindo minha substituição. Mas, a catástrofe ocorreu justamente naquele dia, mesmo antes que eu pudesse supor. . .

Era noite alta, e eu estava trabalhando, a catalogar as peças arqueológicas que havíamos encontrado. Em dado momento, ouvi um cicio, como de alguém que viesse de fora. Fiquei a escutar. Tudo estava em silencio. Só de um ponto muito afastado chegava o uivo de um animal noturno. Um grito monótono, incessante, perseguidor, como que o chamado implacável de uma obsessão. Não fiquei tranquilo, e fui ver o que Laura estivesse fazendo. Mas, não a encontrei em nossa barraca!

Procurei por todo o campo, numa inquietação crescente e esmagadora. Não estava...

Recordei-me novamente da ponte de Lameth e um presságio de desgraça atravessou-me a alma, como um relâmpago ofuscante. Resolvi logo tudo, com uma pressa febril. Chamei um chofer do pessoal egípcio. Pusemos um jeep em movimento e corremos, na noite escura. Quem sabe se conseguiria alcançá-la antes que...

Sim, ela estava sobre a ponte. A luz deslumbrante dos faróis destacou-a nitidamente e eu soltei um brado, que se juntou ao seu grito mortal. Pois Laura galgara o parapeito da ponte e precipitara-se no vácuo.

O jeep, que eu mandara voltar ao campo, regressou com socorros de urgência, passada meia hora. Em lentos passos, Laura foi transportada até à barraca: um silencioso cortejo de lúgubres sombras, no deserto iluminado fantásticamente pelas tochas elétricas. O doutor Carson, médico da Missão, excedeu-se imediatamente em cuidados. Laura havia perdido os sentidos. Tinha o rosto ensangüentado, a respiração apressada e curta. O médico abanou a cabeça: \* seu vulto, à luz dos candeeiros de querosene, parecia extremamente pálido, spectral.

— É grave? - perguntei, em voz baixa.

Ele fez que sim, e compreendi que Laura estava perdida.

— Fratura da base do crânio - murmurou. Deixei-me cair num escabelo. O médico estava fazendo tudo quanto estava em seu poder e eu fitava-o, espantado, sem seguir-lhe os movimentos, atormentado pela interrogação: Por que teria ela feito isso? Qual foi a força que a impelira a precipitar-se no abismo?

Via-me na impossibilidade de compreender, com a inteligência e com os sentidos, aquilo que acontecera, ligado ao terror supersticioso das coisas desconhecidas e incognoscíveis... Como se algo a houvesse atraído, como se um destino tremendo tivesse de cumprir-se.

Já a palidez da morte começava a espalhar-se pelo seu semblante. Tudo era silente no campo, como se tudo houvesse parado, à espera que a tragédia se cumprisse. Eu estava só com ela e via que a vida lhe fugia, através da respiração ansiosa, enquanto, entre nós, se erguia um muro invisível, que já nos separava: por tras desse muro, tra- vava-se a última

luta entre a vida e a morte. Em certo momento, o rosto exangue de Laura coloriu-se levemente de encarnado. Vi-a agitar-se, como num supremo esforço. Depois, dir-se-ia que as forças da destruição tivessem levado a melhor. . . Mas não estava tudo acabado, ainda: uma alma queria viver num corpo que estava condenado a morrer. Certamente, perdi então o controle da minha faculdade de inibição, pois a cena que se seguiu, na sua alucinante irrealidade, não podia ser verdadeira, não podia ser senão o fruto de uma fantástica obsessão. . . Foi seguramente uma alucinação... Laura mexeu-se, e eu ajoei-me a seu lado, beijando-lhe as mãos. Ela abriu os olhos.

— Minha Laura - disse, soluçando. Então estremei e senti-me viver num incubo. Qualquer coisa se regelou dentro de mim, ao contemplar aqueles olhos. Porque eu conhecia aquele olhar, conhecia aquela expressão enigmática. E aquele não era o olhar de Laura! "Shewen em debat... Nefra-entot hena-Y" ouvi que ela sussurrava.

Experimentei, então, uma sensação indefinível, semelhante àquela que teria sofrido com o desabar fulminante do mundo que me cercava. Aquelles dizeres eram egípcio antigo, língua inteiramente desconhecida de Laura. Os lábios da moribunda haviam dito: "Seremos felizes, com você junto de mim".

— Henet, Henet! - gritei, num paroxismo de terror e de exaltação, impossível de exprimir. Mas, subitamente, a respiração arquejante cessou e foi como se em todo o universo, naquele momento em completo silêncio, tudo ficasse imóvel ao redor do grande mistério.

## CAMAROTE 105, BELICHE SUPERIOR

**Marion Crawford**

Alguém pediu charutos. Instintivamente, olhamos todos para a pessoa que falara. Brisbane era um homem de trinta e cinco anos, notável por aquelas qualidades que geralmente atraem a atenção dos homens. Era forte. As proporções exteriores de sua figura não apresentavam nada de extraordinário apesar de ser de altura acima do vulgar. Tinha mais de seis pés de altura, e era razoavelmente largo de ombros; não parecia gordo mas também não era magro; a cabeça pequena assentava-se sobre um pescoço forte e vigoroso; as mãos grandes e musculosas tinham uma habilidade notável em partir nozes sem o auxílio do respectivo instrumento, e, ao vê-lo de perfil, ninguém podia deixar de notar a extraordinária largura de suas mangas e a grande largura de seu tórax. Era um desses homens de quem vulgarmente se diz que as aparências enganam; quer dizer, apesar de forte, era, na realidade, muito mais forte ainda do que parecia. Com respeito às feições, pouco tenho a dizer. A cabeça era pequena, tinha pouco cabelo, olhos azuis, nariz grande, pequeno bigode e queixo quadrado. Toda gente conhece Brisbane, e, quando pediu um charuto, todos olharam para ele.

— É uma coisa singular - disse Brisbane. Deixaram todos de falar...

Tenho viajado muito, e, como preciso atravessar o Atlântico bastantes vezes, tenho cá minhas preferências. Muita gente as tem. já vi um homem esperar, num bar da Broadway, durante três quartos de hora até que passasse O carro que preferia. Creio que o dono do bar fazia um terço de seu rendimento com a preferência daquele homem.

Tenho o hábito de esperar por determinados navios, quando tenho de atravessar aquele tanque de patos. Será uma asneira, mas nunca tive uma travessia tão má, a não ser uma vez. Recordo-me muito bem: foi numa manhã quente de junho, e os empregados da alfândega, que andavam de um lado para outro, à espera de um vapor que já largara da Quarantine (Lazareto), tinham um aspecto notavelmente sombrio e pensativo.

Eu não levava muita bagagem - nunca a tenho muita. Misturei-me com a multidão de passageiros, moços de frete, e daqueles maçadores vestidos de azul, com botões de latão, que parecem nascer como cogumelos do convés dum navio atracado, para impor violentamente os seus serviços desnecessários ao passageiro independente. já tenho muitas vezes observado, com certo interesse, as evoluções espontâneas destes diabos. Quando se chega, ninguém os vê; cinco minutos depois do piloto ter dito: Pra vante! eles, ou, pelo menos, os casacos azuis e os botões de latão desaparecem do convés e do portaló tão subitamente como se tivessem sido tragados pelo inferno. Mas, no momento da partida, lá estão eles, barbeados, vestidos de azul e esfomeados por gorjetas. Apressei-me a ir para bordo. O Kamtschatka era um de meus navios favoritos. Digo, era, porque deixou de o ser. Não posso conceber coisa alguma que me obrigue a viajar outra vez nele. Sim, já sei o que vão dizer. Que tem uma marcha muito rápida, que é bastante alto da proa para não se encharcar, e que a maior parte dos beliches de baixo são duplos. Tem muitas vantagens, mas não torno a viajar nele. Desculpem a digressão. Fui para bordo. Chamei por um criado, cujo nariz vermelho e cujas suíças ainda mais vermelhas me eram igualmente familiares.

— Camarote 105, beliche de baixo - disse ele, no tom decidido de um homem que faz tanto caso em atravessar o Atlântico como de beber um coquetel de uísque no Demoníaco.

O criado pegou-me na mala, no casaco e na manta. Nunca me esquecerei da expressão do seu rosto. Não que ele ficasse pálido. Os teólogos eminentes asseveram que nem os milagres podem alterar o curso da natureza. Não hesito em dizer que não ficou pálido, mas pela sua expressão pensei que ia chorar ou espirrar ou deixar cair a mala. Como esta continha duas garrafas de velho Xerez, muito bom, que me tinham sido dadas pelo meu velho amigo Quigginson Van Pickyns, senti-me sobressaltado. Mas o criado não fez nenhuma dessas coisas.

— Diabo me levem!... - disse ele em voz baixa, e pôs-se a caminhar na minha frente.

Supus que o meu Hermes, que assim me conduzia para as regiões inferiores, tivesse tomado a sua pinga, mas nada disse, e segui-o. O camarote 105 ficava a bombordo, bastante à popa. Não tinha nada de notável. O beliche de baixo, como a maior parte dos do Kamtschatka eram duplos. Havia muito espaço: tinha o lavatório do costume, bom para dar uma idéia de luxo aos índios da América do Norte; havia os inúteis porta-escovas do costume, nos quais é mais fácil pendurar um grande chapéu de chuva do que uma escova de dentes vulgar de Lineu. Sobre os poucos convidativos colchões, estavam cuidadosamente dobrados aqueles lençóis que um grande humorista moderno comparou

muito bem a pastéis de massa frios. A questão das toalhas ficava inteiramente a cargo da imaginação. As garrafas de vinho estavam cheias dum líquido transparente e ligeiramente acastanhado, e exalavam um cheiro mais intenso que a cor do líquido, mas muito menos agradável, subindo às narinas como uma longínqua e nauseabunda reminiscência de óleo de máquinas. Cortinas duma cor triste fechavam quase completamente o beliche de cima. A luz baça de junho iluminava fracamente aquela cena desoladora. Puf! Que má impressão tenho daquele camarote!

O criado pôs minha bagagem no chão e olhou para mim como se quisesse ir-se embora - provavelmente à procura de mais passageiros e mais gorjetas. É sempre bom estar em boas relações com esses funcionários, e por isso lhe dei imediatamente algum dinheiro.

— Farei todo o possível para que o senhor seja bem servido - observou ele, metendo o dinheiro na algibeira.

Contudo, havia na sua voz um tom duvidoso que me surpreendeu. Naturalmente, a sua tabela de gorjetas tinha subido e não se contentava. Não se considerava satisfeito; apesar disso, quis-me antes parecer que ele talvez tivesse tomado um copinho a mais. Não tinha razão, e fiz àquele homem uma injustiça.

Nada de especial aconteceu, durante aquele dia. Largamos do cais pontualmente e foi muito agradável começar a navegar, porque o dia estava quente e abafado e o movimento do vapor produzia uma brisa muito fresca. Todos sabem o que é o primeiro dia de viagem no mar. Os passageiros passeiam pelo convés, olham uns para os outros e, de vez em quando, encontram-se com gente conhecida cuja presença a bordo não suspeitavam. Há a incerteza do costume com respeito à excelência da comida, até que as duas primeiras tirem todas as dúvidas; há a incerteza do costume a respeito do tempo, até que o navio dobre a Ilha do Fogo. As mesas, ao princípio, estão cheias e, depois, se despovoam subitamente. Pessoas pálidas abandonam repentinamente os seus lugares e precipitam-se para as portas, e os viajantes experimentados respiram mais livre mente, quando o vizinho enjoado lhes foge do lado, deixando-lhes mais lugar para os cotovelos e um direito ilimitado sobre a mostarda.

Todas as travessias do Atlântico se parecem umas com as outras. E nós, que as fazemos muitas vezes, não viajamos em busca de novidades. Baleias são sempre objetos dignos de interesse, não há dúvida, mas, apesar disso, as baleias parecem-se todas entre si e raramente se vê um iceberg suficientemente de perto. Para a maior parte, o momento mais agradável do dia, a bordo dum transatlântico, é quando damos o último passeio no tombadilho, fumamos o nosso último charuto, e, tendo conseguido fatigar-nos, nos sentimos em liberdade de nos irmos sossegadamente deitar. Na primeira noite de viagem, senti-me muito preguiçoso e fui deitar-me no 105, mais cedo do que tenho por costume. Quando entrei, fiquei muito surpreendido ao ver que ia ter um companheiro. Uma mala muito semelhante à minha estava no canto oposto, e, no beliche de cima, tinha sido colocada uma manta, cuidadosamente dobrada, uma bengala e um chapéu de chuva. Esperava ficar só, e estava desapontado, mas desejei saber quem seria o meu companheiro e resolvi espreitá-lo.

Pouco tempo depois de me haver deitado, entrou ele.

Era, pelo que podia ver, um homem muito alto, muito pálido, de cabelo e barbas cor de

estopa e com uns olhos de um castanho muito desbotado. Tinha, pensei eu, um ar de elegância duvidosa; como aqueles homens que se encontram em Wall Street, sem que se saiba precisamente o que lá fazem - que freqüentam o Café Anglais, parecem estar sempre sós e que bebem muita champanha; encontram-se também nas corridas de cavalos, sem que pareçam estar ali fazendo alguma coisa. Têm um modo estranho de vestir, bastante afetado, e são um pouco excêntricos. Há sempre três ou quatro dessa espécie a bordo dos transatlânticos. Resolvi-me a não tomar conhecimento com ele e adormeci dizendo comigo que trataria de lhe estudar os hábitos para me esquivar a quaisquer relações. Se ele se levantasse cedo, eu me levantaria tarde; se deitasse tarde, deitar-me-ia cedo. Não queria conhecê-lo. Se uma vez travamos conhecimento com gente desta espécie, nunca mais nos largam. Pobre diabo! Não era preciso incomodar-me a tomar mais decisões a seu respeito, porque nunca mais o tomei a ver, depois dessa primeira noite no 105.

Estava dormindo profundamente, quando fui acordado por um grande estrondo. A julgar pelo , o meu companheiro devia ter saltado dum pulo do seu beliche para o chão. Senti-o mexer na fechadura da Porta, que se abriu imediatamente. Depois, ouvi os seus Passos correndo a toda pressa pelo corredor, enquanto deixava a porta aberta atrás de si. O navio balançava bastante, e esperava ouvi-lo tropeçar ou cair, mas ele corria como se fosse livrar o pai da forca. A porta girou nos gonzos, com o movimento do navio, e o barulho incomodou-me. Levantei-me, fechei-a, e voltei, às apalpadelas, na escuridão, para o meu beliche. Tornei a dormir, mas não tenho a mínima idéia de quanto tempo dormi.

Quando acordei, ainda era completamente escuro, mas senti uma sensação desagradável de frio e pareceu-me que o ar estava úmido. Conhecem o ar particular dum camarote, depois de ter sido molhado com água do mar. Cobri-me melhor que pude e tornei a adormecer, ruminando queixas que havia de fazer no dia seguinte e pensando nas palavras mais violentas que havia de empregar. julguei ouvir o meu companheiro, ao virar-se no beliche de cima. Provavelmente, tinha voltado enquanto eu dormia. Uma vez, pareceu-me ouvi-lo gemer, e julguei que estivesse enjoado. E isso é particularmente desagradável, quando se está por baixo. Apesar disso, continuei a dormir até de madrugada.

O navio balouçava muito, muito mais que na noite antecedente, e a luz acinzentada que vinha pela vigia mudava de cor conforme o movimento do navio e fazia inclinar para o céu ou para o mar. Estava muito frio - demasiado, para o mês de junho. Voltei a cabeça, olhei para a vigia e vi, com espanto, que estava aberta de par em par e presa atrás. julgo ter praguejado em voz alta. Depois, levantei-me e fechei-a. Quando voltava, olhei para o beliche de cima. As cortinas estavam completamente corridas; com certeza meu companheiro tinha sentido tanto frio como eu. Veio-me a idéia de que já tinha dormido bastante. O camarote estava pouco confortável, conquanto, o que era extraordinário, não sentisse a umidade que me tinha acordado durante a noite. O meu companheiro dormia ainda - bela ocasião de o evitar, e por isso vesti-me à pressa e fui para o tombadilho.

O dia estava quente e enevado, com um cheiro oleoso na água. Eram sete horas, quando saí - muito mais tarde do que tinha imaginado. Encontrei o médico, que estava tomando a sua primeira pitada de ar matutino. Era um rapaz do oeste da Irlanda - um rapagão de cabelo preto e olhos azuis, já começando a engordar; tinha um ar bonacheirão

e saudável, que o tornava bastante atraente.

— Bela manhã! - observei eu, para encetar a conversação.

— Sim - disse ele, olhando-me com interesse; é, e não é. Não estou lá muito de acordo.

— Sim... não será lá muito boa - retruquei.

— É o que chamo um dia estúpido -olveu o médico.

— Esteve bastante frio, esta noite - continuei. - Naturalmente, foi por a vigia ter ficado aberta. Não o tinha notado, quando me deitei. O camarote também estava úmido.

— Úmido! exclamou ele. - Em qual está o senhor?

— No 105...

Com grande espanto meu, o médico estremeceu visivelmente e olhou para mim admirado.

— O que é? perguntei admirado.

— Nada. . . respondeu ele - É que, nestas últimas três viagens, todos se têm queixado desse beliche.

— Também me vou queixar, - respondi - Não foi bem arejado. É uma vergonha!

— Não me parece que isso tenha remédio - respondeu o médico - Tenho idéia de que aí há qualquer coisa, mas não me compete assustar os passageiros.

— Não tenha medo de me assustar. Suporto bem a umidade. Se me constipar, irei ter consigo.

Ofereci um charuto ao doutor, que o examinou demoradamente.

— Não é tanto por causa da umidade - explicou ele

Apesar disso, espero que não se dê mal. Não tem um companheiro?

— Tenho, sim; um diabo que sai a correr no meia da noite e deixa a porta aberta.

O doutor olhou outra vez para mim, dum modo esquisito. Depois, acendeu o charuto e ficou sério.

— Tornou a voltar? - perguntou, daí a pouco.

— Tornou. Estava dormindo, mas acordei e vi-o mexer-se. Depois, senti frio outra vez. Esta manhã, encontrei a vigia aberta.

— Olhe, - disse o doutor, sossegadamente - não me importo muito com este navio. Não me importo absolutamente nada com sua reputação. Vou dizer-lhe o que vamos fazer. Tenho um bom camarote, lá em cima. Venha partilhá-lo comigo, apesar de nunca o ter visto mais gordo.

Fiquei muito surpreendido com esta proposta. Não podia imaginar donde lhe vinha este súbito interesse pelo meu bem-estar. Contudo, a maneira como falava do navio era singular.

— É muito amável, doutor, - respondi. - Mas continuo a pensar que o camarote se podia arejar ou limpar, ou fazer-se qualquer coisa. Por que é que não gosta do navio?

— Nós, os médicos, não costumamos ser supersticiosos, mas o mar nos faz assim. Não o quero assustar nem sobressaltar, mas, se quiser- seguir o meu conselho, mude-se para o meu camarote. Antes queria vê-lo pela borda afora do que saber que o senhor ou outro qualquer iam dormir no 105.

— Deus do céu! Por quê?

— Porque, nas três últimas viagens, as pessoas que lá dormiram foram pela borda afora

- respondeu ele, com modo grave.

Confesso que isto era para espantar e muito desagradável. Olhei fixamente para o médico, para ver se ele estava troçando de mim, mas tinha um ar absolutamente sério. Agradei-lhe calorosamente a oferta, mas disse-lhe que tencionava ser a exceção à regra pela qual todo o que dormisse naquele camarote iria pela borda afora. Não respondeu, mas continuou cada vez mais sério e insinuou que, antes de acabarmos a viagem, havia provavelmente de reconsiderar. Entretanto, fomos almoçar; poucos passageiros lá estavam. Notei que um ou dois oficiais que almoçavam conosco estavam preocupados. Depois do almoço, fui ao camarote buscar um livro. As cortinas do beliche de cima continuavam completamente corridas. Não se ouvia uma palavra. Certamente, meu companheiro continuava dormindo.

Quando sai, encontrei o criado ao cargo do qual eu estava. Disse-me em voz baixa que o capitão desejava falar-me. E safou-se pelo corredor, como se desejasse evitar qualquer pergunta. Dirigi-me para o camarote do capitão, onde o encontrei à minha espera.

— Senhor, - disse ele, - quero pedir-lhe um favor.

Respondi que faria tudo para lhe ser agradável.

— O seu companheiro desapareceu, - disse ele - Sabe-se que deitou cedo, a noite passada. Notou alguma coisa extraordinária nos seus modos?

Vindo esta pergunta, como veio, confirmar exatamente os receios que o médico tinha mostrado havia meia hora, ela assustou-me.

— Não quer com isso dizer - que ele foi pela borda afora? - perguntei.

— Receio que sim - respondeu o capitão.

Isso é a coisa mais extraordinária comecei.

— Por quê? - perguntou ele.

— Então é ele o quarto, - respondi.

Em resposta a outra pergunta do capitão, expliquei, sem mencionar o médico, que já tinha ouvido a história do 105.

Pareceu ficar bastante encabulado ao saber que eu a conhecia. Contei-lhe o que se tinha passado durante a noite.

— O que o senhor me diz - respondeu, - coincide quase exatamente com o que me disseram os companheiros de dois dos outros três. Saltam da cama e correm pelo corredor. Dois deles foram vistos ir pela borda afora, pela vigia. Paramos e lançamos os escaleres ao mar, mas não foram encontrados. Ninguém, contudo, viu ou sentiu o homem que se perdeu ontem à noite, se ele está realmente perdido. O criado, que é muito supersticioso, talvez esperando que tivesse acontecido qualquer coisa, foi procurá-lo, esta manhã, e encontrou o seu beliche vazio, as roupas espalhadas, como as tinha deixado. O criado era a única pessoa a bordo que o conhecia, e tem andado a procurá-lo Por toda a parte. Desapareceu! Agora, quero pedir-lhe o favor de não mencionar nada disto aos outros passageiros; não quero que o navio tome mau nome, e nada se agarra tanto a um navio como histórias de suicídios. Pode escolher qualquer dos camarotes dos oficiais que preferir, incluindo o meu, até o fim da viagem. É isto razoável?

— Bastante, , disse eu. - E estou-lhe muito obrigado. Mas, desde que me encontro só e tenho o camarote somente para mim, prefiro não me mudar. Se o criado tirar as coisas

daquele desgraçado, preferirei ficar onde estou. Nada direi a respeito deste assunto, e julgo que lhe posso prometer que não seguirei o exemplo do meu companheiro.

O capitão procurou dissimular, dissuadir-me do meu propósito, mas eu antes queria ter um camarote só para mim do que ser companheiro de qualquer dos oficiais de bordo. Não sei se procedi com juízo, mas, se tivesse tomado o seu conselho, não teria mais nada a contar. Haveria a desagradável coincidência de se terem dado diversos suicídios dos homens que tinham dormido no mesmo camarote, mas isso teria sido tudo.

Entretanto, não foi este o fim da questão. Tinha-me resolvido obstinadamente a não me deixar intimidar por aquelas histórias, e cheguei, mesmo, a discutir o assunto com o capitão. O camarote tinha qualquer coisa. Era bastante úmido. A vigia tinha sido aberta à noite passada. O meu companheiro podia ter adoecido, quando veio para bordo e ficado delirante depois de se ter deitado. Podia, mesmo, estar escondido a bordo e ser encontrado mais tarde. O camarote precisava ser arejado, e o fecho da vigia consertado. Se o capitão desse licença, eu trataria de mandar fazer já o que julgasse necessário.

— Já se sabe que o senhor tem o direito de ficar onde quiser - respondeu ele, um pouco de mau modo. - Mas preferia que o senhor saísse e me deixasse fechar o camarote para acabar com isto.

Eu não via as coisas assim, e deixei o capitão, depois de lhe prometer que não diria nada a respeito do desaparecimento de meu companheiro. Este não tinha conhecidos a bordo, e a sua falta não foi notada durante o dia. A tarde, encontrei o doutor, que me perguntou se já tinha mudado de parecer. Disse-lhe que não.

— Há de fazê-lo muito em breve - observou ele, gravemente - Jogamos o whist durante a noite e fui para a cama tarde. Confesso, agora, que senti uma sensação desagradável ao entrar no camarote. Não podia deixar de pensar no homem alto, que tinha visto na noite antecedente, agora morto, afogado, boiando no mar agitado, 200 ou 300 milhas à popa. O seu rosto aparecia-me distintamente, enquanto me despia, e cheguei, mesmo, a afastar as cortinas de cima, como para me persuadir que ele efetivamente não estava lá. Fechei a chave a porta do camarote. De repente, notei que a vigia estava aberta e presa atrás. Era mais do que eu podia suportar! Vesti apressadamente o meu robe-de-chambre, e sai à procura do Roberto, o criado do camarote. Recordo-me que estava deveras zangado, e, quando o encontrei, puxei violentamente até a vigia aberta.

— Para que diabo deixa você a vigia aberta todas as noites, meu patife? Não sabe que, se o navio adernasse e água comesse a entrar, nem dez homens seriam capazes de a fechar? Vou fazer queixa ao capitão, meu patife, por pôr o navio em perigo!

Estava deveras zangado. O homem começou a tremer, empalideceu e começou a fechar o grande vidro, com pegados fechados de latão.

Por que não responde? - perguntei, com aspereza.

Não há ninguém a bordo que possa conservar esta vigia fechada, de noite... - gaguejou Roberto - O senhor mesmo pode experimentar! Não fico mais a bordo deste navio, isso é que não fico! Mas, se eu fosse o senhor, iria dormir com o cirurgião, lá isso é que igual. Olhe cá, isto está bem fechado? Experimente o senhor a vigia, se ela se move sequer uma polegada!

Experimentei a vigia e vi que estava perfeitamente cerrada.

— Pois bem - continuou Roberto, com voz triunfante,

Perca eu minha reputação de criado de primeira classe se em meia hora ela não estiver aberta outra vez. E atada atrás, senhor, isso é que é terrível, atada atrás!...

Examinei o parafuso e a porca.

— Se ela se abrir durante a noite, Roberto, dou-lhe uma libra. Não é possível, pode ir-se embora.

— Uma libra, disse o senhor? Muito bem. Obrigado, senhor. Muito boa noite, estimo que durma bem.

Roberto safou-se, encantado por se ver livre. Já se sabe que pensei que ele procurava desculpar a sua negligência, com uma história tola, para me assustar, e não o acreditei. A consequência disto foi que ele apanhou a libra e que passei uma noite muito desagradável.

Meti-me na cama e, cinco minutos depois de me haver enrolado nos lençóis, o inexorável Roberto apagou a luz, que estava acesa por detrás da bandeira, ao pé da porta.

Conservei-me tranqüilo na escuridão. tentando adormecer, mas depressa vi que isso era impossível. Tinha sentido algum prazer em zangar-me com o criado, e isto havia feito desaparecer a sensação desagradável, que sentira a princípio, quando pensava no afogado que tinha sido meu companheiro de quarto, mas já não tinha sono e conservei-me acordado durante algum tempo, olhando, de vez em quando, para a vigia, que podia ver de onde estava, e que, na escuridão, parecia um prato de sopa um pouco luminoso, suspenso nas trevas. julgo que estive assim durante uma hora, e ia adormecer, quando fui despertado por uma corrente de ar frio e por sentir distintamente a espuma do mar bater-me na cara. Pus-me em pé de repente, e, não tendo dado desconto na escuridão, ao balanço do navio, fui violentamente arremessado através do camarote sobre o sofá que estava colocado por baixo da vigia. Levantei-me imediatamente e pus-me de joelhos em cima dele. A vigia estava outra vez aberta, e amarrada atrás.

Ora, isto são fatos! Estava completamente acordado, quando me levantei, e mesmo se o não tivesse teria acordado com a queda que dei. Além disso, esfolei muito os cotovelos e joelhos e, na manhã seguinte, as contusões tê-lo-iam provado, se por acaso eu estivesse em dúvida.

A vigia que estava completamente aberta e presa atrás, coisa tão extraordinária que me lembro muito bem ter sentido mais espanto do que medo quando dei por isso. Fechei imediatamente o vidro e atarrachei o fecho com toda a minha, força. Fazia muito escuro, no camarote. Refleti que a vigia se tinha aberto pouco mais ou menos uma hora depois que Roberto a fechara na minha presença, e resolvi observar se ela se tornava a abrir. Aqueles fechos de latão são muito pesados e nada fáceis de mover; não podia acreditar que o gonzo se tivesse movido com o estremecer do parafuso. Fiquei a olhar através do vidro grosso para as faixas, alternadamente brancas e cinzentas, do mar que espumava ao lado do navio.

Devia estar ali durante um quarto de hora.

De repente, quando me pus em pé, ouvi distintamente alguma coisa mover-se, atrás de mim, num dos beliches, e, um instante depois, quando instintivamente me virava para olhar - apesar de não poder ver na escuridão - senti um gemido muito fraco. Dei um pulo através do camarote, e afastei as cortinas do beliche de cima, metendo as mãos dentro para

ver se estaria lá alguém. Estava lá alguém, efetivamente.

Lembro-me que a sensação que tive, quando estendi as mãos, foi a de as ter mergulhado no ar duma cave úmida. E, detrás da cortina, veio uma lufada de vento, que cheirava horrivelmente a água salgada que se tivesse estagnado. Agarrei em qualquer coisa que tinha a forma dum braço humano, mas liso, molhado e frio de gelo. De repente, porém, quando puxava, a criatura saltou violentamente sobre mim, numa massa peganhosa e lamacenta, segundo me pareceu, pesada e úmida, mas dotada duma espécie de força sobrenatural. Cambaleei e, num instante, a porta abriu-se e a coisa saiu. Não tive tempo de me assustar e, levantando-me rapidamente, voltei pela porta e corri atrás daquilo com toda a minha velocidade, mas já era tarde. Dez varas adiante de mim, pude ver - tenho a certeza que vi! - uma sombra escura movendo-se na luz incerta do corredor, tão depressa como a sombra dum cavalo ligeiro projetada numa noite escura pela lanterna. Mas num instante desapareceu e dei comigo agarrado ao corrimão que volta do corredor para a escotilha. Tinha os cabelos em pé e um suor frio corria-me pela cara. Estava muito assustado, do que não me envergonho nada,

Apesar disso, duvidava ainda dos meus sentidos e tentei raciocinar friamente. Era absurdo, pensava eu. O coelho Welsh, que comera ao jantar, tinha-me feito mal. Tinha sido um pesadelo. Voltei para o camarote e entrei nele com esforço. Cheirava tudo a água salgada que se tivesse estagnado como quando acordara na noite antecedente. Tive que empregar toda a minha força moral para entrar e procurar, às apalpadelas, uma caixa de fósforos de cera. Quando acendi uma lanterna portátil, que ler, depois de se estava outra vez aberta e começou a apoderar-se de mim uma espécie de terror que nunca tive e que não desejo tornar a sentir. Todavia, comecei a examinar o beliche de cima, esperando encontrá-lo cheio de água do mar.

Mas fiquei desapontado. A cama tinha sido ocupada e o cheiro do mar era muito forte; mas as roupas estavam perfeitamente secas. Pensei que Roberto não tivera ânimo para fazer a cama, depois do acidente da noite passada, tudo tinha sido um sonho horroroso! Abri as cortinas o mais possível e examinei tudo cuidadosamente. Estava bem enxuto. Mas a vigia se achava outra vez aberta.

Numa espécie de profundo terror, tornei a fechá-la e, metendo uma bengala muito forte na argola do parafuso, apertei-o com toda a força até que ele começou a entortar. Depois, pendurei a lanterna no veludo encarnado, à cabeceira da cama, e sentei-me para tentar refazer-me do susto, se pudesse. Fiquei ali toda a noite, sem poder pensar em descansar, sem quase poder pensar. Mas a vigia continuou fechada, e eu não cria que agora se pudesse abrir sem uma força extraordinária.

A manhã despontou, por fim, e vesti-me vagarosamente, pensando era tudo o que tinha acontecido durante a noite. Estava um belo dia, e fui para o tombadilho, satisfeito por ir para o sol límpido da manhã e por respirar a brisa que vinha da água azul, tão diferente do cheiro insalubre e estagnado que havia no camarote. Instintivamente, dirigi-me para a popa, ao camarote do médico. Ele lá estava, de cachimbo na boca, gozando o ar da manhã, exatamente como no dia antecedente.

— Bons dias! - cumprimentou, tranqüilamente, mas, olhando para mim com evidente curiosidade.

— Doutor, o senhor tinha razão, - disse eu. - Há, efetivamente, qualquer coisa naquele camarote.

— Bem me parecia que havia de mudar de opinião! volveu ele, em tom triunfante. - Passou mal a noite, não é verdade? Quer que lhe dê um cordial? Tenho uma receita esplêndida!

— Não, obrigado, - agradei. - Mas gostaria de lhe contar o que aconteceu.

Tentei, em seguida, explicar, tão claramente quanto possível o que se tinha passado, não escondendo que levava um susto como nunca apanhara na minha vida. Demorei-me mais particulamente no caso da vigia, que era um fato que eu podia afirmar, mesmo que o resto tivesse sido ilusão.

Havia-a fechado duas vezes, durante a noite, e, da segunda vez, tinha até torcido o fecho, ao apertá-lo com a bengala. Tenho idéia de que insisti muito neste ponto.

— O senhor parece pensar que duvido da sua história, - disse o doutor, sorrindo-se, ao ouvir a descrição minuciosa do estado da vigia. - Não tenho a menor dúvida. Tomo a fazer-lhe o mesmo convite: traga as suas malas e venha para o meu camarote.

— Venha o doutor para o meu, por uma noite. Ajude-me a investigar o fundo de tudo isto.

— O senhor vai investigar, mas é outra qualidade de fundo, se persistir em tentar isso.

— Qual? - perguntei eu.

— O fundo do mar. Vou deixar este navio. Não é seguro.

— Então, não me ajuda a procurar?...

— Qual história! - exclamou o doutor vivamente. Tenho obrigação de conservar o juízo e não de me ir meter com fantasmas e coisas do outro mundo!

— Mas pensa que, na realidade, seja um fantasma? perguntei, eu, um pouco desdenhosamente. Mas, de repente, lembrei-me da horrível sensação de qualquer coisa sobrenatural que se apoderara de mim na noite antecedente. O doutor voltou-se decidido para mim.

— Acha alguma explicação racional para esses fatos? - perguntou ele. - Não, não acha! Bem, o senhor diz que há de arranjar uma explicação. Eu afirmo que não arranjará, muito simplesmente porque não há explicação alguma.

— Mas, meu caro senhor, - retorqui eu, - então o senhor, um homem de ciência, diz-me que essas coisas não se podem explicar?

— Digo, - respondeu ele, com energia. - E, se o pudessem ser, eu é que não quereria tomar parte na explicação.

Não me agradava nada passar outra noite sozinho no camarote, contudo, estava resolvido a determinar a origem daquilo tudo. Não creio que haja muitos homens que dormissem lá sozinhos, depois de passarem as duas noites que eu passei. Mas resolvi tentá-lo, se não encontrasse alguém que quisesse ficar comigo. Evidentemente, o médico não se sentia inclinado a tentar a experiência. Dizia que era médico, e que, no caso de se dar algum acidente a bordo, precisava estar a postos. Tinha de estar com a cabeça no seu lugar. Talvez tivesse razão, mais inclino-me a pensar que todas estas precauções eram causadas pelo medo. Informou-me que não havia ninguém a bordo que me acompanhasse nas minhas investigações, e, depois de mais algumas palavras, deixei-o. Dai a pouco,

encontrei o capitão e contei-lhe o caso. Disse-lhe que, se ninguém quisesse passar a noite comigo, pedia que deixassem a luz acesa toda a noite e que eu tentaria a experiência sozinho.

— Olhe, - disse ele, - vou lhe dizer o que farei. Ficarei consigo, e veremos o que acontece. Tenho a certeza de que nós ambos havemos de dar com o caso. Talvez haja alguém escondido a bordo, que apanhe uma passagem de graça, assustando os passageiros. Talvez haja mesmo alguma coisa a consertar no beliche.

Observei que seria bom levarmos o carpinteiro, para examinar o beliche; fiquei muito satisfeito com o oferecimento do capitão para passar a noite comigo. Mandou chamar o carpinteiro e disse-lhe que fizesse o que eu ordenasse. Descemos imediatamente. Desmanchei a cama do beliche de cima e examinamos tudo para ver se haveria alguma tábuas solta ou algum caixilho que pudesse ser aberto ou empurrado. Experimentamos todas as tábuas, sondamos o chão, desaparafusamos o beliche de baixo e desmanchamo-lo todo; em suma, não houve um centímetro quadrado que não fosse revistado e experimentado. Estava tudo em perfeita ordem e pusemos tudo outra vez no seu lugar. Quando estávamos acabando a nossa tarefa, Roberto chegou à porta e olhou para dentro.

— Então, senhor, o que é que encontrou? - perguntou ele com um sorriso macabro.

— Tinha razão, a respeito da vigia, Roberto, disse eu, dando-lhe a libra prometida.

O carpinteiro trabalhava em silêncio e com jeito, seguindo as instruções que lhe dava. Quando acabou, disse-me:

— Eu sou um homem franco, senhor. Tenho a convicção de que o melhor era o senhor tirar daqui as suas cousas, e deixar que eu aparafuse a porta do camarote. Este camarote ainda não deu nada de bom. Já, aqui, morreram quatro pessoas, que eu saiba, e isto em quatro viagens. É melhor deixá-lo, meu senhor, é melhor deixá-lo!

— Vou experimentá-lo ainda uma noite, - atalhei.

— É melhor deixá-lo, meu senhor, é melhor deixá-lo! Não sai daqui nada bom, - repetiu o carpinteiro, metendo a ferramenta no saco e indo-se embora.

Todavia, tinha ficado muito animado com a perspectiva de ter a companhia do capitão e formei tenção de não deixar que me impedissem de chegar até o fim daquele estranho caso. Abstive-me, nessa noite do Welsh rabbitt e do grog e nem sequer tomei parte na partida de whist do costume. Queria confiar absolutamente nos meus nervos e a minha vaidade fazia com que desejasse mostrar boa figura aos olhos do capitão.

O capitão era um daqueles lobos do mar valentes e cuja coragem, presença de espírito e sangue frio, no momento de perigo, fazem com que chequem naturalmente às posições de maior confiança. Não era homem para se deixar levar por histórias e bastava o fato de ele desejar reunir-se a mim nas minhas investigações para provar que ele pensava que havia qualquer cousa séria que não podia ser explicada, pelas teorias vulgares, nem tida como =a superstição ordinária. Aliás, a sua reputação, bem como a do navio, também estava envolvida no caso. Não era brincadeira perder passageiros pela borda afora, e ele bem o sabia.

Pelas oito horas da noite, quando fumava o meu último charuto, ele veio ter comigo e levou-me para um canto, fora do caminho dos outros passageiros, que passeavam no convés.

— Isto é cousa muito séria, Senhor Brisbane! - disse ele. - Temos que nos conformar: ou a não ver nada ou a Passar um mau bocado. Como vê, não posso levar isto a rir e peço-lhe que ponha o seu nome no relatório do que se passar. Se não acontecer nada, esta noite, continuaremos. amanhã e depois. Está pronto?

Seguimos para baixo e entramos no camarote. Quando fomos para dentro, pude ver Roberto, o criado, que estava um pouco para baixo do corredor, observando-nos com o seu sorriso habitual, como se tivesse certeza de que qualquer coisa terrível ia acontecer. O capitão fechou a porta a chave.

— Talvez fosse melhor pôr a sua mala encostada à porta, - recomendou. - Um de nós podia se sentar nela. Assim, ninguém poderá sair. A vigia está fechada?

Estava como a tinha deixado de manhã. De fato, sem usar uma alavanca, como eu fiz, ninguém a podia abrir. Afastei as cortinas do beliche de cima, para poder olhar bem para dentro. Por conselho do capitão, acendi minha lanterna portátil e coloquei-a de modo a que iluminasse os lençóis de cima. Insistiu em ficar sentado na mala, dizendo que queria poder jurar que tinha estado encostado à porta.

Depois, pediu-me para darmos uma busca ao camarote, operação que se fez depressa, por consistir simplesmente em olhar por baixo do beliche inferior e por baixo do sofá que ficava ao pé da vigia. Estava tudo vazio.

— É impossível que algum ente humano entre aqui.

— Bem, - disse o capitão, sossegadamente. - Se agora virmos alguma coisa, ou é imaginação ou qualquer coisa sobrenatural.

Sentei-me na borda do beliche de baixo.

— A primeira vez que isto aconteceu, - disse o capitão, cruzando as pernas e encostando-se à porta - foi em março. O passageiro que dormia aqui, no beliche de cima, averiguou-se que era um doido, pelo menos sabia-se que era fraco da cabeça e tinha tomado a passagem às escondidas dos amigos. Correu para fora, no meio da noite, e deitou-se ao mar antes que o oficial de quarto o pudesse evitar. Paramos e deitamos um escaler; a noite estava serena, mas não foi possível encontrá-lo. O seu suicídio foi, mais tarde, atribuído à loucura.

— Acontece isso muito? - perguntei, distraidamente.

— Não... muitas vezes, não - respondeu o capitão. Nunca me aconteceu, se bem que tenha ouvido dizer que tem acontecido noutros navios. Ora, como estava dizendo, isto teve lugar em março. Na viagem seguinte...Para onde está o senhor a olhar? - perguntou ele, suspendendo repentinamente a sua narração.

Creio que não respondi. Tinha os olhos pregados na vigia. Parecia-me que o parafuso se estava movendo muito devagar, mas tão devagar que não tinha a certeza que se estivesse movendo. Olhei com atenção, procurando fixar na mente a posição e tentando certificar-me se a mudava.

— Mexe-se! - disse ele, num tom de convicção. Não, não se mexe... - acrescentou, daí a pouco.

— Se fosse o parafuso que estivesse solto, - observei - já se teria aberto durante o dia. Mas encontrei-o, esta tarde, tão bem apertado como o deixei esta manhã.

Levantei-me e experimentei o parafuso. Estava de fato lasso, porque, com um certo

esforço, podia movê-lo com as mãos.

— O que é esquisito, - disse o capitão, - é que a segunda pessoa que desapareceu, parece que se atirou por aquela vigia. Que noite terrível que passamos! Foi alta noite, e o mar estava encapelado, deu-se um alarma que havia uma vigia aberta e que a água estava a entrar por ela adentro. Desci e encontrei tudo inundado; a água entrava sempre que o navio se inclinava e a vigia estava pendente pelos fechos de cima. Bem, conseguimos fechá-la, mas a água causou algumas avarias. Desde essa noite que este camarote, de tempos a tempos, cheira a água salgada. Supusemos que o passageiro se tivesse atirado pela vigia, mas só Deus sabe como ele o conseguiu fazer. O criado dizia-me, sempre, que não podia ter aqui nada fechado. Palavra que me cheira, agora; não lhe cheira? - perguntou ele, aspirando o ar, desconfiado.

— Cheira-me... e muito! - concordei, estremecendo, à medida que aquele cheiro de água estagnada se tornava mais forte no camarote.

— Ora, para cheirar assim é necessário que o camarote seja úmido, - continuei, - e, apesar disso, quando eu e o carpinteiro o examinamos, esta manhã, estava tudo perfeitamente seco. É deveras extraordinário. . . olá!

A minha lanterna portátil, que estava pendurada no beliche de cima, apagou-se de repente. Ainda vinha bastante luz da bandeira de vidro fosco da porta, por detrás da qual brilhava a lâmpada do costume. O navio balouçava muito e a cortina do beliche de cima vinha até o meio do camarote e voltava para trás. Levantei-me rapidamente da borda da cama, e, no mesmo instante, o capitão pôs-se também em pé, dando um grito de surpresa. Tinha-me voltado para apanhar a lanterna e examiná-la, quando lhe ouvi a exclamação e em seguida gritar por socorro. Saltei para o seu lado. Lutava com toda a força com o parafuso de latão da vigia. Parecia mover-se-lhe nas mãos, apesar dos seus esforços. Pequei na bengala, um pesado pau de carvalho que costumava trazer sempre comigo, meti-o pela argola e puxei por ele, com toda a força. Mas a forte madeira estalou de repente e eu cai no sofá. Quando me levantei, a vigia estava completamente aberta e o capitão encostado à porta, pálido de morte.

— Há qualquer coisa naquele beliche!. disse ele, numa voz estranha e com os olhos quase a saírem-lhe da cara. - Segura a porta, enquanto eu vejo... desta vez, não há de escapar-nos, seja lá o que for!

Mas, ao invés de ir ocupar o seu lugar, saltei a cama de baixo e agarrei em qualquer coisa que estava no beliche de cima.

Era qualquer coisa sobrenatural, horrível, indizível, e movia-se nas minhas mãos. Era como o corpo duma pessoa afogada havia muito tempo, contudo, mexia-se e tinha a força de dez homens vivos. Mas agarrei com toda a força, naquela coisa escorregadia, lamacenta, horrível. Os olhos, brancos e mortos, pareciam olhar para mim no meio da escuridão; tinha o cheiro podre de água salgada que se tivesse estagnado e os cabelos luzidios caíam-lhe em mechas molhadas, pela cara cadavérica. Lutei com aquela coisa morta; deitou-se sobre mim fez-me recuar e quase que me quebrou os braços; enrolou os seus braços cadavéricos à roda do meu pescoço, subjuguou-me e, por fim, gritei, caí e larguei a presa.

Quando caí, aquela coisa saltou por cima de mim e atirou-se ao capitão. A última vez

que o vi à pé, tinha a cara pálida e os lábios cerrados. Pareceu-me que deu uma grande pancada naquela coisa e, depois, também ele caiu para diante, com um grito inarticulado de dor.

A coisa parou um instante pareceu pairar sobre o corpo estendido, e eu teria gritado de terror, se ainda tivesse voz. Aquilo desapareceu de repente, e pareceu-me aos sentidos desordenados que saía pela vigia aberta; como foi isso possível, é que ninguém pode dizer. Fiquei muito tempo no chão e o capitão ao meu lado. Por fim, recobrei os sentidos parcialmente e vi logo que tinha o braço partido: o rádio do antebraço esquerdo ao pé do pulso.

Levantei-me com dificuldade e, com a mão que me restava, tentei levantar o capitão. Gemeu, moveu-se e afinal, voltou a si. Não estava ferido, mas parecia atordoado.

Acabei a viagem no camarote do médico. Tratou-me do braço partido e aconselhou-me a que não me tornasse a meter com fantasmas e com coisas do outro mundo. O capitão estava muito calado, e nunca tomou a navegar serviço. E naquele navio, apesar de ele ainda estar de também eu não tenciono tornar a embarcar nele.

---

## RATOS DO CEMITÉRIO

Henry Kuttner

O Velho Masson, zelador de um dos mais antigos e relaxados cemitérios da cidade de Salem, vivia eternamente às voltas com os ratos. Há gerações atrás, tinham vindo eles dos molhes, dos cais, e se instalaram no cemitério, uma verdadeira colônia de enormes ratos. Quando Masson passou a ocupar o atual cargo, após o desaparecimento inexplicável do outro zelador, decidira dar-lhes caça. A princípio, deitara-lhes armadilhas, envenenara comida, que largava pelos buracos, e, mais tarde, experimentara matá-los com uma espingarda, mas nada conseguiu. Os ratos continuavam, multiplicavam-se, infestando o cemitério, com suas hordas inextinguíveis.

Eram enormes, mesmo para o "mus decumanus", que as vezes chega a medir quinze polegadas, excluindo-se o rabo cinza e rosa. Masson entrevira alguns tão grandes quanto gatos e, quando, certa vez, os coveiros remexeram em suas tocas, os mal odorosos túneis eram tão largos, que permitiriam a passagem de um homem agachado.

Vieram de distantes portos Salem, trouxeram consigo. Os navios, que gerações atrás para os cais arrebetados de estranhas cargas.

Masson frequentemente se admirava do tamanho desses túneis. Lembrava-se vagamente de lendas perturbadoras, que ouvira ao chegar àquela Salem, antiga e povoada de contos de feitiçaria - narrativas de uma vida inumana, moribunda, que se dizia ter existido em tocas esquecidas, nas profundezas da terra. Os velhos dias em que Cotton Mather perseguira os cultos diabólicos, que veneravam Hécate e a Magna Mater, orgias infernais, tinham passado. Mas, escuras e tétricas casas de torres pontiagudas ainda se

inclinavam perigosamente umas para as outras em ruelas estranhas. E segredos blasfemos atestavam que, nas suas cavernas e adegas subterrâneas, celebravam-se ainda os ritos negros, que desafiam a sanidade mental. Meneando gravemente a cabeça branca, os mais velhos afirmavam que havia. Poucas cousa piores que ratos infestando a terra esburacad dos antigos cemitérios de Salem.

E, aqui, voltamos à curiosa questão dos ratos. Masson odiava e respeitava os ferozes roedores, pois conhecia o perigo que se desprendia de seu pêlo luzidio e caninos aguçados. Não entendia, porém, o horror que os mais velhos ressentiam pelas casas abandonadas de viventes e infestadas de ratos. Ouvira vagos rumores sobre - espectrais, que perambulam pelos subterrâneos e cujo poder se exerce sobre ratos, a organizá-los como um verdadeiro exército. Os ratos, murmuravam os mais velhos, são os mensageiros entre este mundo e o outro, que se oculta sob a terra de Salem. Cadáveres tinham sido roubados de seus túmulos, para os festins subterrâneos, assim diziam.

Masson não cuidava muito dessas histórias. Não confraternizava com seus vizinhos e tudo fazia, na verdade, para ocultar a existência dos ratos aos intrusos. Investigações, pensava ele, não sem razão, significariam a abertura de inúmeros túmulos. E, conquanto alguns caixões e corroídos, esvaziados mesmo, pudessem ser atribuídos à ação dos ratos, Masson achava difícil explicar os corpos atirados, que jaziam em algumas das tumbas.

O ouro, o mais puro, é usado na obturação de dentes, o esse ouro não é removido por ocasião do sepultamento. Roupas, está claro, são outro assunto, pois o agente funerário se encarrega de que seu cliente vista as mais baratas possíveis. Mas o ouro não. E, mais ainda: estudantes de Medicina e médicos de reputação duvidosa estão sempre à cata de cadáveres e não se incomodam absolutamente em conhecer a origem desse fornecimento.

Por isso, Masson, até agora, conseguira impedir as investigações. Negara firmemente a existência dos ratos, embora estes lhe roubassem freqüentemente a presa. Masson pouco se incomodava com o que acontecesse aos corpos, depois que neles tivesse exercido sua operação, e os ratos, exoravelmente, arrastavam, o cadáver, através do buraco, roíam na parede do caixão.

O tamanho desses buracos, às vezes, preocupava Masson. Acrescia, ainda, a estranha circunstância dos sarcófagos serem sempre abertos na parte correspondente às extremidades, nunca no cimo ou nos lados. Poder-se-ia crer que trabalhavam sob as ordens de algum líder impassível e extraordinariamente inteligente.

Neste momento, Masson achava-se de pé, em uma cova descoberta, atirando para o lado os últimos montes de terra. Chovia, uma garoa miúda e fria, que, por semanas a fio, castigava a terra. O cemitério parecia um lamaçal amarelo, de que se destacavam as tumbas, como monstros desordenados.

Os ratos haviam-se retirado para suas tocas e fazia dias que Masson não punha os olhos sequer num. Seu rosto barbudo e de expressão dura estava totalmente enrugado. O caixão que pisava era de madeira.

O corpo tinha sido sepultado dias antes, mas Masson ainda não ousara desenterrá-lo. Um parente do morto viera ao cemitério, por diversas vezes, arrostando o mau tempo. Confiava, porém, agora, em que não apareceria a horas tão tardias, por maior que fosse a sua dor, pensava Masson, a fazer caretas das mais horríveis. Descansou por instantes.

Da colina, em que estava situado o velho cemitério, divisava as luzes de Salem, tremeluzindo, através da neblina. Tirou uma lanterna do bolso. Precisaria de luz, agora. Empunhou a pá, inclinou-se e examinou a fechadura do caixão.

Parou abruptamente. Sua atenção foi despertada por um leve mexer, sob seus pés, como se algo se movesse dentro do caixão. Um medo supersticioso tomou conta dele, detendo-lhe a respiração, até que percebeu o significado daqueles ruídos. Os ratos tinham-no precedido, despojando-o de sua presa.

Num paroxismo de ódio, Masson arrebentou as ligaduras do caixão, enfiando a ponta da pá entre a tampa e o esquite: propriamente dito. Iluminou-o com a lanterna.

A chuva caiu de encontro ao cetim branco, do forro. O caixão estava vazio. Masson percebeu movimento na extremidade do sarcófago e dirigiu a lanterna para ela. Um buraco enorme deixava entrever um sapato preto, que se arrastava vagorosamente, e o homem compreendeu que os ratos o haviam precedido de apenas alguns minutos.

Caiu sobre os joelhos e tentou agarrar o sapato, deixando tombar a lanterna dentro do caixão. O sapato não foi, alcançado e ele ouviu um guincho agudo, excitado. Tomou novamente a lanterna, iluminando o buraco.

Era bem grande. Tinha que ser, ou o cadáver não poderia ter sido arrastado por ali. Masson espantou-se ainda uma vez ante o tamanho de ratos, que podiam agüentar com o cadáver de um homem, mas a certeza do remover, que carregava no bolso, confortou-o. Provavelmente, se o cadáver fosse de uma pessoa comum, Masson o deixaria entregue aos raptos e jamais se aventuraria naquela toca, mas estava bem lembrado de que o cadáver vestia uma camisa de linho finíssimo e que seu alfinete de gravata era de pérola. Sem quase refletir, pendurou a lanterna na cinta e engatinhou no buraco.

Era apertado. mas conseguiu passar. Bem à sua frente, podia ver os sapatos que andavam por sobre a terra úmida das profundezas do túnel. Engatinhou o mais rapidamente que pode, às vezes tendo que se arrastar de barriga, por falta de altura.

O ar era irrespirável. Se não alcançasse o corpo em um minuto, decidiu Masson, voltaria. Terrores subconscientes começavam a fazer-lhe companhia, sem que pudesse evitar, mas o ódio impelia-o para a frente. Arrastou-se, atravessando túneis, que se entroncavam. As paredes eram limosas e por duas vezes bolas de lama caíram sobre e atrás dele. Da segunda vez, parou. Não enxergava. Desatou a lanterna da cinta e iluminou a escuridão.

Torres de terra amontoavam-se atrás dele e o perigo sua posição, de repente, tornou-se real, pavoroso. Com medo de ficar sepultado vivo, resolveu abandonar a perseguição, embora quase alcançado o cadáver e o ser invisível, que o arrastava. Mas, não pensara em uma cousa. O túnel era muito estreito, para permitir que ele se virasse. O pânico assaltou-o, mas lembrou-se: de um túnel que atravessara havia instantes e de costas; entrou nele girando aos poucos, até poder prosseguir de frente. Rápido tentou encontrar o caminho de volta. conquanto " Joelhos estivessem machucados e trêmulos.

Uma dor aguda paralisou-lhe a perna. Um dente agudo se enterrara em sua carne. Masson se bateu freneticamente. Ouviu guinchos excitados e o mover de muitos pés. Iluminando com a lanterna, Masson prendeu a respiração, num choque causado pelo susto, ao perceber uma dúzia de enormes ratos, que\* o contemplavam firmemente, seus olhos

rasgados, brilhando àquela luz. Eram enormes, tão grandes como gatos, e atrás deles entreviu uma sombra negra, que deslizou suavemente. Masson estremeceu ante o descomunal daquela cousa invisível.

A luz os detivera momentaneamente, mas, agora, se aproximavam, os dentes alaranjados devido à iluminação. Masson conseguiu sacar a pistola do bolso e mirou cuidadosamente. Sua posição era péssima. Firmou os pés nas paredes limosas, para não desperdiçar o tiro.

O ruído espantoso da explosão ensurdeceu-o por instantes e a fumaça provocou-lhe tosse. Quando pode ver e ouvir novamente, os ratos tinham desaparecido. Recolocou a pistola no lugar e quis prosseguir a caminhada de volta, mas, entre guinchos e arrastar de pés, já estavam de novo em cima dele.

Trepavam em suas pernas, mordendo e guinchando loucamente. Masson estremeceu, ao procurar o revólver. Atirou sem mirar e unicamente a sorte o livrou de arrancar o próprio pé. Desta vez, os ratos não foram longe, mas Masson corria o melhor que podia, pronto para atirar ao primeiro ruído suspeito.

Novo ruído de pés e o homem iluminou, com a lanterna, atrás de si. Um enorme rato cinzento parou e vigiou-o. Seus longos bigodes moviam-se e o rabo, escabroso e sem pêlos, balançava de um lado para outro. Masson gritou, e o rato afastou-se.

Prosseguiu, detendo-se ante um túnel negro, bem à altura de seu cotovelo, bloqueado por uma massa, que julgou, por instantes, ser terra, desmoronada do teto, para logo verificar, horrorizado, que se tratava de um corpo humano.

Era uma múmia marrom, enrugada, e, por pior que aquilo lhe parecesse, a cousa se movia.

Arrastava-se na sua direção e, à luz da lanterna, a cara horrenda mergulhou na sua. Era um esqueleto de muitos anos, a viver uma vida diabólica. Não tinha olhos, mas buracos, que, inexplicavelmente, brilhavam, através de sua cegueira. E aquilo gritava à medida que avançava para Masson, a boca entreaberta e retorcida. Masson enregelou de pavor e nojo.

Antes que aquele horror o tocasse, Masson enterrou-se no túnel ao lado. Ouviu um arranhar de garras atrás dele, olhando de esguelha, gritou, gritou, enquanto mais enterrava no buraco estreito. Arrastou-se desajeitadamente, sentindo que pedrinhas agudíssimas lhe dilaceravam as mãos e os joelhos. A sujeira penetrara-lhe os olhos, mas não ousava parar. Engatinhava, blasfemando, respirando com dificuldade e rezando histericamente.

Guinchando triunfalmente, os ratos chegaram-se a ele, a fome horrenda escrita nos olhos. Masson quase sucumbiu ante os dentes agudos, mas conseguiu afastá-los. A passagem estreitava-se cada vez mais. No paroxismo do terror, Masson deu pontapés, gritou.

Achou-se, engatinhando, sob enorme pedra, incrustada no teto, que pesava cruelmente nas suas costas. Moveu-se Um pouco, quando foi atingido por seu corpo. Uma idéia atravessou a mente quase enlouquecida do homem. Se pudesse arrancar a pedra e bloquear o túnel!

A terra estava úmida, devido às chuvas e, de cócoras, Masson começou a escavar em torno da pedra. Os ratos se aproximavam cada vez mais. Via-lhes os olhos que brilhavam, a cada tremeluzir da lanterna. A pedra começava a ceder.

Um rato se aproximou - o monstro, que já entrevira. Cinzento e leproso, avançava, com os dentes alaranjados à mostra, rebocando aquela cousa morta; que guinchava à medida que se arrastava. Masson esforçou-se, trabalhando, desesperado, e sentiu que a pedra ia cair. Rápido, continuou a arrastar-se pelo túnel.

Atrás, a pedra ruiu fragorosa, e ouviu-se súbito guinchar de agonia. Torrões de pedra caíam sobre as pernas de Masson, que custava a livrar-se deles. Todo o túnel ia desmoronando!

Respirando com dificuldade, amedrontado, Masson impeliu-se para a frente, percebendo que a terra úmida queria engoli-lo. O túnel estava-se estreitando de tal maneira que já não podia usar mais as mãos e pernas para se mover.

Deitou-se de barriga no chão, coleando como uma enguia, mas de repente, quando experimentou erguer-se, descobriu que o teto se achava apenas a centímetros de suas costas. O pânico assaltou-o.

Quando o horror cego lhe bloqueara o caminho, atirara-se desesperado para um túnel lateral, túnel que parecia não ter saída! Só agora entendia. Estava num caixão, um caixão vazio, cuja extremidade, como de costume, tinha sido roída pelos ratos.

Experimentou voltar-se de costas, mas não pôde. Se ao menos pudesse levantar a tampa do caixão! Impossível. E, se pudesse escapar do sarcófago, como faria para remover a cinco pés de terra?

Masson arfava. O ar irrespirável, fétido, era de um calor infernal. Num paroxismo de terror, arranhou, raspou o cetim do forro, até que este se despedaçou. Com os pés, tentava cavar o monte de terra desmoronada, que lhe bloqueava a saída. Se ao menos pudesse mudar de posição, se pudesse encontrar um pouco de ar... ar...

Agonia amarela, morna, espalhou-se por seu rosto e turvou-lhe os olhos. Sua cabeça parecia intumescer, crescendo, aumentando, sempre mais.

E, de repente, ouviu o guinchar triunfal dos ratos. Pôs-se a gritar feito louco, mas já não conseguia afastá-los. Por momentos, buscou histericamente um refúgio dentro de sua estreita e estranha prisão, e depois aquietou-se, tentando respirar.

Seus cílios desceram sobre os olhos, a língua preta lançou-se fora da boca e ele mergulhou na escuridão da morte, enquanto os ratos, desatinados, banquetevam-se em suas orelhas.

---

# A MÃO DO HINDU

**Arthur Conan Doyle**

Toda a gente sabe que Sir Dominick Holden, o famoso cirurgião da Índia, fêz-me seu herdeiro, e, desse modo, transformou um médico pobre num opulento proprietário. Muitos, também, sabem que, pelo menos, cinco pessoas se atravessaram em meu caminho, por julgarem a escolha de Sir Holden arbitrária ou caprichosa. A estas, posso assegurar

que estão redondamente enganadas e que, embora eu conhecesse Sir Holden apenas nos últimos tempos de sua vida, ninguém fez mais por lhe merecer a estima. Posso mesmo afirmar que, em toda sua vida, ninguém fez mais por ele. Não pretendo que aceitem a minha afirmativa, nem que creiam no que vou contar; parece obra de pura imaginação; mas, como me sinto no dever de contá-la, aqui a ponho, quer me creiam, quer não.

Sir Dominick Holden foi o mais notável cirurgião da Índia, no seu tempo. Começou no Exército mas, depois, estabeleceu-se, como particular, em Bombaim, donde era clamado para todos os pontos da Índia. Seu nome está muito ligado ao Hospital Oriental, por ele fundado e mantido. Tempo veio, entretanto, em que a sua constituição de ferro começou a dar sinais de cansaço, fazendo com que seus colegas (talvez não desinteressadamente) fossem unânimes em aconselhá-lo a voltar para a Inglaterra.

Sir Holden resistiu quanto pôde, até que seu estado se agravou e ele ressurgiu em Londres, alquebrado, em busca de Wiltshire, sua terra de nascimento. Lá, adquiriu uma grande propriedade, na fímbria da Alisbury Plain, e consagrou seus últimos anos ao estudo da Anatomia Comparada, que era sua vocação e na qual se tornara autoridade Mundial..

Nós, da família, ficamos muito excitados com a volta já esperada de tio tão rico e sem filhos. Sir Holden, embora nada exuberante na hospitalidade, mostrou que tomava os parentes em linha de conta, a cada um de nós mandando, alternativamente, convite para uma estada lá. Desejava conhecer-nos. Por um primo, tive informação de que essas estadas eram bem melancólicas, e, em vista disso, foi com idéias mal definidas que me dirigi para lá, quando minha vez chegou. Minha mulher fora tão deliberadamente excluída do convite, que o meu primeiro ímpeto foi recusá-lo; mas, havia interesses em jogo - interesses dos filhos - e, movido pela insistência de todos, pus de lado o ressentimento e, numa tarde de outubro, parti para lá, sem, nem por sombras, imaginar o que iria suceder.

A propriedade de meu tio estava situada na planície de terras aráveis, alternadas com morretes de grés, características do condado de Wiltshire. Quando desci na estação de Dinton, ao apagar-se daquele dia de outono, senti-me impressionado pelo tom de magia da paisagem. Os escassos cottages de camponeses ficavam tão minúsculos diante dos restos da vida pré-histórica, que o presente se me afigurava um simples sonho e, o passado, uma realidade esmagadora. O caminho coleava ao sabor de vales rasgados entre morros, em cujos topos se erguiam fortificações, redondas umas, outras quadradas, desafiadoras da ação dos ventos e das chuvas através dos séculos. Uns as atribuem aos romanos; outros, aos bretões; mas, a sua verdadeira origem está muito entrelaçada de possibilidades para que possa ser tirada a limpo. A espaços, nas encostas escarpadas, emergem restos de túmulos. Neles subsistem as cinzas dos cadáveres cremados, da raça que esburacou daquela maneira a montanha. Uma urna de barro em cada túmulo conta que ali se dissolveu um homem que já viveu sob o sol.

Foi através dessa impressionante paisagem que me aproximei da residência de meu tio, em Rodenhurst, solar que se casava harmoniosamente com o meio. Dois pilares, corroídos pelo tempo e encimados de, emblemas heráldicos, flanqueavam o portão de entrada. Um renque de olmos seguia-se, agitado pelo vento gelado e a desfazer-se das folhas amarelecidas. Ao fim desse túnel vegetal, uma lâmpada. Era já quase noite, mas pude apanhar a vivenda em visão de conjunto - uma casa baixa, que se estirava em duas alas

desiguais, bem no estilo dos Tudors. Certa janela, com persianas, mostrava luz dentro - era o gabinete de meu tio, para onde me levou um criado.

Encontrei-o junto à lareira, tiritando ao áspero frio do outono inglês. Não estava acesa a lâmpada, de modo que vi Sir Holden à luz do braseiro - cabeça grande, nariz de índio, rosto sulcado de rugas, como marcas sinistras de oculto fogo vulcânico. Sir Holden ergueu-se para receber-me, num gesto de cortesia grata às tradições do velho solar. Um criado veio acender as lâmpadas e pude ver que um par de olhos, penetrantes como o das águias, escondidos debaixo do espesso das sobrancelhas - perdigueiros atrás das moitas - estavam lendo o meu caráter e os meus pensamentos, com a facilidade dum mestre nos segredos da vida.

Eu não podia despegar dele os meus olhos, porque jamais vira diante de mim uma criatura mais digna de nota. Um verdadeiro gigante, mas despido de carnes e só em osso. Suas roupas pendiam pelos ombros, pareciam vazias, como as que se vê num cabide de guarda-roupa. As mãos eram só nós; as pernas, magríssimas. Os olhos, porém, aqueles perscrutadores olhos azuis, impressionavam mais que tudo. Não pela cor, apenas, nem pelo fato de estarem emboscados sob as sobrancelhas espessas - mas pela expressão. Do seu todo agigantado e senhoril, era de esperar-se, naqueles olhos, uma expressão de arrogância; ao invés disso, tinha a que emana de um espírito acovardado e agachado, com o furtivo e expectante do olhar do cachorro que vê o senhor levantar o chicote. Mentalmente, murmurei o meu diagnóstico, com base naquela expressão. Vi que meu tio estava em luta com alguma doença mortal, dessas que extinguem uma vida repentinamente - e percebi que isso o aterrorizava. Era o chicote erguido. Tal foi o meu diagnóstico - mas errado, como os acontecimentos o provaram. Menciono-o para que o leitor acompanhe a marcha das minhas impressões.

A recepção de meu tio foi, como já disse, cortês e, uma hora depois, vi-me sentado entre ele e sua esposa, à mesa de jantar, diante de iguarias requintadas, e servido por criados do Oriente. O velho casal voltava, tragicamente, ao viver antigo dos começos do casamento, agora que se viam no fim da vida, sozinhos, sem amigos íntimos, já com a missão cumprida e à espera apenas do ponto final. Os que chegam a essa estação, com suavidade e amor, os que transformam o seu inverno em outono, saem da vida como vencedores. Lady Holden era uma criatura franzina e viva, com olhares para o marido, que eram certificados do nobre caráter do velho companheiro. Entretanto, embora eu lesse amor mútuo naqueles olhos, também lia um mútuo terror, que interpretei como o medo do fim. A conversa de um ou de outro era, às vezes, alegre, às vezes, triste - mas percebi esforço na nota alegre e muita naturalidade na nota triste - o que me esclareceu sob o estado real dos corações que lhes palpitavam no peito.

Estávamos no primeiro copo de vinho, e os criados já haviam deixado a sala, quando a conversa tomou rumo imprevisto. Não me lembro o que nos pôs naquele caminho, a debater o sobrenatural, assunto que me levou a discorrer sobre estudos psíquicos, aos quais me tenho devotado, como muitos outros neurologistas. Expus a experiência feita com membro da Psychological Research Society, quando, com mais três colegas, passara uma noite num prédio assombrado. Era um caso de nenhum modo excitante, ou convincente; mesmo assim, interessou meus tios no mais alto grau. Ouviram-me em completo silêncio,

trocando, a espaços, olhares que não pude compreender. Logo depois, Lady Holden ergueu-se da mesa e saiu da sala.

Sir Holden ofereceu-me charutos e pusemo-nos a fumar em silêncio. Notei que sua mão, toda ossos, estremecia ao levar o charuto à boca, e por esse detalhe conheci que seus nervos vibravam como cordas de violino. Pressenti que estava na iminência duma confissão e calei-me, para melhor precipitá-la. Por fim, voltou-se na cadeira e teve um gesto de quem lança de si os últimos escrúpulos.

— Do pouco que sei, vi e ouvi do senhor, Dr. Haracre, disse-me e, verifico que é exatamente o homem que procuro.

— Encanta-me muito ouvir isso, Sir.

— Sua cabeça me parece firme e fria. Não suponha que eu esteja a lisonjeá-lo. As circunstâncias são por demais sérias para que eu perca tempo com insinceridades. O senhor tem conhecimentos especiais destes assuntos e os vê de um ponto de vista filosófico, que lhes tira toda a vulgaridade. Diga-me: acha que poderia assistir a uma aparição, sem impressionar-se de maneira desastrosa?

— Perfeitamente, Sir.

— E interessa-se por isso?

— Profundamente.

— Como observador psíquico, pode o senhor ponderar sobre o fato, de um modo impessoal, como o astrônomo pondera sobre um cometa que surge?

— Exatamente, Sir.

O velho deu um prolongado suspiro.

— Creia-me, Dr. Hardacre, que houve tempo em que eu não podia falar como estou agora falando. Minha calma ficara famosa, na Índia. Ainda durante os dias trágicos da insurreição dos cipaios, essa calma não me abandonara por um só instante. E, no momento, veja ao que me acho reduzido. Sou a mais apavorada criatura de todo o condado de Wiltshire. Não fale muito arrogantemente dessa matéria, que se arrisca a um terrível teste como o que tive - um teste que poderá levá-lo ao hospício ou ao túmulo.

Esprei pacientemente que Sir Holden entrasse no âmago da sua confidência. Aquele prefácio enchera-me de curiosidade.

— De alguns anos a esta parte, - começou ele a minha vida, e a de minha mulher, tornou-se profundamente miserável, por um motivo que parece grotesco. E a familiaridade com esse motivo, ao invés de tudo atenuar, como faz toda familiaridade, mais e mais me destrói os nervos pelo atrito constante. Se o senhor não sente o medo físico, Dr. Hardacre, eu terei muito gosto em ouvir sua opinião sobre o fenômeno que tanto nos perturba.

— Embora pouco valha minha opinião, estará ela inteiramente ao seu serviço, Sir. Poderei saber a natureza desse fenômeno?

— Creio que sua opinião terá maior valor se de nada for informado antecipadamente. O senhor sabe muito bem a ação das impressões subjetivas sobre o objetivo, e deve guardar-se de tê-las a prejudicar a experiência.

— Que devo fazer, então?

— Vou dizer. Quer ter a bondade de acompanhar-me? e, assim dizendo, Sir Holden levou-me para fora da sala, rumo a um grande laboratório, cheio de instrumentos

científicos. Uma prateleira corria pela parede, com dezenas de vidros contendo preparações anatômicas.

— O senhor vê que eu ainda insisto nos meus velhos estudos, - disse o famoso cirurgião. - Estes frascos constituem os remanescentes da preciosíssima coleção que perdi no incêndio de minha casa, em Bombaim, no ano de 1892. Foi um grande desastre na minha vida, sob vários aspectos. Eu possuía exemplares únicos, em matéria de desvios anatômicos. Restam-me estes sobejos.

Corri os olhos pela coleção, e notei que eram realmente objetos de grande valor, pela raridade do ponto de vista patológico - órgãos anormais, ossos mal formados, distúrbios parasitários, uma singular exibição de transtornos orgânicos, coletados na Índia.

— Temos, aqui, um divã - disse o velho sábio. - Nunca foi minha intenção oferecer a um meu hóspede tão incomodo leito; mas, já que as coisas chegaram a este ponto, seria interessante que o senhor consentisse em passar a noite neste laboratório. Isso, caso não lhe repugne fazê-lo. Decida com toda a sinceridade.

— Bem pelo contrário, Sir. Será com grande prazer que me submeterei à experiência.

— Meu quarto é o segundo à esquerda e, se necessitar de mim, para o que quer que seja, não tenha escrúpulos em chamar-me.

— Espero não ser forçado a perturbar o seu repouso, Sir.

— Não receie acordar-me. Raro durmo. Estarei sempre alerta, e às suas ordens.

Não foi afetação ou exagero de minha parte dizer que sentiria prazer em passar a noite ali. De nenhum modo pretendo ter mais coragem física do que qualquer outro; mas a familiaridade com um assunto atenua a sua impressão sobre nós. O cérebro humano é capaz duma só emoção forte cada vez, mas, se está tomado de curiosidade, ou entusiasmo científico, não cabe nele o medo. É verdade que eu ouvira de meu tio o contrário disto - atribuí o fato à fraqueza e decadência dos seus nervos. Eu, pelo contrário, estava perfeito de saúde e nervos, e, por isso, ansioso como o caçador pela caça. Fechei a porta do laboratório e deitei-me no divã.

Não era o ambiente ideal para um quarto de dormir. Ar pesado e impregnado de cheiros de drogas, entre os quais predominava o do álcool metílico. As decorações, igualmente, eram nada sedativas. Havia a odiosa prateleira de relíquias de doenças horrorosas a tomar-me os olhos para onde quer que os voltasse. As janelas não tinham cortinas, de modo que a lua, em minguante, punha na parede fronteira um quadrilátero de prata. Quando apaguei a lâmpada, essa claridade assumiu singular importância. Silêncio absoluto pela casa inteira, e tal que o rumor das brisas nas árvores, lá fora, chegava até mim. E, ou fosse o embalo hipnótico desses sussurros externos ou o cansaço dum dia de viagem, cheio de emoções, breve me senti imerso em sono profundo.

Fui despertado por um rumor qualquer, que imediatamente me fez sentar no divã. Algumas horas já se haviam passado, de modo que o quadrilátero de luar mudara de posição, aproximando-se de mim. O resto da sala desaparecia, imerso na escuridão. A princípio, nada vi; depois, à medida que meus olhos se iam afazendo à penumbra, verifiquei, com um arrepio pelo corpo, que qualquer coisa movia ao longo da prateleira. Um som macio, como de sandálias, chegou-me aos ouvidos, e, vagamente discerni um vulto humano, que caminhava cauteloso. Ao cruzar pela faixa de luz, pude distingui-lo

com precisão. Era um homem atarracado, vestido duma espécie de burel escuro, que lhe caía, liso, dos ombros aos pés. Tinha a cor do chocolate e, na cabeça, uma massa de cabelos negros enrodilhada atrás, como certas mulheres usam. Caminhava lentamente, com os olhos fixos na direção dos frascos cheios dos horríveis resíduos humanos.

O vulto ergueu as mãos. Não foi bem isso. Ergueu os braços, em gesto de desespero, e percebi que tinha nó uma das mãos. O braço direito terminava em um coto. Em tudo mais, era um homem qualquer, podendo passar por um dos criados de Sir Holden que ali houvesse entrado em busca de qualquer coisa. Unicamente a sua súbita aparição e que me sugeriu algo de sinistro. Levantei-me, acendi a lâmpada e examinei cuidadosamente a sala. Não havia sinal do meu visitante e tive de concluir que sua aparição representava algo fora das leis naturais que conhecemos. Fiquei acordado pelo resto da noite, porém, nada mais aconteceu.

Sou madrugador, mas o meu tio o era ainda mais. Quando deixei o laboratório, já o encontrei medindo passos, à frente da casa. Ao ver-me, precipitou-se ao meu encontro.

— Então?! - exclamou. - Viu-o?

— Um indiano sem uma das mãos?

— Sim.

— Vi-o, sim.

Contei-lhe tudo quanto ocorrera. Ao concluir, Sir Holden encaminhou-se para o seu gabinete.

— Temos algum tempo antes do breakfast, - disse ele. - Bastará para que eu lhe dê uma explicação deste mistério - se é que posso explicar o inexplicável. Em primeiro lugar, se eu lhe disser que, de quatro anos para cá, tanto em Bombaim como a bordo ou aqui, ainda não se passou uma só noite sem que o meu sono fosse perturbado por essa aparição, o senhor compreenderá o motivo deste meu miserável estado. O programa é sempre o mesmo. Surge à beira do meu leito, sacode-me rudemente pelos ombros, segue para o laboratório, caminha lento na direção da prateleira e desaparece. Por mais de mil vezes, já fez isso.

— Que é que ele quer?

— Quer a sua mão.

— Sua mão ...

— Sim, só quer isso. Vou contar. Fui, uma vez, chamado, o Peshawer, para uma consulta, dez anos atrás, e, nessa ocasião, tive ensejo de examinar um hindu, que passava numa caravana afegã. Esse hindu das montanhas, lá do outro lado de Kaffristã, falava um dialeto pushtoo. Foi tudo quanto pude saber. Sofria duma inchação sarcomatosa, na junta de um dos metacarpos, e verifiquei que somente lhe amputando a mão poderia salvar-lhe a vida. Após muita luta, o homem consentiu em ser operado e, depois da operação, pediu-me a conta. O pobre homem não passava dum quase mendigo, de modo que a idéia de conta soava absurda e respondi, brincando, que aceitava, como pagamento, o membro amputado, para o ter na minha coleção.

Para surpresa minha, o hindu resistiu à proposta, explicando que, de acordo com as suas crenças, era matéria muito importante que o corpo se apresentasse inteiro, depois da morte. Esta crença é muito espalhada, e encontrei-a também no Egito. Lembrei-me que a

mão já estava cortada e que ele não tinha meios de conservá-la para reuni-la ao corpo, depois que morresse.

Respondeu-me que a conservaria em sal, trazendo-a sempre consigo, o que me fez alegar que estaria mais segura comigo, pois possuía melhor meio de conservá-la do que o sal. O homem compreendeu minha alegação e cedeu, dizendo: "Sim, Sahib, mas lembre-se de que quero que ma devolva, depois que eu morrer". Ri-me dessa exigência e o caso ficou por aí. Voltei à minha vida habitual, enquanto o operado, já de vida salva, pode pensar na sua viagem para o Afeganistão.

Mas, como lhe contei ontem, fui vítima daquele incêndio, em Bombaim. Metade de minha casa foi destruída e, com ela, quase toda a minha coleção. O que salvei foi quase nada. A mão do hindu perdeu-se no incêndio.

Dois anos depois, fui, certa noite, despertado por um vigoroso puxão na manga. Sentei-me na cama, certo de que meu cachorro entrara no quarto. Em vez do cachorro, vi diante de mim o hindu operado, vestido no burel que lá usam, a olhar-me com expressão de censura, enquanto estendia o braço sem mão. Em seguida, caminhou ao longo da prateleira de frascos, que nessa época eu conservava em meu quarto. Examinou-os todos e, com um gesto de cólera, desapareceu. Compreendi que acabara de falecer e que, tal como prometera, tinha vindo buscar a mão que me dera para guardar.

Eis aí o caso, Dr. Hardacre. Todas as noites, desde essa época, e à mesma hora, o fato se repete. Isso há já quatro anos. O efeito causado em mim pode equiparar-se ao do suplício do pingo d'água. Trouxe-me a insônia, porque não há dormir possível com o pensamento no que a horas tantas vai fatalmente suceder. Isso envenena-me os últimos anos de vida, e também os de minha mulher, que é companheira em tudo.

Nesse momento, soou a campainha, anunciando o breakfast.

— Vamos para a sala de jantar. Minha mulher deve estar ansiosíssima por saber como o senhor passou a noite. Estou muito grato pela coragem com que nos assistiu, porque o fato de uma terceira pessoa haver testemunhado a aparição tira-nos um peso da alma - a hipótese de ser loucura nossa - minha e de minha mulher.

Foi essa a história que Sir Holden me narrou - uma história que para muitos parecerá da mais grotesca impossibilidade mas que, depois da minha experiência daquela noite, e também por causa das minhas experiências anteriores sobre a matéria, fui forçado a admitir como verdade pura. Após o breakfast, surpreendi meus hospedeiros com a notícia de que ia regressar a Londres pelo primeiro trem.

— Meu caro doutor, disse Sir Holden tomado de surpresa, o senhor faz-me crer que errei em perturbar a sua estada aqui, pondo-o no conhecimento da minha estranha história.

— É justamente esse assunto que me leva a Londres, respondi, mas de nenhum modo suponha que a minha experiência desta noite me fosse desagradável. Ao contrário, tanto que peço permissão para voltar à tarde, a fim de passar mais uma noite naquele divã.

Meu tio sossegou, e eu parti. Fui reler, em meu consultório, a passagem dum livro recente sobre ocultismo, que não me estava clara na memória. Essa passagem dizia assim:

Quando uma idéia muito forte obseda uma criatura no momento de morrer, basta isso para mantê-la presa a este mundo material. Tornam-se quais verdadeiros anfíbios desta vida e da outra, e capazes de passar de uma para outra como a tartaruga passa da água para

a terra. As causas que tão fortemente podem amarrar uma alma à vida que o corpo abandonou são as emoções violentas. Avareza, vingança, ansiedade, amor e piedade têm efeitos bastante conhecidos, neste pormenor. Em regra, tudo provém dum desejo violento, e só quando esse desejo se satisfaz o espírito se acalma. Há muitos casos que mostram a estranha insistência desses visitantes, ou o seu desaparecimento, depois que o desejo que os move é satisfeito ou quando um pacto se realiza".

— Quando um pacto se realiza - esta era a frase sobre a qual eu estava incerto e queria firmar-me. No caso de Sir Holden, só um pacto poderia atender à situação. Quem sabe se não estava ali o remédio que ele tanto procurava? Tomei o primeiro trem para o Shadwell Seamen's Hospital, onde o meu velho amigo Hewett era cirurgião. Sem entrar em explicações, fi-lo compreender exatamente o que eu queria.

— Uma mão morena! - exclamou Hewett, atônito. Que raio quer fazer com ela?

— Não se preocupe com as minhas razões. Depois contarei tudo. Neste momento, preciso duma mão hindu e sei que há, aqui, muitas.

— Isso lá é, mas... - e o meu amigo, depois de refletir uns segundos, tocou a campainha.

— Travers, disse ao auxiliar que apareceu, que fim levaram as mãos daquele lascar operado ontem? Aquele camarada da East India Dock, que foi colhido numa engrenagem?

— Estão no necrotério, Sir.

— Embrulhe-me uma delas e traga-ma.

Foi assim que regressei a Rodenhurst, com aquele estranho embrulho, a tempo de alcançar o jantar. Nada contei a Sir Holden e, à noite, antes de deitar-me no divã, coloquei a mão morena num dos frascos de conserva, a certa distância de mim.

Tão interessado fiquei pelos resultados da minha experiência, que nem pensei em dormir. Sentei-me, com a lâmpada bem sombreada pelo shade, e pus-me a esperar, com toda a paciência. Dessa vez, vi tudo claramente, desde o começo. O hindu apareceu na direção da porta, como na véspera, mas apareceu nebuloso; depois, fixou-se nas formas humanas. Trazia sandálias vermelhas, sem salto, o que explicava o macio do andar. Corporificou-se, e fez tudo como fazia sempre, caminhou na direção da prateleira de frascos e deteve-se diante do que continha a mão amputada. Agarrou o frasco, examinou-o, mas, com todos os sinais da fúria no rosto, arremessou-o por terra. O barulho inundou a casa - e o hindu desapareceu imediatamente. Um momento depois, a porta abriu-se e Sir Holden entrava.

— Não está ferido? Que houve?

— Ferido, não. Apenas desapontado.

Sir Holden olhou com espanto para os destroços do frasco e para a mão morena, que jazia sobre o assoalho.

— Meu Deus! Que é isto?

Contei-lhe, então, tudo. Sir Holden ouviu-me atento e meneou a cabeça.

— Foi bem pensado, disse ele, mas receio que não seja fácil por termo aos meus sofrimentos. Numa coisa, porém, insisto. É que nunca mais durma aqui, nem se preocupe por mais tempo com este caso. Meu pavor de que alguma coisa lhe houvesse acontecido, quando ouvi o barulho, foi maior que todas as agonias lentas que ando sofrendo. Não quero expor-me a ver a repetição disso.

Sir Holden, entretanto, permitiu-me passar o resto da noite ali, onde fiquei a lamentar o desastre da minha experiência. A luz da manhã veio iluminar a mão do lascar ainda no chão. Pus-me a mirá-la, e de súbito uma idéia me fuzilou no cérebro, que me fez saltar do divã, trêmulo de emoção. De fato, a mão do lascar era a esquerda!

Pelo primeiro trem, corri ao Seamen's Hospital, terrivelmente apavorado com a hipótese de que a mão direita do hindu já houvesse ido para o forno crematório. Meu susto não durou muito tempo. Ainda lá estava o precioso objeto, que iria salvar a vida de um homem de ciência. E voltei para Rodenhurst, com a mão direita do lascar.

Sir Holden, entretanto, não quis, nem por nada, que eu dormisse de novo no laboratório. Foram inúteis todas as minhas tentativas. Achava que isso ia de encontro a todas as regras da hospitalidade. Tive de colocar a mão direita do lascar no laboratório e ir acomodar-me num quarto próximo.

Mas, a despeito disso, meu sono foi do mesmo modo interrompido. Altas horas da noite, meu tio apareceu-me no quarto, de lâmpada em punho. Seu vulto agigantado vinha envolto num enorme pijama, e sua aparição seria mais terrível para um espírito desprevenido do que a do próprio hindu sem mão. Todavia, não foi a sua entrada o que me espantou e sim a expressão do seu rosto. Parecia remoçado vinte anos. Os olhos brilhavam, todo seu rosto irradiava e sua mão erguia-se no ar, em gesto de triunfo.

Sentei-me na cama e arregalei os olhos.

— Deu certo! Deu certo! - gritava ele. - Meu caro Hardacre, como poderei pagá-lo do benefício que me fez?

— Explique-me isso. Que é que deu certo. Sir Holden?

— Creio que o meu amigo não ficará aborrecido de ser arrancado ao sono, para ouvir a grande nova.

— Mas, que é?

— Não tenho mais dúvida nenhuma - e tudo o devo ao meu querido sobrinho. Nunca esperei isto de homem nenhum. Que poderei fazer que pague tão enorme benefício? Foi a Providência que o mandou aqui para me salvar. Salvou-me a vida e a razão, porque eu não suportava mais este inferno em vida. O manicômio ou o túmulo já estavam à minha espera. E minha pobre mulher, a coitada! Nunca, nunca imaginei que essa carga pudesse ser arredada dos nossos ombros - e, dizendo isto, abraçava-me com alegria infantil.

— Foi apenas uma experiência, uma tentativa, e estou encantado que desse resultado. Mas, como sabe que está tudo bem? Viu alguma coisa?

Sir Holden sentou-se à beira da minha cama.

— Vi tudo, - disse ele. - O senhor sabe que, a horas certas, a criatura aparecia infalivelmente em meu quarto. Hoje veio, como de costume, e despertou-me, ou antes, puxou-me pela manga ainda mais violentamente que das outras. Parece que a decepção da véspera o irritara ao extremo. Olhou-me cheio de cólera e afastou-se, rumo ao laboratório. Poucos instantes após, vi-o de volta e, desde o início da sua perseguição, era a primeira vez que voltava ao meu quarto. Vinha sorrindo. Vi-lhe os dentes alvíssimos de fora. Parou na minha frente e por três vezes curvou-se, no clássico salaam, que é o modo solene de despedir-se dos orientais. Na terceira curvatura, seus braços ergueram-se à altura da cabeça e eu vi - vi duas mãos desenharem-se no ar. Depois, esvaiu-se e creio que para

sempre.

Eis narrada a curiosa experiência que me conquistou a afeição e gratidão desse meu famoso tio. Suas suposições realizaram-se, porque, desde essa noite, nunca mais foi perturbado pelas visitas do hindu maneta. Sir Dominic Holden e Lady Holden tiveram uma velhice muito feliz, sem nuvens, vindo a morrer por ocasião da grande epidemia de gripe, com diferença de semanas um do outro. Pelo resto de sua vida, nunca mais o bom velho deixou de consultar-me sobre tudo quanto dizia respeito à vida inglesa, da qual se afastara por muitos anos. Também o auxiliei na compra de outras propriedades, que lhe aumentaram os domínios. Não foi, portanto, nenhuma surpresa para mim quando o seu testamento me colocou na frente de cinco furiosos sobrinhos e me transformou de modesto médico de província em chefe de uma importante família de Wiltshire. Graças ao hindu de mão cortada, meu destino mudou-se completamente.

---

# WILLIAM WILSON

Edgar Allan Poe

Imaginaí por um momento que me chamo William Wilson. Meu nome verdadeiro não deve manchar a página virgem que tenho diante dos olhos. Demais, tem ele sido o horror e a abominação do mundo, a vergonha e o opróbrio de minha família. Não terão os ventos indignados levado a sua infâmia incomparável até às regiões mais longínquas do globo?

— Oh! Sou o mais abandonado de todos os proscritos! O mundo, as suas honras, as suas flores, as suas aspirações douradas, tudo acabou para mim. E, entre as minhas esperanças e o céu, paira eternamente uma nuvem espessa, lúgubre, ilimitada!

Ainda que pudesse, não quereria encerrar nestas páginas todas as lembranças dos meus últimos anos de miséria e de crime irremissível. Esse período recente da minha vida atingiu, de repente, tais dimensões de torpeza que seria tão horrendo como difícil descrevê-lo. O que quero é simplesmente determinar a origem desse súbito desenvolvimento de perversidade. Os homens, em geral, corrompem-se gradualmente; mas, de mim, a virtude desligou-se num momento, de uma vez, como se fora um manto. De uma perversidade relativamente ordinária, passei, com um salto gigantesco, a enormidades mais que heliogabálicas.

Permiti que vos conte do princípio ao fim o caso, o acidente fatal, que motivou essa maldição. A morte aproxima-se e a sombra, que a precede, lançou, já, no meu coração, influência benéfica de arrependimento e de paz.

Próximo a atravessar o sombrio vale, suspiro pela piedade (ia dizer pela simpatia) dos meus semelhantes. Queria convencê-los de que fui arrastado por circunstâncias superiores à resistência humana. Desejaria que descobrissem, na vasta seara de crime que vi desenrolar, algum pequeno oásis de fatalidade para mim. Que concordassem. (e talvez não possam deixar de concordar) que nunca, num mundo cheio de tentações, apareceu

alguma coisa igual a esta e que jamais criatura humana sucumbiu vítima de torturas semelhantes.

Em verdade, tudo isto não será um sonho? Acaso não morrerei vítima do horror e do mistério da mais estranha visão de todas as visões sublunares?

Sou o descendente de uma raça conhecida, desde longo tempo, pela força da imaginação e pela extrema irritabilidade de temperamento, e confirmei desde pequeno o caráter tradicional de minha família, caráter que a idade desenvolveu e que veio, mais tarde, prejudicar-me de modo tão terrível como extraordinário.

Meus pais, fracos de espírito e, além disso, sofrendo do mesmo mal, quase nada podiam fazer para modificar os maus instintos que me distinguiam. Ainda assim, fizeram algumas tentativas, mas tão fracas e mal dirigidas, que abortaram inteiramente, convertendo-se em completo triunfo para mim. Desde então, minha voz foi a lei doméstica; e, numa idade em que poucas crianças pensam ainda sair do regaço materno, fui abandonado ao meu livre arbítrio, senhor absoluto de todas minhas ações.

As primeiras lembranças da minha vida de estudante estão ligadas a um casarão exótico, do estilo Isabel, situado numa aldeia tristonha da Inglaterra, semeada de árvores gigantescas, onde as casas eram todas de antigüidade respeitável. Na verdade, era um lugar fantástico, aquela aldeia antiga e venerável, e bem próprio para excitar a imaginação. Mesmo neste momento, sinto no espírito as impressões refrigerantes das suas avenidas, respiro as emanções das suas matas rumorosas, estremeço ainda, com indefinível voluptuosidade, à lembrança das badaladas profundas do sino, atravessando, de hora a hora, com o seu rugido súbito e moroso, a quietação da atmosfera escura. onde mergulhava o campanário gótico da igreja.

A recordação destas lembranças do colégio constitui, hoje, o único prazer que me é dado ainda sentir, imerso na desgraça, como estou (desgraça, ai, demasiado real); perdoar-me-ão procurar consolo bem ligeiro e bem curto nestas minúcias pueris e errantes. Além disso, por vulgares e insignificantes que pareçam, não podem deixar de ter na minha imaginação uma importância circunstancial, por motivo de sua íntima conexão com a época em que distingo agora os primeiros avisos ambíguos do destino (que depois me envolveu tão profundamente na sua sombra. Deixai-me, pois, recordar).

Como acabo de dizer, a casa era velha e irregular; a propriedade, grande, circundada por um muro de tijolos, alto e sólido, encimado por uma camada de argamassa e vidros quebrados. Aquela muralha, digna de uma prisão, formava os limites do nosso domínio. Não saíamos dali senão três vezes por semana; uma vez aos sábados de tarde, para uns passeios curtos e monótonos pelos campos vizinhos, em companhia dos prefeitos, e duas vezes aos domingos, quando íamos, com a regularidade de um regimento em parada, assistir aos ofícios da manhã e da tarde, na única igreja da aldeia.

O cura dessa igreja era o reitor do colégio. Com que profundo sentimento de admiração e de dúvida o contemplávamos do nosso banco reservado, quando subia ao púlpito, com passo solene e vagaroso. Aquele personagem venerável, com aspecto tão modesto e tão benigno, vestes tão novas e tão clericalmente ondeantes, cabeleira tão perfeitamente empoada, tão direito e tão importante, podia ser o mesmo homem que, ainda agora, arrengado e carrancudo, com as roupas todas sujas de tabaco, fazia executar, de

palmatória na mão, as leis draconianas do colégio? Oh! gigantesco paradoxo, cuja monstruosidade não tem solução!

Mas, voltemos à descrição do edifício. Num ângulo da parede maciça, havia uma porta ainda mais maciça, solidamente carregada de fechaduras e terminada por um bosque de ferragens denticuladas. Essa porta (que sentimentos profundos ela inspirava) não se abria senão para as três saídas e entradas de que falei. Então, em cada crepitação dos seus gonzos possantes, achávamos uma superabundância de mistério, um mundo completo de observações solenes e de meditações ainda mais solenes.

O recinto da propriedade era de forma irregular e dividido em muitas partes, das quais três ou quatro das maiores constituíam o pátio do recreio. Esse pátio, situado por detrás da casa, era alisado e coberto de areia, sem árvores nem bancos, nem coisa alguma semelhante: lembro-me perfeitamente. A frente do edifício, havia um pequeno jardim, plantado de buxo e outros arbustos; mas esse oásis sagrado só nos era franqueado em ocasiões solenes, tais como à entrada no colégio, à saída definitiva, ou ainda quando, convidados por algum parente ou amigo, partíamos alegremente para a casa paterna, nas férias do Natal ou de São João.

E a casa? Que curiosa construção apresentava! Para mim, que verdadeiro palácio mágico! Era um nunca acabar de recantos, de subdivisões incompreensíveis. Em qualquer parte que nos . achássemos, era difícil dizer ao certo se estávamos no primeiro ou no segundo andar. De sala para sala, havia sempre três ou quatro degraus a subir ou a descer. Depois, as subdivisões laterais eram incompreensíveis, inumeráveis, com tantas voltas e reviravoltas, que as nossas idéias mais exatas, relativamente ao conjunto da edificação, não eram mais aproximadas do que as que tínhamos do infinito. Durante cinco anos que ali residi, nunca me foi possível determinar exatamente a situação do dormitório que eu ocupava, em comunidade com mais dezoito ou vinte escolares.

A sala do estudo era a maior de todas da casa (e até de todo o mundo, pelo menos me parecia). Era muito comprida, muito estreita, com os tetos baixos e as janelas ogivais. Num canto afastado, de onde emanava o terror, havia um recinto quadrado de oito ou dez pés, que representava o "Sanctum" do nosso reitor, o Rev. Dr. Bransby, durante as horas de estudo.

Noutros dois cantos, viam-se outros compartimentos análogos, objetos de muito menos veneração: contudo, ainda era alvo de terror assaz considerável: um era a cadeira do mestre de belas letras; o outro a do mestre de inglês e de matemática. Espalhados pelo meio da casa, cruzavam-se, numa irregularidade completa, inumeráveis bancos e estantes carregadas de livros velhos e sujos; estas últimas, negras e antigas, estragadas pelo tempo, cobertas de cicatrizes, de letras e de nomes, de figuras grotescas e de outras numerosas obras-primas de canivete, conservavam apenas uns restos do pouco feitio original que noutros tempos haviam tido.

A uma extremidade da sala, estava um enorme balde cheio d'água e, na outra, o relógio de tamanho prodigioso.

Encerrado nos muros daquele colégio venerável, passei, todavia, sem aborrecimento nem mágoas, os anos do terceiro lustro de minha vida. O cérebro fecundo da infância não exige um mundo inferior acidentado para se entreter ou divertir; por isso, na monotonia

aparente da escola, encontrei impressões mais vivas e mais intensas que todas as que a minha virilidade procurou depois, na devassidão e no crime.

O meu primeiro desenvolvimento intelectual foi extraordinário, desregrado até. Em geral, os acontecimentos da vida infantil não deixam sobre a humanidade senão impressões mal definidas. Tudo são sombras, lembranças fracas e irregulares, confusão vaga de prazeres ligeiros e de penas fantasmagóricas. Comigo não acontece assim. É necessário que tenha sentido minha infância com a energia de homem feito; tudo o que encontro ainda hoje me está gravado na memória, com traços tão vivos, tão profundos e tão duradouros como as faces das medalhas cartaginesas.

E no entanto, debaixo do ponto de vista ordinário, esses dias mereciam pouca recordação. O levantar, o deitar, o estudo das lições, as recitações, os feriados periódicos e os passeios, o pátio do recreio, com suas lutas, os seus passatempos as suas intrigas, e nada mais; mas, tudo isso, por uma magia física que passou, continha uma superabundância de sensações, um mundo rico de incidentes, um universo de emoções variadas e de excitações inebriantes. Oh! bom tempo foi o desse século de ferro!

A minha natureza ardente, entusiasta e imperiosa, deu-me um lugar distinto entre os outros rapazes e pouco a pouco, como era natural, adquiri um poderoso ascendente sobre todos os que não eram mais velhos do que eu; sobre todos, exceto sobre um. Este um era o aluno que, sem ter comigo parentesco algum, tinha o mesmo nome de batismo e o mesmo nome de família (circunstância pouco notável em si, porque o meu nome, não obstante a nobreza da origem, era um destes apelidos vulgares, que parece ter sido, desde tempo imemorial, por direito de prescrição, propriedade comum do povo). Nesta narrativa, o nome de Wilson (nome fictício, mas que não está muito afastado do verdadeiro) - só o meu homônimo, entre todos os que, segundo a linguagem do colégio, compunham a nossa classe, ousava rivalizar comigo nos estudos das aulas, nos jogos e nas disputas do recreio, recusar fé absoluta às minhas asserções e submissão completa à minha vontade; em suma, contrariava minha ditadura em todos os casos possíveis. Se jamais houve no mundo despotismo supremo e sem restrição, é o que uma criança de gênio exerce sobre as almas menos enérgicas dos seus camaradas.

A rebelião de William era para mim fonte perene de desgostos, tanto mais que, não obstante a bravata com que afetava tratá-lo, e as suas pretensões, no fundo, temia-o. Não podia deixar de encarar a igualdade que mantinha tão facilmente comigo, como uma prova de verdadeira superioridade, porque, pela minha parte, não era sem grandes e contínuos esforços que conseguia conservar-me à sua altura. Contudo, essa igualdade, ou, antes, essa superioridade, não era reconhecida senão por mim; os outros rapazes, com uma cegueira inexplicável, pareciam não dar por isso.

Wilson parecia igualmente destituído da ambição que me impelia a dominar, e da energia que me dava autoridade. Dir-se-ia que o único móvel da sua rivalidade era o desejo caprichoso de me contradizer, de me assustar, de me atormentar, posto que muitas vezes não pudesse deixar de notar, com sentimento confuso de espanto, de cólera e de humilhação, que o meu rival misturava às impertinentes contradições certos ares de afetuosidade, os mais intempestivos e os mais desagradáveis do mundo. Não podia explicar a mim próprio semelhante conduta, senão supondo-a o resultado de uma

presunção insolente, permitindo-se o tom da superioridade e da proteção.

A nossa homonímia, junto ao fato, puramente accidental, de termos entrado ao mesmo tempo no colégio, espalhara, entre os nossos condiscípulos das classes superiores, a idéia de que éramos irmãos. Ordinariamente, os rapazes grandes não indagam com muita exatidão da vida dos menores. Já disse que William não era, nem no grau mais remoto, aparentado com minha família. Mas, se fôssemos irmãos, teríamos sido gêmeos, porque, depois de ter deixado a casa do Doutor Bransby, soube, por acaso, que o meu homônimo nascera no dia 19 de janeiro de 1813, sendo precisamente esse dia (coincidência notável) o do meu natalício.

Parece incrível que, não obstante a rivalidade de Wilson e o seu insuportável espírito de contradição, não tivéssemos chegado a odiar-nos absolutamente. É verdade que tínhamos todos os dias uma questão, na qual, concedendo-me publicamente a palma da vitória, Wilson não deixava de me fazer sentir, por qualquer forma, que era ele que a tinha merecido. Contudo, um sentimento de orgulho da minha parte, e da sua, uma verdadeira dignidade, mantinha-nos sempre nos termos da estrita conveniência. Ao mesmo tempo, a quase igualdade dos nossos caracteres havia despertado em mim um sentimento que, sem aquela situação hostil, teria progredido em amizade. Realmente, é-me difícil definir os verdadeiros sentimentos que nutria. por ele. Era uma mistura variegada e heterogênea: animosidade petulante, que não chegava a ser ódio; estima, respeito, muito receio e uma curiosidade imensa e inquieta. Para o moralista, é escusado acrescentar que William e eu éramos camaradas inseparáveis.

Em conseqüência dessa ambigüidade de relações, todos os meus ataques contra ele (e, francos ou dissimulados, esses ataques eram numerosos) tinham mais a forma da ironia e da brincadeira, que a da hostilidade séria e determinada. Mas, os meus esforços neste sentido não obtinham grande triunfo, por mais engenhosamente que os planasse - porque o meu homônimo tinha no caráter muita dessa austeridade plácida e reservada que dá aos que a possuem o privilégio de ferir os outros, sem mostrarem nunca o calcanhar de Aquiles. Nunca pude achar nele senão um ponto vulnerável; e isso mesmo era um pormenor físico que, procedendo talvez de uma enfermidade de construção, teria sido respeitado por qualquer antagonista menos encarniçado do que eu. O meu homônimo tinha fraqueza do aparelho vocal, que o impedia de levantar a voz acima de um murmúrio muito baixo. Era dessa imperfeição que eu tirava as minhas pequenas desforras.

Wilson tinha diferentes espécies de represálias, mas havia particularmente uma que me fazia ir aos ares. Não sei como chegou a perceber que semelhante futilidade produzia em mim tão grande efeito. Mas, desde que o descobriu, foi o seu gênero de tortura predileto.

O meu nome de família, tão desengraçado e deselegante, e o meu nome próprio, tão trivial senão tão completamente plebeu, eram para mim, e toda a vida tinham sido, assuntos de grande desgosto. Ora, quando se apresentou no colégio, no mesmo dia da minha chegada, um segundo William Wilson, senti-me logo disposto contra ele, unicamente por se chamar assim, porque seria causa de eu ouvir pronunciar o dobro das vezes essas sílabas que me torturavam os ouvidos, porque a sua vida, no ram-ram das funções ,do colégio, seria, muitas vezes e imitavelmente, confundida com a minha. E, por todas essas razões, desgostei-me ainda mais do nome.

Este sentimento de irritação aumentava em cada circunstância, que tendia a pôr em evidência qualquer semelhança física ou moral entre mim e o meu homônimo. Nesse tempo, ainda eu não tinha descoberto o fato muito notável da paridade das nossas idades; mas via que éramos da mesma altura e achava até certa semelhança nas nossas fisionomias, o que me contrariava solenemente. A fama que corria, e que era geralmente acreditada, nas classes superiores, de que éramos parentes, exasperava-me do mesmo modo. Numa palavra, não havia nada que me encolerizasse mais (bem que eu me contrafizesse o mais possível para não dar a conhecer) do que uma alusão qualquer à nossa semelhança, quer física, quer moral, ou ao suposto parentesco. Todavia, nada me levava a crer que essas analogias tivessem dado lugar a comentários ou houvessem sequer sido percebidas pelos nossos camaradas de classe. Que Wilson as observasse com tanta atenção como eu, era natural; mas o que não era natural era ter descoberto em semelhantes circunstâncias mina tão rica de contrariedades para mim.

Tendo, pois, percebido quanto essas semelhanças me desagradavam, o meu homônimo aumentava-as ainda, arremedando-me com habilidade verdadeiramente prodigiosa.

Copiava-me o gesto, as minhas palavras; adotava o meu vestuário, o meu andar, as minhas maneiras, enfim, nem mesmo a minha voz lhe havia escapado, não obstante o seu defeito constitucional. Não me podia imitar as notas altas, mas o timbre e a entonação eram idênticos. Quando falava baixo, a sua voz era perfeitamente o eco da minha.

Não tentarei dizer-vos até que ponto aquele retrato curioso me apoquentava (porque não posso chamar-lhe propriamente uma caricatura). A minha única consolação era que só eu notava essa perfeitíssima cópia; assim, não tinha a suportar senão os sorrisos misteriosos e singularmente sarcásticos de Wilson que, satisfeito de produzir no meu coração o efeito desejado, parecia deleitar-se, em segredo, na punhalada que me infligia, sem curar dos aplausos públicos, que o seu engenho lhe teria facilmente conquistado. Como é que os nossos camaradas não compreendiam, não se percebiam as manobras, não tomavam parte naquela maliciosa zombaria? Durante meses de inquietação, foi isto um enigma insolúvel para mim. Talvez que a lentidão graduada da imitação a tornasse menos notável; ou talvez devesse eu, antes, a minha salvação à perfeita mestria do copista que, desprezando a letra" (coisa única que os espíritos brancos podem apreciar na pintura), não se ocupava senão do espírito original. para maior admiração e desgosto da minha pessoa.

Já falei muitas vezes dos cruciantes ares de proteção que ele tomava para comigo e da sua intervenção oficiosa em quase todas as minhas vontades. Essa intervenção vinha, muitas vezes, sob a forma de conselho, conselho que não era dado francamente, mas sugerido, insinuado, e que eu recebia com má vontade, a qual aumentava, à medida que me ia tornando mais velho. Contudo, nesta época longínqua, quero fazer-lhe a estrita justiça de confessar que tôdas as sugestões do meu rival eram ajuizadas e superiores à sua idade, ordinariamente destituída de reflexão e de experiência; que o seu bom-senso, os seus talentos e o seu conhecimento do mundo estavam muito acima dos meus; e que eu seria, hoje, melhor, e, por conseguinte, mais feliz, se não tivesse rejeitado tantas vezes os conselhos encerrados nessas assisadas sugestões, que então me inspiravam tamanho ódio e desprezo.

Por fim, revoltei-me inteiramente contra a sua odiosa vigilância. detestando cada vez

mais o que eu considerava insolência intolerável. Disse que, nos primeiros anos da nossa camaradagem, os meus sentimentos para com ele poderiam, noutras circunstâncias, ter-se convertido em amizade; mas, durante os últimos meses que passei no colégio, não obstante a importunidade das suas maneiras habituais ter diminuído consideravelmente, esses sentimentos, numa proporção quase semelhante, tinham propendido para o ódio positivo. Uma vez, presumo que patenteei isto muito claramente, e, desde então, Wilson evitou-me ou simulou evitar-me.

Foi pouco mais ou menos nessa época (se a memória não me engana), numa altercação que tivemos, durante a qual ele perdeu a reserva ordinária, falando e portando-se com negligência quase estranha à sua natureza, que descobri ou imaginei descobrir na sua voz, nos seus modos e na sua fisionomia, geral, alguma coisa que me era muito familiar. Essa descoberta, primeiro, fiz-me estremecer, depois, interessou-me vivamente, trazendo ao espírito visões obscuras da minha primeira infância, recordações confusas, estranhas, resumidas, de um tempo que a memória não podia alcançar. Era como uma idéia extravagante e pertinaz de já ter visto o ser que me falava, em época muito antiga, em período extremamente remoto, Essa ilusão, todavia, desvaneceu-se tão rapidamente como tinha vindo; não a menciono senão para determinar o dia da última altercação, que tive com o meu singular homônimo.

O velho casarão do colégio, nas suas inumeráveis subdivisões, compreendia muitos quartos grandes, que comunicavam entre si e serviam de dormitório à maior parte dos alunos. Além disso, havia (como não podia deixar de ser numa edificação tão desastrada) uma quantidade de cantos e recantos, (sobras e remates da construção) que o talento econômico do Doutor Bransby tinha igualmente transformado em dormitórios; mas, como eram gabinetes pequenos, não podiam comportar mais de um indivíduo. Um destes quartos era ocupado por Wilson.

Uma noite, no fim do meu quinto ano de colégio, depois da alteração de que falei, levantei-me, enquanto todos dormiam, peguei num candeeiro e dirigi-me furtivamente, através de um labirinto de corredores estreitos, ao quarto do meu rival. Havia muito que projetava pregar-lhe uma partida, uma das tais troças que eu lhe fazia muitas vezes mas das quais, é preciso confessá-lo, nunca colhera grande resultado. Nessa noite, tinha resolvido pôr o meu plano em execução, disposto a fazer-lhe sentir toda a força da acrimônia que me animava contra ele. Quando cheguei ao seu quarto, entrei, sem fazer bulha, deixando o candeeiro à porta, coberto com um guarda-luz, e avancei até sentir o ruído da sua respiração tranqüila. Tendo adquirido a certeza de que dormia profundamente, voltei à porta, pequei no candeeiro e aproximei-me novamente do leito.

As cortinas estavam fechadas. Ao abri-las, com todo o cuidado, para executar o meu projeto, a luz bateu em chapa no rosto do dormiente; ao mesmo tempo o meu olhar caiu sobre a sua fisionomia... Penetrou-me instantaneamente uma sensação de gelo; o coração pulou-me no peito, vacilaram-me os joelhos; apoderou-se de toda a minha alma um horror espantoso, inexplicável! Respirei convulsivamente, aproximando ainda mais o candeeiro. Aquelas feições eram realmente as de Wilson? Sim, eram! eram! Que havia pois de extraordinário no seu semblante para produzir em mim tal impressão? Contemplei-o durante alguns momentos, trêmulo, convulso; o meu cérebro girava sob a ação de mil

pensamentos incoerentes. Ele não era assim, não! nunca chegara a ser assim nas horas ativas em que contrafazia a minha pessoa! Estaria verdadeiramente nos juizes da possibilidade humana, que o que eu via agora fosse unicamente , resultado dessa hábil imitação sarcástica? Gelado de espanto, apaguei o candeeiro, saí silenciosamente do quarto, e deixei para sempre o recinto daquela escola velha e extraordinária.

Depois de um lapso de alguns meses, que passei em casa de meus pais, na completa ociosidade, entrei para o Colégio de Eton. Esse pequeno intervalo bastara para dissipar as lembranças do Colégio Bransby, ou pelo menos para mudar consideravelmente a qualidade dos sentimentos que essas lembranças me inspiravam. O acontecimento, que me induzira a deixar o colégio, parecia-me agora efeito de pura imaginação. A realidade, o lado trágico do drama tinha desaparecido completamente. Quando me lembrava de semelhante aventura, admirava até onde pode chegar a credulidade humana, e ria-me da prodigiosa força de imaginação que havia herdado de minha família.

Ora, a minha vida em Eton não era nada própria para diminuir aquela espécie de ceticismo. O turbilhão de loucura em que mergulhei imediatamente varreu tudo, absorvendo de uma vez e inteiramente as impressões sólidas e sérias do passado.

Não pretendo, todavia, traçar aqui o curso dos meus miseráveis desregramentos, que nenhuma lei ou vigilância podia deter. Três anos eram passados; três anos perdidos em loucuras, durante os quais a minha alma se habituou ao vício e o meu corpo adquiriu desenvolvimento quase anormal. Um dia, depois de uma semana inteira de dissipação brutal, convidei alguns estudantes dos mais dissolutos para uma orgia secreta no meu quarto. Reunimo-nos a altas horas da noite, devendo o deboche prolongar-se religiosamente até a manhã do dia seguinte. O vinho corria livremente, e outras seduções, talvez ainda mais perigosas, não tinham sido esquecidas. Quando a aurora despontava no oriente, o delírio e a extravagância tinham chegado ao apogeu.

Furiosamente inflamado pela embriaguez e pelas cartas, obstinava-me a propor um "toast" de todo indecente, quando a minha atenção foi subitamente distraída pela entrada precipitada de um criado, anunciando-me que alguém, que parecia estar com muita pressa, pedia para me falar no vestíbulo.

Excitado como estava pelo vinho, aquela interrupção inesperada causou-me mais prazer do que surpresa. Saí do quarto cambaleando, e em poucos segundos achei-me no vestíbulo da casa, uma sala baixa, estreita, alumiada apenas pela fraca luz da aurora, que penetrava através das janelas arqueadas. A pessoa que me esperava era um rapaz pouco mais ou menos da minha altura, vestido com uma roupa de casimira branca, exatamente irmã da que eu trazia nesse momento. Apenas me viu, avançou para mim, agarrou-me pelo braço com um gesto imperativo de impaciência, e murmurou-me ao ouvido: William Wilson. Aquelas palavras a minha embriaguez dissipou-se como por encanto. Havia nos modos do estrangeiro, no tremor nervoso do seu dedo erguido diante dos meus olhos, o que quer que seja sobrenatural. A importância, a solenidade da repreensão contida nas suas palavras baixas e sibilantes, o caráter, o tom, a chave dessas sílabas, simples, familiares, contudo misteriosamente segredadas, fizeram-me estremecer como se na minha alma se houvesse produzido a descarga de uma pilha voltaica.

Durante alguns segundos, o espanto e o terror aniquilaram-me o entendimento; quando

voltei a mim, o rapaz tinha desaparecido.

Aquele acontecimento produziu um efeito poderosíssimo sobre minha imaginação desregrada. Contudo, esse efeito foi-se desvanecendo pouco a pouco. Pensei nisso, é verdade, durante muitas semanas, ora entregando-me a sérias investigações, ora permanecendo dias e dias engolfado em mórbidos pensamentos. A identidade do indivíduo, que se intrometia tão obstinadamente nos atos da minha vida, não me deixava dúvidas. Mas, quem era? Quem era William Wilson, de onde vinha e quais os seus fins? Esses pontos ficaram sempre obscuros para mim. De todas as indagações que fiz a seu respeito, só pude saber que um acontecimento súbito o obrigara a deixar o colégio na mesma tarde do dia em que eu fugira. Entretanto, passado certo tempo, deixei de pensar nisso, para me entregar inteiramente aos projetos da minha partida para Oxford.

Apenas cheguei àquela cidade (permitindo-me a generosidade pródiga de meus pais o luxo e a opulência tão caros ao meu coração) comecei a rivalizar em prodigalidades com os primeiros herdeiros dos condados mais ricos da Grã-Bretanha.

Incitado ao vício por semelhantes meios, dei largas à natural propensão, calcando, na embriaguez louca dos meus desregramentos, os obstáculos vulgares da honra e da decência. Mas, seria absurdo demorar-me nos debates de tais extravagâncias. Basta dizer que as minhas dissipações ultrapassaram as de Herodes. Inventando uma multidão de loucuras novas, ajuntei copioso apêndice ao longo catálogo dos vícios que reinavam então na universidade mais devassa da Europa.

Enfim, arrastado pela corrente impetuosa da libertinagem e da cobiça, rebaixei-me ao ponto de adquirir as manhas mais vis dos jogadores de profissão, praticando habitualmente essa ciência desprezível como meio de aumentar a minha fortuna, já avultada, à custa da dos meus camaradas. A enormidade do tentado, incompatível com todos os sentimentos de honra e de dignidade, era por isso mesmo a minha salvaguarda. Qual dos meus camaradas, mesmo dentre os mais depravados, teria ousado conceber tal suspeita, do alegre, do franco, do generoso William Wilson, do rapaz mais nobre e mais liberal de Oxford, aquele cujas loucuras, diziam os seus parasitas, não eram senão expansões da mocidade desenfreada, cujos erros não eram senão inimitáveis caprichos, e cujos vícios tenebrosos não passavam de ligeiras extravagâncias!

Deste modo alegre, tinha eu passado dois anos, quando chegou à universidade um rapaz de nobreza recente, chamado Glendinning, rico, diziam, como Herodes Attico, e que não punha muita dúvida em gastar a sua fortuna. Tratei de travar conhecimento com ele, e, vendo que era fraco de inteligência, assinalei-o desde logo para vítima dos meus talentos. Convidei-o a jogar muitas vezes, deixando-o ganhar a princípio, somas consideráveis (conforme a manha habitual dos jogadores). Por fim, o meu plano estando bem pensado, encontramos-nos (eu com a intenção bem firme de fazer das minhas) em casa de um dos nossos camaradas, M. Preston, igualmente conhecido de ambos, mas que, devo dizê-lo, não tinha a menor tenção de fazer jogo em sua casa. Para dar a tudo aquilo melhor aparência, trouxe comigo uma sociedade de oito a dez rapazes, preparando as coisas de modo que a introdução das cartas parecesse perfeitamente accidental e que a idéia do jogo partisse da própria vítima. Em resumo (para abreviar assunto tão vil), não esqueci nenhuma das espertezas empregadas em casos idênticos, espertezas tão estúpidas e tão

sabidas que, custa a crer, haja sempre pessoas assaz simples que se deixem enganar por elas. O jogo meu favorito foi o "écarté".

A noite ia já em mais de meio, quando operei enfim de maneira a ficar com Glendinning por único adversário. As outras pessoas, interessadas pelas proporções grandiosas que ia tomando o nosso combate, tinham largado as cartas e faziam galeria à roda de nós. Glendinning baralhava, dava as cartas e jogava de modo singularmente nervoso; mas, como eu o fizera beber copiosamente durante a primeira parte da noite, imaginei que aquele estado era só efeito da embriaguez. Em pouco tempo, devia-me soma considerável. Então, depois de ter bebido mais um copo de Porto, fez exatamente o que eu tinha previsto: quis dobrar a parada, já muito extravagante. Com uma feliz afetação de resistência e só depois da minha recusa reiterada lhe ter provocado palavras azedas e duras, que deram ao meu consentimento a forma de vingança, cedi. O resultado foi o que devia ser. A presa caíra perfeitamente no laço; em menos de uma hora, a sua dívida tinha quadruplicado. Então, notei, com espanto, a palidez terrível, que substituíra, quase repentinamente, na fisionomia do meu adversário, a vermelhidão do vinho. Digo com espanto, porque, segundo as informações cuidadosas que tomara sobre Glendinning, imaginava-o prodigiosamente rico, e as somas que ele tinha perdido até ali, se bem que realmente fortes, não podiam (pelo menos assim o supunha eu) embarçá-lo àquele ponto. Imaginei, ainda, que toda a sua perturbação era produzida pelo vinho e não por qualquer motivo de desinteresse; mas, unicamente para salvaguardar perante os outros rapazes a reputação do meu caráter, ia insistir peremptoriamente para acabar o jogo, quando algumas palavras pronunciadas ao meu lado e uma exclamação de Glendinning, exprimindo o mais completo desespero, me fizeram compreender que o tinha totalmente arruinado. Ser-me-ia difícil dizer a conduta que teria adotado em semelhante circunstância. A situação deplorável da minha vítima sensibilizava e entristecia a todos. Durante alguns minutos de profundo silêncio, senti, a meu pesar, ruborizarem-se-me as faces sob os olhos ardentes de repreensão que me dirigiam os menos endurecidos da sociedade. Confessarei, mesmo, que senti o coração aliviado dum peso intolerável à interrupção extraordinária que se seguiu. De repente, abriram-se de par em par as portas pesadas do aposento com uma impetuosidade tão vigorosa, que toda, as velas se apagaram como por encanto. Mas, antes de se extinguir, a luz deixou-nos ver alguém que entrava, u homem proximamente da minha estatura, embuçado nu capote. Não obstante, as trevas sendo agora completas, só o podíamos sentir no meio de nós. Antes de alguém ter voltado a si do espanto excessivo que produzira em todos aquela violência, ouvimos a voz do intruso:

— Meus senhores, - disse ele com voz muito baixa, mas distinta, uma voz inolvidável, que me gelou até à medula dos ossos, - meus senhores, não peço desculpa da minha conduta, porque, procedendo assim, não fiz mais que cumprir um dever. Não conheceis decerto o caráter da pessoa que acaba de ganhar no "écarté" uma soma enorme a Lorde Glendinning. Vou, pois, propor-vos um meio rápido de chegardes a esse importantíssimo conhecimento. Peço-vos, examinai bem o forro do canhão da sua manga esquerda e algumas cartas que achareis nas algibeiras assaz vastas do seu casaco.

O silêncio em que o escutavam era tão profundo, que teria ouvido o ruído de um

alfinete caindo ao chão. O desconhecido, mal acabou de falar, partiu tão bruscamente como havia entrado. Quanto a mim, não posso descrever, nem mesmo sei quais foram as minhas impressões! Senti-me agarrado por muitos braços, depois vieram luzes; seguiu-se uma pesquisa na minha pessoa. No forro da manga, acharam-me todas as figuras essenciais do "écarté" e, nas algibeiras do casaco, certo número de baralhos de cartas exatamente iguais aos que usávamos nas nossas reuniões, com a diferença de que as minhas eram daquelas chamadas propriamente boleadas. As cartas principais, sendo ligeiramente convexas do lado pequeno, e as ordinárias imperceptivelmente convexas do lado grande. Graças a esta disposição, o "ingênuo", que corta o baralho (como se faz habitualmente) no sentido do cumprimento, corta, invariavelmente, de forma a dar ao parceiro uma carta principal, enquanto que o "esperto", cortando no sentido da largura, não dará à sua vítima nada que possa levar-lhe vantagem.

Uma tempestade de indignação ter-me-ia feito sofrer menos que o silêncio desdenhoso e os sorrisos sarcásticos que acolheram aquela descoberta.

— Sr. Wilson, - disse o dono da casa, apanhando do chão uma capa magnífica forrada de peles preciosas, - Sr. Wilson, isto é seu (como o tempo estava frio, eu tinha efetivamente trazido uma capa, que tirara ao entrar na sala do jogo); creio - acrescentou, mirando as pregas da capa, com um sorriso amargo - creio que será escusado procurar aqui mais provas da sua arte: bastam-nos as que temos. Espero que compreenderá a necessidade de deixar Oxford; em todo o caso, sairá imediatamente de minha casa.

Aviltado, humilhado até a lama, é provável que tivesse castigado imediatamente aquela linguagem insultante: com alguma violência pessoal, se a minha atenção não estivesse, naquele momento, toda absorvida por um fato verdadeiramente pasmoso. A minha capa era um traste riquíssimo, forrada de peles esplêndidas, duma variedade e dum preço extravagante (é inútil dizê-lo). O feitio era de fantasia, inventado por mim, porque me ocupava muito de todas essas futilidades luxuosas, levando o furor do dandismo até ao absurdo. Por isso, quando M. Preston me entregou a capa, que apanhara do chão, vi, com espanto vizinho do terror, que já trazia a minha no braço e que aquela, até nos pormenores minuciosos, era perfeitamente semelhante. Não perdi, contudo, a presença de espírito; pequei-a, coloquei-a sobre a minha, sem que os outros dessem por isso, e sai da sala com um olhar ameaçador. Na madrugada seguinte, deixei precipitadamente Oxford e fugi para o continente, coberto de vergonha e de terror.

Fugia em vão! O meu destino maldito perseguiu-me triunfante, provando-me que o seu poder misterioso tinha apenas começado. Mal pus os pés em Paris, tive logo uma prova da jurisdição de Wilson. Decorreram anos sem tréguas para mim. Miserável! Em Roma, com que desvelo importuno, com que ternura de espectro, veio interpor-se entre mim e a minha ambição! E em Viena! E em Berlim! E em Moscou! Aonde podia eu ir, que não achasse logo uma razão amarga para o amaldiçoar do fundo do coração? Atacado por um pânico indescritível, fugia diante da sua tirania como diante da peste. Fugi até ao fim do mundo, mas fugi em vão!

E sempre, sempre interrogando secretamente: a alma, repetia as minhas perguntas: Quem é? De onde vem?

Que quer? E analisava, então, com minucioso cuidado, as formas, o método, as feições

características da sua insolente vigilância. Mas, nem nesse ponto achava nada que pudesse servir de base a uma conjectura. Era uma coisa verdadeiramente notável, que nos casos numerosos em que Wilson tinha recentemente, atravessado o meu caminho, todos os planos derrotados por ele eram loucuras que, se tivessem progredido, teriam fatalmente rematado por uma desgraça. Triste justificação, na verdade, de uma autoridade tão imperiosamente usurpada! Triste indenização dos direitos naturais do livre arbítrio, tão teimosa e insolentemente denegados!

Havia muito tempo que o meu carrasco, posto que exerceu sempre escrupulosamente e com destreza milagrosa a sua mania de "toilette" idêntica à minha, se apresentava em todas as suas intervenções, de maneira a não me mostrar o rosto. Quem quer que fosse esse danado Wilson, por certo semelhante mistério era o cúmulo da afetação e da toleima. Podia, acaso, supor que no meu conselheiro de Eton, no destruidor da minha honra em Oxford, naquele que tinha contrariado a minha ambição em Roma, a minha vingança em Paris, os meus amores em Nápoles e no Egito a minha cobiça, que nesse ente, meu grande inimigo e meu gênio mau. eu não reconhecia o William Wilson do colégio, o homônimo, o camarada, o rival temido e execrado da casa Bransby? Era impossível! Mas, deixai-me chegar à terrível cena que fechou o drama.

Até então, havia-me submetido covardemente ao seu domínio imperioso. O profundo sentimento de respeito com que me habituara a considerar o caráter elevado, a majestosa sabedoria, a onipresença e onipotência aparentes de Wilson, misturando com não sei quê de sensação e de terror, que inspiravam as outras feições da sua natureza e certos privilégios, tinham-me incutido a idéia da minha completa fraqueza e impotência, aconselhando-me, humildemente, sem restrição, posto que cheia de tristeza e de repugnância, submissão à sua arbitraria ditadura. Mas, ultimamente, tinha-me abandonado de todo ao vinho, e a sua influência irritante sobre o meu temperamento hereditário tornava-me cada vez mais rebelde a toda qualidade de censura. Entrei a murmurar, a hesitar, a resistir. Depois, pouco a pouco, comecei a sentir a inspiração de uma esperança ardente. Por fim, alimentei, em segredo, no pensamento, a resolução desesperada daquela escravidão.

Era em Roma, durante o carnaval de 18 ... ; achava-me num baile de máscaras, no palácio do Duque Di Broglio, de Nápoles. Nessa noite, tinha abusado do vinho ainda mais do que o costume, e a atmosfera sufocante das salas cheias de gente irritava-me de modo insuportável. A dificuldade de abrir caminho através da multidão não contribuiu pouco para me exasperar, porque procurava com ansiedade (não direi com que indigno fim) a jovem, a alegre e bela que, numa confiança assaz imprudente, me havia confiado o segredo do "costume" que ela devia trazer ao baile. Tendo-a avistado, finalmente, ao longe, apressava-me a chegar até ela, quando senti alguém que, ao de leve, me tocava o ombro, e depois o tom no meu ouvido!

Voltei-me furioso para aquele que assim me interrompia e agarrei-o violentamente pela gola. Trazia, já se vê, costume igual ao meu; manto espanhol de veludo azul e espada suspensa à cintura por um boldrié carmesim; a cara inteiramente coberta com uma máscara de seda preta.

— Miserável! - exclamei, com a voz enrouquecida pela cólera, que me aumentava a

cada sílaba que proferia, - miserável! impostor! Celerado não voltarás mais a perseguir-me, a atormentar-me! Vem comigo ou mato-te aqui mesmo!

Dizendo aquelas palavras, abria caminho da sala do baile para uma pequena antecâmara contígua, arrastando-o irresistivelmente atrás de mim.

Apenas entrei, atirei com ele para longe, de encontro a uma parede; depois, fechei a porta, com uma praga tremenda, e mandei-o desembainhar a espada. Hesitou um segundo; por fim, suspirando ligeiramente, pôs-se em guarda, com silêncio e tranqüilidade extraordinárias.

O combate não foi longo. Exasperado como estava, por ardentes excitações de toda espécie, sentia no braço a energia e o poder de um exército. Dentro em poucos segundos, levei-o contra a parede e ali, tendo-o à discrição, cravei-lhe repetidas vezes a espada no peito, com a ferocidade de um bruto.

Nesse momento, mexeram na fechadura da porta. Apressei-me a prevenir alguma invasão e voltei imediatamente para junto do meu adversário agonizante. Mas que linguagem humana pode traduzir o espanto e o horror que se apoderaram de mim ao espetáculo que se me deparou!

Durante o curto instante que me afastara, produzira-se nas disposições locais do aposento uma mudança material.

No lugar onde me recordava de não ter visto nada, estava agora um espelho enorme (no estado de perturbação em que me achava, assim se me afigurou) e, como eu caminhasse para ele, cheio de terror, a minha própria imagem, mas com a cara horrivelmente pálida e toda salpicada de sangue, avançou para mim a passos lentos e vacilantes.

Tal se me afigurava, digo, mas realmente não era assim. Era o meu adversário, era Wilson moribundo, que se erguia diante de mim. A sua máscara e o seu manto estavam no chão. Não havia um fio no seu vestuário, nem uma linha em toda a sua figura (tão caracterizada e tão singular) que não fosse meu, que não fosse minha; era o absoluto na identidade!

Era Wilson, mas Wilson sem murmurar já as suas palavras! Falando alto, e de modo que me pareceu que era a minha própria voz, que dizia:

— Venceste e eu sucumbo. Mas, doravante também estás morto, morto para o mundo, para o céu e para a esperança! Em mim existias; e, agora, olha para a minha morte, vê nesta imagem, que é a tua, como te assassinaste a ti próprio!

---

## O FANTASMA INEXPERIENTE

H. G. Wells

Meu pensamento volta-se, constantemente, para a derradeira história que Clayton contou, lembrando-a em todos os seus pormenores. Ele passara a maior parte do tempo no sofá, junto à lareira, estando a seu lado Sanderson, fumando um daqueles cachimbos

especiais, que trazem seu nome gravado. Evans e Wish, este o famoso e tão modesto ator, faziam parte do reduzido grupo.

Era um sábado de manhã, e havíamos chegado ao clube todos juntos, exceto Clayton, que ali pernoitara, o que motivou esta história. jogáramos golfe até ao escurecer e, depois de cear, caímos naquele estado de bem aventurança, quando se fica em condições de ouvir qualquer fantasia que nos contem. E assim que Clayton iniciou sua extraordinária narrativa, quisemos tachá-lo de mentiroso. A princípio, julgamos que se tratasse, apenas, de uma de suas anedotas reais, no que ele era mestre.

— Já sabem que passei a noite sozinho, aqui? interrogou ele, depois de ter ficado muito tempo fitando as fagulhas que saíam das brasas, reanimadas por Sanderson.

— Com os criados... - emendou Wish.

— Sim, mas que dormem na outra ala - retrucou Clayton, que, antes de prosseguir, soltou mais algumas baforadas do charuto. E, sem perder sua habitual fleuma, declarou, calmamente:

— Apanhei um fantasma.

— Um fantasma! - exclamou Sanderson. - E onde está ele?

Evans, que passara quatro semanas na América e era grande admirador de Clayton, gritou com sua voz anasalada:

— Você agarrou mesmo um fantasma, Clayton? Extraordinário! Vamos, conte, logo, como tal aconteceu!

Clayton pediu que fechássemos a porta e, olhando para mim, à guisa de desculpa, disse:

— Não quero chamar ninguém de bisbilhoteiro, mas não desejo divulgar a história e assustar nossos excelentes servidores. Os cantos escuros e os estranhos adornos da arquitetura do prédio dão margem à imaginação... E o fantasma a que me refiro, quero que saibam, era um fantasma incomum. E talvez nunca mais volte...

— Mas... você não o prendeu? - perguntou Sanderson.

— Faltou-me ânimo para tanto - respondeu Clayton.

Enquanto nós desatamos a rir, Sanderson dava mostras de surpresa e Clayton parecia perturbado.

— Parece mesmo singular, - disse, sorrindo contrafeito - mas a verdade é que lidei realmente com um fantasma, tão certo quanto estar aqui conversando com vocês. Nada de gracejos, sei bem o que falo.

Sanderson mamava seu cachimbo, com mais vigor, concentrando seus olhos congestionados em Clayton e, após expelir uma espessa coluna de fumaça, resmungou algo a que Clayton não prestou atenção.

— Nunca me ocorrera uma aventura tão singular. Os amigos já conhecem minha descrença a esse respeito, mas, quando menos pensava nisso, apanho um fantasma, num dos cantos do prédio.

Mergulhou de novo em reflexões e puxou do bolso outro charuto.

— Conversou com ele? - perguntou Wish, curioso.

— Uma hora, mais ou menos.

— E que lhe contou? - indaguei, chegando mais perto dos incrédulos.

— O coitado pareceu-me encabulado...

— Ele chorou? - perguntou outro.

Clayton suspirou, ao pensar nessa circunstância.

— Sim, coitadinho, chorava que dava dó.

— E onde o apanhou? - quis saber Evans, com seu sotaque americano.

— Jamais poderia ter imaginado que um fantasma fosse uma coisa tão lamentável, prosseguiu Clayton, ignorando a pergunta.

E, após essas palavras, deixou-nos de novo em suspenso, fingindo que declarava em encontrar os fósforos e acendia, depois, o charuto.

— Apenas, consegui aproveitar uma oportunidade disse, afinal, como que respondendo à pergunta anterior.

E, como ninguém o interrompesse, prosseguiu:

— Posso afirmar que, mesmo sem o seu corpo, o caráter de uma pessoa permanece invariável, embora constantemente nos olvidemos disso. Indivíduos de vontade firme e forte dão espectros de firme e forte vontade. A maioria desses fantasmas obsedados que andam por aí deve ter uma idéia fixa qualquer, como qualquer maníaco, e se demonstram mais obstinados que um burro. O meu pobre fantasma, porém, era diferente.

Levantou subitamente os olhos, de maneira estranha, e seu olhar pesquisou todos os cantos do recinto.

— Afirmando com a minha melhor boa-fé, pois é a pura verdade. Logo de início, percebi que se tratava de um débil mental. - Soltou umas baforadas e continuou. - Agarrei-o no fim do longo corredor. Ele me dava as costas e, por isso, eu o vi antes que me percebesse. Certifiquei-me imediatamente de que era um espectro, tanto era transparente e esbranquiçado. Através de seu tórax, eu distinguia o reflexo dos vidros da janelinha. Pelo seu físico e atitudes, deduzi-lhe a fraqueza. Ele não sabia, absolutamente, o que iria fazer. Segurava um dos adornos da janela, com uma das mãos, e a outra passava-a constantemente pela boca. Desta maneira...

— Qual seu aspecto?

— Muito magro. Seu pescoço parecia formar duas calhas, nas costas, aqui e aqui. Cabeça pequena, cabelos despenteados, orelhas disformes. Ombros imperfeitos e mais estreitos que os quadris. Usava um colarinho caído, casaco curto, calças remendadas, à altura dos joelhos, e mais alguns rasgões, logo abaixo. Tal seu aspecto. Eu ia subindo sossegadamente as escadas, sem levar luz, já que as velas costumam ficar cá embaixo, e ali existe uma lâmpada. Ao subir, vi-lhe os chinelos. Estaquei de súbito, ao notá-lo. . . e examinei-o. Não me incutiu medo algum. Creio que, na maior parte de casos assim, o indivíduo não se assusta tanto como se poderia supor. Somente fiquei intrigado e surpreso. "Meu Deus!" exclamei, para mim mesmo. "Finalmente, vejo um fantasma! E justamente eu, que nunca acreditei nisso!"

— Hum! - rosnou Wish.

— Ao chegar ao patamar, o fantasma deu pela minha presença. Virou de novo a cabeça e dei com a cara de um jovem, nariz fino, bigode ralo e um esboço de barbicha. Ficamos alguns instantes a olhar um para outro. Olhava-me por cima do ombro. Afinal, pareceu recordar-se de suas altas funções. Esticou-se, virou-se de completo, espichou o rosto,

estendeu a mão, no clássico estilo dos espectros, e veio para meu lado. Deixou cair seu pequeno queixo e emitiu um prolongado, mas fraco "Bu! No..." Como veem, nada de apavorante. Eu havia ceado muito bem e esvaziado uma garrafa de champanha, e, depois de ter ficado sozinho, tomara mais alguns copinhos de uísque, por isso me encontrava mais firme que uma rocha e não mais amedrontado do que se tivesse visto uma rã.

— Bu! - retribuí-lhe eu. - Deixe de ser bobo. Você não tem nada que fazer aqui.

Notei que ele estremecia.

— Buuu! - repetiu.

— Bu! Vá para o diabo! Você é sócio cá do clube? Mexeu-se algo, como que querendo sair do caminho, mas seu aspecto parecia abatido.

— Não... não sou sócio do clube, - respondeu o espectro, ante a insistente interrogação de meus olhos. - Sou um fantasma.

— Muito bem, mas isso não o autoriza a frequentar o Clube Mermaid. Está procurando alguém por aqui?

Dito isto, acendi logo minha vela, para que ele não julgasse que meu tremor era de medo e não por causa do uísque que eu ingerira. Perguntei-lhe:

— Que está fazendo aqui?

O espectro deixou pender os braços, parando de rosnar, e ali se ficou, meio sem jeito, acabrunhado, nítida imagem de um fantasma frouxo, inocente, sem vontade de ação.

— Estou dando uma voltinha... - respondeu, afinal.

— Seu lugar não é aqui, procure outras paragens.

— Eu sou um fantasma... - murmurou, como desculpa.

— Pode ser, mas aqui não é seu lugar. Este é um clube particular, bastante respeitável. Aqui, vêm, com freqüência, pessoas com crianças, pajens, e, se alguma delas o encontrar por aí, pode ficar louca de susto. Não pensou ainda nisso?

— Não me havia ocorrido ainda essa hipótese, senhor.

— Pois devia ter pensado. Creio que não possui nenhum motivo ponderável para vir aqui, pois não? Suponho que não morreu assassinado nem sofreu morte violenta.

— Oh, não, meu senhor... mas, como esta casa é velha, possui seus enfeites de madeira, julguei...

— O pretexto é demasiado pueril - interrompi-o, fitando-o firme. - Foi um erro, sua vinda aqui - ajuntei, com amistosa superioridade.

Disfarcei, procurando fósforos nos bolsos, e olhei francamente para ele.

— Sabe que faria eu, em seu lugar? Procuraria evaporar-me, sumir daqui, antes do galo cantar.

Tais palavras deixaram-no perturbado.

— Na verdade, meu senhor...

— Eu me evaporaria - repeti, com insistência.

— Mas, então... eu não posso...

— Não pode, não?

— Não, porque me esqueci de algo. Tenho andado vagando por aqui, desde a última meia-noite, escondendo-me nos armários dos quartos desocupados... e já meio desorientado, tonto. Fiquei desconcertado, pois nunca rondara, antes.

— Ficou desconcertado?

— Sim, senhor, não me saio nunca bem. Parece que olvidei alguma coisa... e não consigo lembrar-me de quê...

— Essa circunstância impressionou-me bastante - afirmou Clayton. - Ele olhava para mim, tão desanimado, que me deixou incapaz de continuar mantendo aquele tom altivo e fanfarrão que adotara.

— Isso é muito singular - disse-lhe.

Nesse instante, julguei ouvir rumor, no andar inferior.

— Vamos para meu quarto e conte-me tudo, porque, até agora, nada compreendi - convidei-o.

Procurei puxá-lo por um braço, mas, está claro, foi como se tentasse segurar uma nuvem de fumaça. Penso que até me esquecera o número do quarto. Assim, entrei em vários aposentos, antes de descobrir o meu, e foi sorte estar ali sozinho, naquela parte do prédio.

— Bem, agora, sente-se e conte-me sua história - disse-lhe, sentando-me também. - Pelo que vejo, meu amigo, meteu-se numa enrascada.

O fantasma declarou não desejar sentar-se e que preferia ficar andando pelo quarto. Não me opus e, dali a instantes, estávamos numa prosa animada. Assim que me libertei dos vapores do uísque, comecei a ter noção do caso absurdo, fantástico, em que me enredara. À minha frente, se encontrava, meio transparente, o tradicional fantasma, sem outro ruído a não ser o de sua voz sideral, e seu nervoso vaivém pelo quarto, recoberto de tapetes. Através do seu corpo, eu podia vislumbrar o reluzir dos candelabros de cobre, o resplendor dos abajures e os quadros nas paredes, ao passo que ele me ia narrando sua desditosa e breve odisséia. Sua feição não era lá muito honrada, mas podem crer que falava a verdade, tanto era transparente.

— Como? - interrogou Wish, levantando-se de pronto.

— Que quer saber? - perguntou, por sua vez, Clayton.

— Porque era transparente... não podia deixar de dizer a verdade?... Não estou entendendo nada - explicou Wish.

— Muito menos eu - ajuntou Clayton, com incrível seriedade. - Contudo, era essa minha impressão. Juro até que não se afastou por nada da pura verdade. Contou-me como morrera - descera a um porão londrino, para verificar um escapamento de gás, com uma vela na mão. E, quando isso ocorreu, exercia as funções de professor, numa escola particular de Londres.

— Pobre homem... - lamentei eu.

— Também fiquei com pena dele, e mais ele falava mais me comovia. Não tinha objetivo algum na vida e ficara fora dela. Falou-me, com desprezo, sobre seu pai, sua mãe, a respeito de seu professor, na escola, e de todos quantos conhecera no mundo. Tinha sido exageradamente impressionável e nervoso. Ninguém o havia apreciado verdadeiramente e muito menos o compreenderam, conforme contou. Penso que não chegou a ter nenhum amigo sincero nem jamais obtivera êxito algum. Mantivera-se alheio das diversões e fracassara em vários exames.

Alegou que esquecia tudo, quando entrava na sala de exames. Estava noivo, naquela

época, prestes a casar-se com outra pessoa igualmente impressionável, quando o escapamento de gás pôs termo aos seus amores.

— E onde foi você parar, depois da morte? - perguntei-lhe. - Não será em...

A respeito disto, foi algo confuso. Parecia encontrar-se numa espécie de estado impreciso, intermediário, num lugar reservado às almas demasiado inexistentes para coisas tão positivas como o pecado e a virtude. Não soube explicar direito. Era bastante egoísta e indiferente para fornecer-me uma idéia clara quanto ao lugar ou região em que se encontrava. Muito além das coisas, estivesse onde estivesse, ele caíra, suponho, no meio de uma série de espíritos da mesma natureza; fantasmas de jovens londrinos, fracos, com os mesmos prenomes, entre os quais se devia falar muito em rondar. Sim, sair e rondar. Parece que, para esses fantasmas, o "rondar" fosse uma grande aventura e a maior parte deles não parava de falar nisso. Instigado, curioso, meu fantasma resolvera sair e... rondar.

— Ora, será isso possível? - perguntou, descrente, Wish.

— São as conclusões que tirei - respondeu Clayton, modestamente. - É bem possível que eu também me encontrasse num estado d'alma pouco favorável para discernir, mas essa impressão foi ele que me deu. Não cessava de andar de um lado para outro, falando com voz fininha do seu mísero ego, porém sem nunca emitir uma declaração nítida e firme, do princípio até ao fim. Era bem mais minucioso, ingênuo e monótono do que se estivesse vivo e real. Se estivesse vivo, aliás, não o teria deixado em meu quarto. Teria saído dali a pontapés!

— Sim, - concordou Evans - há tipos dessa espécie.

— Mas que possuem tantas propriedades de ser fantasmas como os demais.

O que lhe dava algum interesse era sua convicção de lhe ser impossível desaparecer. A confusão que resultara de sua aventura deprimira-o de maneira incrível. Disseram-lhe que aquilo seria um mero passeio, e viera para cá esperando que assim fosse, mas encontrou apenas mais um fracasso a juntar aos de seu longo rol. Confessou-me, e acreditei, que jamais tentara coisa alguma, na vida, que não houvesse resultado num desastre e que isso continuaria acontecendo, pela eternidade afora. Caso tivesse encontrado simpatias, talvez... Não terminou e ficou a olhar para mim. Disse-me, ainda, que, por mais incrível que pareça, ninguém lhe havia dispensado nunca a dose de simpatia que eu lhe demonstrava. Adivinhei logo aonde queria chegar e decidi libertar-me dele, no mesmo instante. Pode ser que isso seja brutalidade de minha parte, mas, ser o único amigo sincero, o confidente de um desses débeis egoístas, seja ele homem ou fantasma, era algo superior à minha resistência física. Levantei-me de supetão.

— Não se iluda - disse-lhe. - O melhor que lhe resta a fazer é ir-se embora, sair imediatamente. Reúna suas forças e experimente.

— Não consigo... - murmurou.

— Experimente! - intimei-o.

E ele experimentou.

— Experimentou?! - exclamou Sanderson. - E de que modo?

— Com passes - respondeu Clayton.

— Com passes?

— Sim, uma série de complicados movimentos, executados com as mãos. Fora assim

que viera, e, assim, devia ir-se embora. Meu Deus! Que trabalho lhe custou!

— Mas, com uma série de passes. .. - comecei.

— Meu amigo, - interrompeu Clayton, voltando-se para mim e dando uma entonação especial às palavras - você quer que tudo seja bem explicado. Sei, apenas que ele executou esses passes. Após muitos esforços, conseguiu realizá-los perfeitamente, sumiu.

— Você prestou atenção nos passes? indagou Sanderson, lentamente.

— Sim, - respondeu Clayton, que parecia refletir.

Foi uma coisa extraordinariamente inédita. Estávamos ali, ambos, o vago e transparente fantasma e eu, naquele silencioso quarto, naquela casa silente e vazia, numa silenciosa noite de sexta-feira, na pequena cidade. Não se ouvia o menor ruído, exceto nossas próprias vozes e um ligeiro arfar, que produzia o espectro ao executar seus gestos. Estávamos iluminados pela vela do quarto e por outra, que havia no aparador. Nada mais. Uma ou outra vez, as velas produziam, durante alguns segundos, uma chama alta e esquia. E, então, se passaram coisas estranhas.

— Não, não posso... - gemia o fantasma. - Nunca mais.

Sentou-se subitamente numa cadeira e começou a soluçar. Deus meu! Que modo horrível de chorar!

— Reúna suas forças! - disse-lhe.

Tentei dar-lhe umas palmadinhas nas costas, porém minha maldita mão atravessou por ele. Nesse instante, devem compreender, já não me sentia tão... firme como quando chegara à escada. Notava perfeitamente tudo quanto ocorria de incomum. Recordo-me de que retirei a mão dele, com um leve estremecimento, e que fui até à mesa do aparador.

— Reúna suas forças, - repeti - e experimente.

E, no intuito de animá-lo e auxiliá-lo, procurei experimentar, também.

— Como! - exclamou Sanderson. - Os passes?

— Exatamente, os passes.

— Mas - disse eu, levado por uma idéia que não sabia traduzir.

— Muito interessante - comentou Sanderson, batendo a cinza do cachimbo. - Quer dizer que esse fantasma lhe revelou...

— Sim, fez tudo quanto pode para revelar o segredo da maldita barreira.

— Mas não o conseguiu, - interveio Wish, - nem poderia fazê-lo, pois, do contrário, você também teria sumido.

— Essa é precisamente a questão - concordou Clayton, olhando, pensativamente, para as chamas.

Houve um breve silêncio.

— E, afinal, conseguiu? - perguntou Sanderson.

— Finalmente, conseguiu-o. Envidei enormes esforços para que não desanimasse, mas, enfim, conseguiu-o. .. e bastante bruscamente. Estava já desesperado, tivemos uma cena, todavia, de súbito se levantou e pediu-me que fizesse todos os movimentos lentamente, para que os pudesse ver. Creio, confiou-me, que, se pudesse ver bem, descobriria o que não estava certo. E tal ocorreu.

— Agora já sei! - exclamou enquanto me observava os movimentos.

— Sabe o quê? - perguntei-lhe.

— Sim, já sei - repetiu, ajuntando, a seguir, mal-humorado. - Se fica assim a olhar para mim, nada posso fazer. Na verdade, não posso. E é por isso que até agora nada fiz. Sou de tal modo nervoso que o senhor me desconcerta.

Entabulamos uma discussão. Certamente, eu queria ver como fazia, mas ele era mais teimoso que um burro, e eu me senti, de súbito, exausto, sem forças.

Virei-me para o espelho do armário próximo da cama.

Iniciou uma série de movimentos, muito rápidos. Procurei acompanhá-lo pelo espelho, para ver qual deles tinha esquecido. Seus braços e mãos rodopiavam, assim e assim, e depois veio, precipitadamente, o gesto final, - o corpo erguido e os braços abertos - e nesta atitude ficou. E, de repente, não mais o vi! já ali não se encontrava! Rodei sobre meus calcanhares e olhei. Nada! Eu estava só, diante da chama das velas, e com o espírito vacilante. Que teria acontecido? Tudo teria sido um sonho?. . . E aí, num tom absurdo de remate final, o relógio do patamar julgou chegado o momento de dar UMA hora. Assim: Ping! E eu me encontrava tão sério e tão atento quanto um juiz, sem vestígios de minha champanha nem de meu uísque. Mas, presa de estranha sensação, compreendem? Horivelmente estranha! Singular! Santo Deus!

Olhou um momento para a fumaça do charuto e acrescentou:

— E foi tudo quanto aconteceu.

— E, depois, foi deitar-se? - indagou Evans.

— Que mais poderia fazer?

Olhei Wish, bem dentro dos olhos. Queríamos gracejar, mas havia algo na voz e nos gestos de Clayton que se opunha ao nosso desejo.

— E os passes? - perguntou Sanderson.

— Creio que seria capaz de executá-los, neste momento.

— Oh! - exclamou Sanderson, puxando um canivete e raspando a cinza do cachimbo. -

Por que não os faz, agora?

— Vou fazê-los já! - disse Clayton.

— Nada conseguirá - profetizou Evans.

— Mas, se conseguir. . . - observei.

— Ouça, eu preferiria que o não fizesse - disse Wish.

— Por quê? - interveio Evans.

— Eu preferiria que o não fizesse, repetiu Wish.

— Mas, se já aprendemos bem ... voltou Sanderson, enchendo de fumo o cachimbo.

— De qualquer modo, eu preferiria que não o fizesse! insistiu Wish.

Discutimos com Wish, o qual afirmava que, permitir a Clayton executar tais gestos, era como que brincar com algo de sério, de misterioso.

— Mas você não vai acreditar nisso, vai? - disse eu.

Wish lançou um olhar de esguelha a Clayton que, com os olhos presos ao fogo, refletia sobre qualquer determinação de seu espírito.

— Eu creio... pelo menos, mais da metade, sim, acredito... - respondeu Wish, em tom sério.

— Clayton, - falei - você é um inventor de histórias bom demais, para nós todos. Quase tudo quanto você contou estava certo. Mas... essa coisa de desaparecer... não me

convenceu muito. Vamos, fale, trata- e de um conto terrorífico?

Clayton ficou de pé, sem prestar atenção às minhas palavras, pondo-se ao centro do tapete, bem na frente de mim. Por alguns minutos, olhou pensativamente para os próprios pés e passou, depois, a fitar intensamente a parede oposta, com expressão decidida. Ergueu lentamente ambas as mãos à altura dos olhos e, assim, começou...

Agora, muito bem, Sanderson era maçã e pertencia à loja dos Quatro Reis, que, com tanta pericia, se dedica ao estudo e esclarecimento de todos os mistérios da maçonaria passada e presente. E, entre os pesquisadores dessa loja, Sanderson não era de maneira alguma dos mais insignificantes. Acompanhava os movimentos de Clayton, com invulgar interesse, refletido em seus olhos avermelhados.

— Não vai indo mal - observou, quando Clayton terminou. - Na verdade, você consegue fazer isso de maneira assombrosa. Falta, todavia, um pequeno detalhe.

— Já sei! - respondeu Clayton. - E penso que lhe poderei dizer qual.

— Sim?

— Veja, este - disse Clayton, fazendo um movimento, que consistia em retorcer as mãos e atirá-las para a frente.

— Exatamente.

— Quero que saibam que este era o que ele não conseguia executar bem, mas, como VOCÊ ...

— Eu não entendo quase nada desse negócio e, principalmente, como pode você inventá-lo - retrucou Sanderson - esse gesto, porém, eu o conheço, está claro. - Refletiu um instante e continuou: - Em resumo, trata-se de uma série de sinais relativos a certo ramo de maçonaria esotérica ... Com certeza, você os conhece... pois, do contrário ... como?

Tornou a refletir mais ainda, e prosseguiu:

— Não penso que haja mal algum em revelar-me o sinal exato. Além disso, se você já o conhece, melhor para si, mas, se o não conhece, fica tudo na mesma.

— Eu nada sei, além do que me ensinou o pobre, naquela noite - declarou Clayton.

— Então, tanto faz - murmurou Sanderson, pousando o cachimbo, cuidadosamente, no modilhão. Em seguida, passou a executar rápidos movimentos, com as mãos.

— É assim? - perguntou Clayton, imitando-o.

— Isso mesmo! - certificou Sanderson. voltando a pegar o cachimbo.

— AGORA, - disse Clayton - sou capaz de executar a série toda... bem.

Encontrava-se de pé, diante do fogo, que ia morrendo, e sorria para nós. Contudo, pareceu-me haver certa hesitação naquele sorriso.

— Vou começar... - preveniu-nos.

— Em seu lugar, eu não começaria, - observou Wish.

— Nada poderá acontecer - afirmou Evans. - A matéria é indestrutível. Você não irá pensar que uma invenção dessas seja capaz de lançar Clayton para o mundo das sombras. Teria graça! Quanto a mim, Clayton, pode bracejar à vontade, até que seus braços se separem dos punhos.

— Não concordo com isso - atalhou Wish, que se levantou e pôs a mão no ombro de Clayton. - Saiba que quase me fez acreditar em sua história, por isso, não quero que faça

tal coisa.

— Valha-me Deus! - exclamei - Parece que Wish está assustado!

— Sim, estou - confessou Wish, com veemência real, ou notavelmente fingida. - Penso que, se fizer tais gestos esotéricos, acabará desaparecendo.

— Nada disso acontecerá! - exclamei. - Os homens somente podem sair deste mundo por um caminho, e Clayton ainda tem mais de trinta anos à sua frente. Você não julga que...

Wish interrompeu-me, todo agitado. Saiu de entre nossas poltronas e, parando junto à mesa, gritou:

— Clayton, você está maluco!

Clayton voltou-se sorrindo, com um brilho humorístico no olhar.

— Wish tem razão - disse - e vocês; todos estão equivocados. Desaparecerei. Levarei até ao fim estes passes, e, quando o derradeiro movimento rasgar o ar ... pronto! Este tapete ficará vazio, a sala ficará inundada

de mudo assombro, e um cavalheiro de noventa e cinco quilos, decentemente trajado, mergulhará em cheio no mundo das sombras! Tenho certeza disso, e vocês também não tardarão em tê-la. Desisto de continuar a discussão por mais tempo. Que se faça a prova!

— NÃO! - intimou Wish, dando mais um passo à frente.

Mas estacou, e Clayton ergueu as mãos, mais uma vez, para repetir os passes do fantasma.

Naquele instante, nos encontrávamos numa deplorável tensão de espírito, principalmente por causa da atitude de Wish. Permanecíamos imóveis, olhares fixos em Clayton, e eu, pelo menos, experimentava uma estranha sensação de tensão e rigidez, como se, desde a nuca aos músculos, meu corpo fosse de aço. Nesse ínterim, com uma gravidade imperturbável e serena, Clayton se inclinava, movimentava-se e agitava as mãos e braços, à nossa frente. Ao aproximar-se o fim, nossa tensão nervosa se tornou insustentável e percebi que rangiam os dentes. O derradeiro movimento, como já disse, consistia em abrir completamente os braços, com o rosto voltado para cima. Quando, finalmente, iniciou esse gesto, cheguei a conter a respiração. Podia ser uma coisa ridícula, evidentemente, mas vocês já irão conhecer a impressão que causam essas histórias de fantasmas. E notem, ainda, que isso acontecia numa casa fora de comum, escura e antiga. Chegaria, depois de tudo, a ... ?

Durante um estarrecedor momento, Clayton permaneceu naquela posição, de braços abertos e cara virada para o alto, firme e resplandecente, sob o fulgor da lâmpada. Todos nós nos quedamos em suspenso durante aquele lapso de tempo, que nos pareceu um século, e, depois, brotou de nossas gargantas um som que era, ao mesmo tempo, um suspiro de infinito alívio e um NÃO! tranquilizador, pois, que, visivelmente... Clayton... não desaparecia. Tudo aquilo não passara de uma mentira. Clayton nos contara uma história banal, infantil, e quase nos fizera acreditar nela. Nada mais que isso! ... Mas, exatamente naquele momento a fisionomia de Clayton se transformava.

Mudou-se completamente. Tal como se transforma uma casa iluminada, quando se lhe apagam subitamente as luzes, assim se transformou seu semblante. Seus olhos se vidraram bruscamente, o sorriso se lhe gelou nos lábios, subitamente exangues, e ele continuou de

pé, imóvel. E assim se conservou, balançando-se suavemente.

Mas, aquele momento valeu, também, por um século. E, pouco depois, as cadeiras bailavam, objetos caíam ao chão, e todos nós nos sentíamos em movimento. Os joelhos de Clayton deram a impressão de que iam dobrar-se e ele tombou para a frente, ao passo que Evans dava um pulo e o amparava nos braços...

Isso nos deixou atônitos. Durante o espaço de um minuto, creio que nenhum de nós disse nada coerente. Estávamos vendo; no entanto, custávamos a acreditar... Sai de minha estupefata admiração para me encontrar ajoelhado junto ao corpo estendido. Seu casaco e sua camisa estavam rasgados, e Sanderson lhe auscultava o coração.

Esse gesto, tão simples, podia ter sido deixado para mais tarde, para quando estivéssemos menos emocionados, pois não tínhamos pressa alguma em compreender. O cadáver permaneceu ali cerca de uma hora, mas ainda se conserva em minha memória, negro e desconcertante como então. Clayton passara, efetivamente, para aquele mundo que se encontra tão perto, e, ao mesmo tempo, tão distante de nós. Clayton fora para lá, realmente, pelo único caminho que pode seguir um mortal. Mas, que para lá seguiu unicamente graças aos conjuros daquele inexperiente fantasma ou repentinamente atacado de apoplexia, no decorrer de uma história banal, - como o médico-legista nos deu a entender - é o que não posso precisar. De qualquer maneira, trata-se de um dos muitos enigmas que hão de permanecer sem explicação até que estejamos em condições de compreender todas as coisas misteriosas que nos cercam. Tudo quanto posso garantir, porém, é que, no próprio momento, no instante exato em que Clayton acabava de executar aqueles passes esotéricos, transfigurou-se, cambaleou e tombou no chão, bem diante de nós... morto!

---

## A MÃO DO MACACO

**W W Jacobs**

Lá fora, a noite era fria e úmida, mas, na pequena sala de estar da Vila Lakesnam, as gelosias estavam cerradas e o fogo brilhava alegremente. Pai e filho estavam jogando xadrez, e o primeiro, que possuía idéias sobre jogo, envolvendo uma mudança radical de tática, punha o rei em tão desesperados e desnecessários perigos que provocou comentários até da velha senhora de cabelos brancos, que estava fazendo, placidamente, crochê perto do fogo.

— Escuta esse vento! - disse o Senhor White, que, tendo notado um erro fatal quando já era tarde demais, desejava evitar, com habilidade, que o filho o notasse também.

— Estou escutando - disse o outro, observando atentamente o tabuleiro, ao mesmo tempo que estendia a mão. Xeque!

— Estava achando muito difícil que ele viesse esta noite - disse o pai, com a mão erguida sobre o tabuleiro.

— Matei - prosseguiu o filho.

— Isso é o que tem de pior, viver assim tão afastado! - vociferou o Senhor White, com súbita e inesperada violência; - De todos os lugares idiotas, lamacentos e fora de mão para se morar, este é o pior. O caminho é um atoleiro e, a estrada, um rio. Não sei o que essa gente pensa. Acho que, porque somente duas casas da estrada estão alugadas, entendem que não tem importância.

— Não te importes, querido - disse-lhe a esposa, conciliatoriamente; - talvez ganhes a próxima partida.

O Senhor White ergueu bruscamente a vista, mesmo em tempo de interceptar um olhar de compreensão, trocado entre mãe e filho. As palavras morreram-lhe nos lábios, e escondeu um sorriso contrafeito, na barba rala, grisalha.

— Aí está ele! - exclamou Herbert White, ao ouvir o portão bater com estrondo e pesados passos, que vinham em direção à porta.

O velho levantou-se com solicitude hospitaleira, e, enquanto abria a porta, puderam ouvi-lo lastimando-se do tempo, com o recém-chegado. Este também se lastimou, de maneira que a Senhora White disse: "Chut! Chut!" e tossiu de leve, quando o marido entrou no aposento, seguido por um homem alto e corpulento, de olhos salientes e faces rubicundas.

— Sargento-major Morris - disse, apresentando-o.

O major trocou apertos de mão, e, tomando a cadeira oferecida junto ao fogo, observou, com satisfação, que o anfitrião trazia uísque e copos e punha uma pequena chaleira de cobre no fogo.

Ao terceiro copo, seus olhos ficaram mais brilhantes e começou a falar, enquanto o pequeno círculo da família olhava, com agudo interesse, aquele visitante de terras longínquias, que encostava os ombros robustos no espaldar da cadeira, falando de cenas estranhas e feitos denodados, de guerras e pestes e de povos exóticos.

— Vinte e um anos disto - disse o Senhor White, acenando, com a cabeça, para a esposa e o filho. - Quando partiu, era um belo moço, no armazém. Agora, olhem para ele.

— Não parece ter-se dado muito mal - observou a Senhora White delicadamente.

— Eu gostaria de ir à Índia, também, - disse o velho cavalheiro - só para ver como aquilo é, sabem?

— Foi melhor ficar por aqui mesmo - retrucou o major, abanando a cabeça. Pousou o copo vazio e, suspirando de leve, sacudiu-a outra vez.

— Gostaria de ver aqueles velhos templos, e faquires, e pelotiqueiros - insistiu o velho. - O que era que ia começar a contar-me no outro dia, a respeito de uma mão de macaco, ou coisa que o valha, Morris?

— Nada - respondeu o soldado, muito depressa. - Pelo menos, nada que valha a pena ouvir-se.

— Mão de macaco? - indagou a Senhora White, com curiosidade.

— Bem, apenas o que se poderia chamar magia, talvez - respondeu o major, de maneira vaga.

Seus três ouvintes curvaram-se para a frente, interessados. O visitante, alheadamente, levou o copo vazio aos lábios e depois tornou a pousá-lo. O anfitrião encheu-lho de novo.

— À simples vista - disse o major, remexendo no bolso - é apenas uma pequena mão comum, seca e mumificada.

Tirou qualquer coisa do bolso e exibiu-a. A Senhora White recuou, com uma careta, mas o filho, pegando no objeto, examinou-o com curiosidade.

— E que é que há de especial nela? - perguntou o Senhor White, tomando-a das mãos do filho e pousando-a sobre a mesa, depois de examiná-la.

— Possui um encantamento, que lhe foi posto por um velho faquir - explicou o major - um homem muito velho. Queria mostrar que o destino segue a vida dos homens e que aqueles que interferem com ele o fazem para seu próprio mal. Pôs-lhe um encantamento, para que três homens distintos pudessem satisfazer, cada um, três desejos.

Suas maneiras eram tão impressionantes que os ouvintes tinham a consciência de que seus risos alegres soavam um pouco falsos.

— Bem, e por que não formula três desejos, senhor? - perguntou Herbert White, inteligentemente.

O soldado olhou-se, da maneira que um homem de meia-idade olha para a mocidade presunçosa.

— Já formulei. . . - disse, devagar, e o seu rosto corado empalideceu.

— E obteve, realmente, que esses três desejos se realizassem? - perguntou o Senhor White.

— Obtive - respondeu o major, e o copo tilintou. de encontro aos seus dentes brancos.

— E alguém mais já desejou?

— O primeiro homem também satisfez seus três desejos, sim. . . - foi a resposta. - Não sei quais foram os dois primeiros, mas o terceiro foi a morte. Foi assim que obtive a mão.

Seu tom era tão grave que um silêncio caiu sobre o grupo.

— Se já obteve os seus três desejos, não lhe serve para mais nada; então, Morris, - disse o velho, por fim, para que a conserva?

O soldado abanou a cabeça.

— Fantasia, suponho - disse, devagar. - Tive uma vaga idéia de vendê-la, mas não creio que o faça. já causou infortúnios demais. Além disso, ninguém a compraria. Alguns acham que é uma história fantástica, e os que acreditam alguma coisa dela, querem experimentar primeiro e pagar-me depois.

— Se pudesse formular outros três desejos, perguntou o velho, fitando-o atentamente fá-lo-ia?

— Não sei, - respondeu o outro não sei.

Pegou na mão, e, balançando-a entre o indicador e o polegar, jogou-a de súbito no fogo. White, com um pequeno grito, curvou-se e tirou-a.

— É melhor que a deixe queimar-se - sentenciou o soldado, solenemente.

— Se não a quer, Morris, - pediu o velho - dê-ma.

— Não farei isso - respondeu o amigo, com rabugice. Atirei-a ao fogo. Se a quiser guardar, não me censure pelo que possa acontecer. Jogue-a no fogo de novo, como um homem de juízo.

O outro abanou a cabeça e examinou atentamente sua nova aquisição.

— Como se faz? - perguntou.

— Segura-se levantada, com a mão direita, e faz-se o pedido em voz alta - disse o major - mas, previno-o... contra as conseqüências.

— Parece coisa das Mil e Uma Noites - exclamou a Senhora White, enquanto se levantava e começava a preparar tudo para a ceia. - Não achas que poderias desejar quatro mãos para mim?

O marido tirou o talismã do bolso e, então, os três desataram a rir, enquanto o major, com um ar de susto no rosto, o segurava pelo braço.

Se quer formular um pedido, - disse-lhe, severamente - faça-o de maneira inteligente,

O Senhor White deixou cair de novo o talismã no bolso, e, chegando as cadeiras, conduziu o amigo à mesa. Com o entretenimento da ceia, o objeto foi em parte esquecido, e, depois, os três ficaram sentados, escutando, atentos, uma segunda série das aventuras do soldado da Índia.

— Se a história a respeito da mão do macaco não for mais verdadeira do que as outras que ele nos esteve contando - disse Herbert, quando a porta se fechou às costas do hóspede, apenas em tempo para este apanhar o último trem - não conseguiremos grande coisa com ela.

— Deste-lhe alguma coisa por ela, meu velho? - perguntou a Senhora White, olhando para o marido, com atenção.

— Uma bagatela - respondeu ele, corando de leve. - Não queria aceitar, mas obriguei-o. E insisti de novo comigo para que a jogasse fora.

— Não faça isso! - exclamou Herbert, com pretensão horror. - Ora essa! Vamos ficar ricos, famosos e felizes. Deseje ser imperador, papai, para começar; depois, não poderá ser dominado pela esposa.

Correu em volta da mesa, perseguido pela indignada Senhora White, armada de uma vassoura.

O Senhor White tirou a mão de macaco do bolso e olhou para ela, indeciso.

— Não sei o que hei de desejar, esta é a verdade... disse, lentamente. - Parece-me que tenho tudo o que quero.

— Se liquidasse a hipoteca da casa, seria completamente feliz, não é verdade? sugeriu Herbert, pousando dou-lhe a mão no ombro. Pois bem, deseje duzentas libras, então; é justamente o que falta.

O pai, sorrindo, meio envergonhado da própria credulidade, ergueu o talismã, enquanto o filho, com ar solene, que um piscar de olhos à mãe desmentia, sentava-se ao piano e fazia soar alguns acordes majestosos.

— Desejo ter duzentas libras - pediu o velho, em voz alta.

Uma bela ressonância do piano saudou aquelas palavras, interrompida por um grito assustado do velho. O filho e a esposa correram para ele.

— Mexeu-se!... - exclamou ele, com um olhar de receio para o objeto que jazia no chão. - Quando formulei o desejo, contraiu-se-me na mão qual uma cobra.

— Bem, não vejo o dinheiro... e aposto que nunca o verei atalhou o moço.

— Deve ter sido impressão tua, meu velho - disse a esposa, olhando para ele com ansiedade.

O marido abanou a cabeça.

— Não importa, porém. Não aconteceu nada de mau, mas levei um choque, assim mesmo.

Sentaram-se novamente, junto ao fogo, enquanto os dois homens acabavam de fumar seus cachimbos. Lá fora, o vento estava mais forte do que nunca, e o velho teve um sobressalto nervoso ao som de uma porta batendo no primeiro andar. Um silêncio insólito e deprimente pesou sobre os três, e prolongou-se até que o casal de velhos se levantou para recolher-se.

— Espero que encontre o dinheiro amarrado em um grande maço, no meio da cama, - gracejou Herbert, ao curvar-se para dizer-lhes boa noite - e qualquer coisa terrível agachada em cima do guarda-roupa, espiando-o, enquanto o senhor se apossa da fortuna mal ganha.

Na manhã seguinte, na claridade do sol de inverno iluminando a mesa do café, Herbert riu-se do susto dos pais. Havia um ar de saudável banalidade, no aposento, que faltava na noite anterior, e a pequena mão de macaco, suja e enrugada, estava pousada sobre o aparador, com um pouco caso que não demonstrava grande fé nas suas virtudes.

— Suponho que todos os soldados são a mesma coisa - disse a Senhora White. - Que idéia, a nossa, de dar ouvidos a tais contra-sensos! Como poderiam realizar-se simples desejos, hoje em dia? E, se pudessem, como haveriam de fazer-te mal duzentas libras, meu velho?

— Podiam cair-lhe do céu na cabeça - chasqueou o frívolo Herbert.

— Morris contou que as coisas aconteciam tão naturalmente - disse o pai - que se poderia, querendo, atribuí-las a mera coincidência.

— Bem, não vá gastar o dinheiro todo antes que eu esteja de volta - recomendou Herbert, levantando-se da mesa. - Receio que se transforme em um mesquinho avarento e que tenhamos de desconhecê-lo.

A mãe riu-se, e, acompanhando-o até a porta, observou-o enquanto seguia pela estrada abaixo, e depois, voltando à mesa do café, divertiu-se muito às custas da credulidade do marido. O que não a impediu de precipitar-se para a porta, quando o carteiro bateu, e nem tampouco de resmungar qualquer coisa sobre maiores reformados, de hábitos biliosos, quando verificou que o correio lhe trazia apenas uma conta do alfaiate.

— Herbert vai dizer mais algumas pilhérias, espero, quando voltar - disse ela, quando se sentavam para jantar.

— Imagino que sim, - concordou o Senhor White, mas, servindo-se de cerveja, seja como for, aquela coisa mexeu-se na minha mão; isso eu posso jurar.

— Pensaste que se moveu - observou a velha senhora, meigamente.

— Digo que se mexeu! - replicou o outro. - Não resta a menor dúvida. Eu tinha... que foi?

A esposa não respondeu. Estava observando os misteriosos movimentos de um homem, lá fora, que, espreitando de maneira indecisa para a casa, parecia estar tentando resolver-se a entrar. Em conexão mental com as duzentas libras, notou que o estranho estava bem vestido e usava uma cartola de seda, brilhante e nova. Três vezes parou ao portão, mas, depois, se afastou de novo. Da quarta vez, parou com a mão pousada nele, e, com súbita resolução, abriu-o e caminhou em direção à casa. A Senhora White, no mesmo

instante, levou as mãos às costas e, desatando apressadamente os cordões do avental, colocou aquela útil peça de roupa sob a almofada da sua cadeira.

Trouxe o estranho, que parecia pouco à vontade, para dentro do aposento. Ele olhava furtivamente para a Senhora White, e escutava, com ar preocupado, enquanto a velha senhora pedia desculpas pela aparência da sala, e pelo sobretudo do marido, um agasalho que, geralmente, ele reservava para o jardim. Ela esperou, tão pacientemente quanto o seu sexo o permitia, que o homem desembuchasse o que tinha para dizer, mas, a princípio, ele conservou-se num silêncio embaraçado.

— Pediram-me... para vir aqui - disse, por fim, e curvou-se para tirar um fiapo de algodão das calças. Venho de parte de Naw & Naggins.

A velha senhora sobressaltou-se.

— Que foi? - perguntou, com a respiração alterada. Aconteceu alguma coisa a Herbert? Que é? Que é? O marido interpôs-se.

— Vamos, vamos, minha velha - disse, apressadamente. - Senta-te, e não tires conclusões antecipadas. Não é portador de más notícias, estou certo, senhor - e observava o outro atentamente.

— Sinto muito. . . - começou o visitante.

— Está ferido? - perguntou a mãe.

O visitante curvou-se, confirmando.

— Gravemente ferido, mas já não sofre coisa alguma.

— Oh! graças a Deus - exclamou a velha senhora, juntando as mãos. - Graças a Deus, por isso. Graças...

Interrompeu-se de súbito, ao perceber o sinistro significado da afirmativa do outro e viu a terrível confirmação dos seus receios na cara compungida que ele fez. Suspendeu a respiração, e voltando-se para o marido, menos vivo em compreender do que ela, pousou a mão trêmula na dele.

Houve um longo silêncio.

— Foi colhido por uma máquina, disse o visitante por fim, em voz baixa.

— Colhido por uma máquina repetiu o Senhor White, de maneira vaga.

— Sim.

Ficou sentado, olhando confusamente pela janela; e, tomando a mão da esposa entre as suas, apertou-a como costumava fazer nos velhos tempos em que se namoravam, quase quarenta anos atrás.

— Era o único que nos restava - disse, voltando-se gentilmente para o visitante. - É duro.

O outro tossiu, e, levantando-se, caminhou lentamente até à janela.

— A firma encarregou-me de transmitir-lhes a sua sincera simpatia pela grande perda que sofreram - disse, sem voltar a olhar. - Peço-lhes para compreenderem que sou apenas um empregado e que estou obedecendo a ordens recebidas.

Não houve resposta; a face da anciã estava branca, os olhos vítreos, a respiração mal audível; no rosto do marido, havia uma expressão que devia ser semelhante à do seu amigo major ao entrar pela primeira vez em ação.

— Devo-lhe dizer-lhes que Naw & Naggins negam qualquer responsabilidade -

continuou o outro. - Não admitem qualquer obrigação, mas, em consideração aos serviços prestados por seu filho, desejam oferecer-lhes certa importância em dinheiro, a título de compensação.

O Senhor White deixou cair a mão da esposa, e, pondo-se em pé, fitou o visitante com um olhar horrorizado. Seus lábios secos balbuciaram a palavra:

— Quanto?

— Duzentas libras - foi a resposta.

Inconsciente do grito da esposa, o ancião sorriu debilmente, estendeu as mãos feito um homem cego, e caiu, qual um farrapo, inerte, no assoalho.

No vasto cemitério novo, a umas duas milhas de distância, os anciãos enterraram o morto querido e voltaram para a casa, agora ímersa em sombras e silêncio. Acontecera tudo tão rapidamente que, a princípio, mal podiam compreendê-lo, e tinham ficado em um estado de expectativa, como se alguma coisa mais devesse acontecer - alguma coisa que aliviasse aquela carga demasiado pesada para os seus velhos corações suportarem. Mas os dias se passaram. e a cruel expectativa cedeu lugar à resignação - a resignação irremediável dos velhos, às vezes erroneamente chamada apatia. Às vezes, mal trocavam uma palavra, porque agora não tinham sobre que falar, e seu dias eram longos e enfadonhos.

Foi cerca de uma semana depois daquilo que o ancião acordando de súbito, uma noite, estendeu a mão e verificou que se achava sozinho na cama. O quarto estava em trevas e vinha da janela um som de soluços abafados. Sentou-se na cama e escutou.

— Mais frio estará sentindo meu filho - respondeu a anciã, e soluçou mais alto.

O som dos soluços morreu nos ouvidos dele. A cama estava quente e, seus olhos, pesados de sono. Dormitou um pouco, agitado, e depois adormeceu, até que um súbito grito selvagem da esposa o acordou em sobressalto.

— A mão do macaco! - gritava ela, selvagemmente. A mão do macaco!

Ele despertou, alarmado.

— Onde? Onde está? Que foi que aconteceu?

Ela veio cambaleando pelo quarto, em direção a ele.

— Quero-a - disse, calmamente. - Tu não a destruiste?

— Está na sala, na prateleira - respondeu ele, muito admirado. - Por quê?

Ela chorava e ria-se ao mesmo tempo e, curvando-se, beijou-o na face.

— Só agora me lembrei disso - disse, histericamente. - Por que não me lembrei antes?

Por que não te lembraste tu?

— Lembrar de quê?

— Dos outros dois desejos - respondeu ela, rapidamente. - Só formulamos um.

— E não foi bastante? - perguntou ele, com vio- lência.

— Não! - exclamou ela, triunfalmente. - Formularemos mais um. Vai lá embaixo. traze-a depressa, e manifesta o desejo que teu filho esteja vivo de novo.

O homem sentou-se na cama e afastou as cobertas de sobre os membros trêmulos.

— Santo Deus, estás louca! - exclamou, aterrado.

— Vai buscá-la, - insistiu ela. - Vai buscá-la e pede. Oh, meu filho, meu filho!

O marido riscou um fósforo e acendeu a vela.

— Volta para a cama - disse, irresolutamente. - Não sabes o que estás dizendo.

— Obtivemos a realização do primeiro desejo, - disse a anciã, com fervor; - por que não havemos de obter o segundo?

— Uma coincidência... gaguejou o ancião.

— Vai buscá-la e pede, gritou a anciã, arrastando-o para a porta.

Ele desceu, no escuro, tateou o caminho para a sala e depois para o aparador. O talismã estava no seu lugar, e um horrível medo de que o desejo não formulado trouxesse o filho mutilado à sua presença, antes que ele pudesse fugir do aposento, apoderou-se do seu espírito. Susteve a respiração, quando viu que perdera a direção da porta. Com a testa úmida de suor, encontrou o caminho em volta da mesa, e foi-se arrastando, ao longo da parede, no estreito corredor, com aquela coisa nojenta na mão.

Até o rosto da esposa pareceu-lhe mudado, quando entrou no quarto. Estava branco e expectante, e, para seu receio, parecia ter um ar sobrenatural. Teve medo dela.

— Pede! - gritou ela, em voz forte.

— É uma tolice inútil - esquivou-se ele.

— Pede! - repetiu a esposa. E ergueu a mão. - Quero meu filho vivo de novo.

O talismã caiu no assoalho e o velho fitou-o, estremecendo. Depois, deixou cair-se, tremendo, em uma cadeira, enquanto a esposa, com os olhos ardendo, se dirigia à janela e levantava a gelosia.

Ficou sentado até sentir-se enregelado de frio, olhando de vez em quando para a figura da anciã, espreitando para fora pela janela. O coto da vela, que ardera até abaixo do anel do castiçal de porcelana, lançava sombras oscilantes sobre o teto e as paredes, até que, com uma palpitação mais forte do que as outras, extinguiu-se. O ancião, com indizível sensação de alívio pelo fracasso do talismã, voltou à cama, e, um minuto ou dois após, a anciã veio, silenciosa e apática, para junto dele.

Nenhum dos dois falou e ambos ficaram deitados silenciosamente, escutando o tique-taque do relógio. Um degrau da escada estalou e um camundongo assustado correu ruidosamente por dentro da parede. A escuridão era opressiva; depois de ficar algum tempo deitado, reunindo coragem, o marido pegou na caixa de fósforos e, riscando um, desceu as escadas para buscar uma vela.

No último degrau, o fósforo apagou-se, e ele parou para acender outro, mas, naquele momento, uma batida tão leve e furtiva que mal era audível, soou na porta da rua.

Os fósforos caíram-lhe das mãos. Ficou imóvel, com a respiração suspensa, até que a batida se repetiu. Então, voltou-se e correu velozmente até o quarto, fechando a porta atrás de si. Uma terceira batida ressoando pela casa.

— Que foi isto? - exclamou a anciã, sobressaltando-se.

— Um rato - disse o ancião, em voz trêmula. - Um rato. Passou por mim, nas escadas.

A esposa sentou-se na cama, escutando. Uma batida forte ressoou pela casa.

— É Herbert! - gritou ela. - É Herbert!

Correu para a porta, mas o marido colocou-se diante dela e, agarrando-a pelo braço, segurou-a com força.

— Que vais fazer? - sussurrou, asperamente.

— É meu filho, é Herbert! - gritou ela, lutando mecanicamente. - Tinha-me esquecido de que eram duas milhas de caminho. Por que me seguras? Solta-me! Tenho de abrir a porta.

— Pelo amor de Deus, não o deixes entrar! - disse o ancião, tremendo.

— Tens medo do teu próprio, filho! - exclamou ela, debatendo-se. - Deixa-me ir! Já vou, Herbert, já vou!

Houve outra batida, e mais outra. A anciã, num súbito arranço, libertou-se e saiu correndo do quarto. O marido seguiu-a até ao patamar e chamou-a insistentemente, enquanto ela corria escadas abaixo. Ouvia a corrente de segurança ser retirada e a lingüeta da chave abrir-se, rangendo. Depois, a voz da anciã, áspera e palpitante.

—O ferrolho! - gritou, alto. - Desce, não posso atingi-lo!

Mas o marido estava de gatas, arrastando-se ferozmente pelo chão, à procura da mão do macaco. Se pudesse ao menos encontrá-la, antes que aquela horrível coisa lá de fora entrasse! Uma verdadeira saraivada de batidas repercutiu pela casa, e ele ouviu o arrastar de uma cadeira, que a esposa estava colocando junto da porta. Ouviu, ainda, o ruído do ferrolho ao ser aberto lentamente; no mesmo instante, achou a mão do macaco, e, freneticamente, bradou seu terceiro e último desejo.

As batidas pararam de súbito, embora o seu eco inundasse, ainda, a casa. Ouviu a cadeira sendo arrastada para trás e a porta abrir-se. Um vento frio encanou pelo vão das escadas, mas o longo e sonoro lamento de decepção e agonia da esposa deu-lhe coragem para descer até onde ela estava, e abriu a porta por trás dela. O lampião, que piscava em frente, mostrou-lhe a estrada, calma e deserta.

**FIM**

---

Copyright © 1999, [virtualbooks.com.br](http://virtualbooks.com.br)

Todos os direitos reservados à Editora Virtual Books Online M&M Editores Ltda.

É proibida a reprodução do conteúdo deste livro em qualquer meio de comunicação, eletrônico ou impresso, sem autorização escrita da Editora.



[www.virtualbooks.com.br](http://www.virtualbooks.com.br)

versão para  
**RocketEdition™**

**eBooksBrasil**  
[www.ebooksbrasil.com](http://www.ebooksbrasil.com)

**Dezembro - 1999**